O VINHO NOVO É MELHOR.

Capítulo 1.

Um Pobre Menino Rico

Meu nome é Robert Thom, e sou um milagre vivo; embora não passe de uma pessoa muito vulgar que descobriu que a vida não precisa ser a chocha monotonia de fazer as mesmas velhas coisas pelos mesmos velhos modos, todos os dias. . . não precisa, se você esta disposto a arriscar-se a viver pela fé.

Apalpe este cheque de dois mil dólares, por exemplo. Acreditaria você que um homem o deu a mim, sem nenhuma condição? Pois isso aconteceu recentemente. Eu estava hospedado no hotel Travelodge, em Zanesville, Ohio. Acordei naquela manhã pensando em minhas dívidas. Dois mil dólares é um bocado de dinheiro, especialmente se você não os possui. O fato é que nossa tipografia lá na África precisava, no mínimo, daquela quantia para começar a funcionar. Eu tinha escrito cerca de trinta livros de cunho inspirativo para leitura dos crentes de língua africana. As formas já estavam prontas, o papel já havia sido recebido e () logo estaria o pronto para rodar. Mas eu não tinha a menor idéia de onde viria o dinheiro para pagar aos empregados. "Para que eu tenha com que pagar àqueles trabalhadores", falei a Deus naquela manhã, "Tu terás de realizar um milagre de dois mil dólares para mim.". Eu já não tomei conta de você antes? pareceu-me ouvi-lo dizer. "Oh, certo", repliquei, "bem que pensei que devia lembrar-me disso. . "Então por que você não começa por me louvar? admoestou-me a Voz delicadamente. Lembrei-me imediatamente do versículo 3 do Salmo 22, quando Davi se refere a Deus como aquele que habita nos louvores de Israel.

"Por que não?" perguntei-me a mim mesmo. Eu não possuo os dois mil dólares, mas tenho as promessas de Deus; assim sendo, vou tirar o dia de hoje para louvá-lo. Estando ajoelhado, levantei-me, atravessei o quarto e fechei a porta. Sorri ao pensar no que ia fazer. "Quem jamais ouviu isso de tirar um dia para louvar o Senhor?" pensei, sorrindo. Entretanto, eu estava certo de que seria uma experiência revigoradora: "Pai, dou-te graças por suprires todas as minhas necessidades. Bendigo o teu Nome pelos dois mil dólares que vais enviar-me. Louvo-te porque não preciso escrever cartas aos meus amigos pedindo auxílio. Louvai ao Senhor Aleluia!".

Andei no assoalho daquele quarto de hotel tão-somente me rejubilando no Senhor. Quanto mais o louvava, menor me parecia a quantia de dois mil dólares! Lembrei-me de muitas outras coisas que Deus já fez por mim. Recordei-me de como ele me salvou e me transformou completamente, de um marinheiro beberrão num pregador do evangelho. Recordei-me de como ele me dera um carro brilhando de novo, inteiramente de graça. Recordei-me de como eu fora salvo de uma tentativa premeditada de assassinato. Cada

incidente que me vinha à lembrança provocava mais louvores. Levantei as mãos para o céu e adorei na presença do Senhor. "Ó Deus! Tens sido tão bondoso para comigo!" exclamei. "Eu te adoro! Eu te louvo!" Pouco depois do meio-dia o telefone tocou. - Irmão Thom?

- Sim.

- Aqui fala o irmão Chambers. Aceita comer um bifesteque comigo hoje?

Walt Chambers era um amigo que eu conhecera no Ohio por ocasião de um reavivamento.

- Bem - respondi, quase babando só em pensar num bife suculento; - seria ótimo; agrada-me seu convite. Mas, sabe? Estou tirando o dia hoje para louvar o Senhor.

- Você está o quê? - perguntou ele com um leve tom de graça.

- Este é o meu dia de oferecer a Deus o sacrifício de louvor - expliquei. - Estou tirando o dia de hoje para algo de que necessito. Fiz um pacto com Deus de louvá-lo hoje o dia todo, e a minha necessidade será suprida, porque Deus habita nos louvores de seu povo.

- Jamais ouvi tal coisa! - exclamou ele. - De qualquer modo isso quer dizer que não há condição para estarmos juntos hoje, não é isso? Vejamos; que tal amanhã?

- Ótimo, Walt - repliquei. - É muita bondade sua. Se você puder apanhar-me amanhã ao meio-dia, sentir-me-ei feliz em poder almoçar com você.

- Aí estarei - assegurou-me ele. Agradecendo-lhe mais uma vez e, pendurando o fone, voltei a louvar a Deus pelos meus dois mil dólares.

No dia seguinte o irmão Chambers foi buscar-me e rumamos para um restaurante no centro de Zanesville. Logo que nos assentamos para almoçar, foi ele dizendo:

- Irmão Thom. Acabo de vender uma linda propriedade e, agora, por causa disso, sou devedor ao Senhor do dízimo do que recebi. Que tal se eu desse a você um cheque de dois mil dólares?

De imediato eu louvei ao Senhor em alta voz!

- Irmão Chambers, - falei, lutando para não elevar demais a voz, - isto tem de ser um milagre! Sabe que essa é a quantia exata pela qual eu, ontem, estava louvando ao Senhor? Então, ambos, juntos, louvamos ao Senhor, e ele pegou o talão de cheques e começou a escrever. Quando voltei ao meu quarto no hotel, peguei o cheque e, com os olhos cheios de lágrimas, fiquei a olhá-lo uma vez e outra vez. Deus tinha, de novo, provado a mim sua fidelidade. Não havia ele dito: "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Filipenses 4:19)? – Foi baseado nessa promessa que, no dia anterior, por antecipação, eu tinha louvado a Deus. Naquela altura eu ainda não tinha recebido quantia alguma, porém eu tinha a Palavra de Deus. Eu sabia, por experiência própria, que Deus sempre cumpre suas promessas. Se Deus disse que supriria minhas necessidades, isso é tão bom como se ele já o tivesse feito. Assim, eu o havia louvado pela fé. E, agora, ali estava o cheque na minha mão. Não havia nisso nenhuma surpresa, pois acontecera exatamente

como eu esperava. "Senhor", falei quando me deitei naquela noite, "viver pela fé em ti é a melhor maneira de viver!"

Ajustando meu travesseiro numa posição mais confortável, acomodei-me para passar a noite e comecei a me lembrar de como Deus me havia ensinado a andar pela fé.

Minha memória recuou... aos dias de minha infância na África do Sul, onde tudo teve início e de um modo quase inverossímil. . . o Orfanato Metodista estava instalado em uma zona rural chamada Rondebosch, distante cerca de doze quilômetros da movimentada cidade de Cape Town. As cinco construções

de tijolo vermelho abrigavam cerca de 180 crianças sujeitas a severa disciplina. Havia três casas para meninas e duas para meninos. Mesmo nos dias ensolarados aqueles velhos edifícios de dois andares pareciam tristes e depressivos - seus forros escuros e suas pequenas janelas cinzentas no alto das paredes, mirando-nos lá de cima como guardas postados nos muros duma prisão.

Foi em 1925 que minha mãe viúva me levou, e a minha irmã, ao orfanato; eu tinha dez anos de idade. Mamãe assegurou-nos que nos sentiríamos bem com as outras crianças, e que as pessoas que tomavam conta da gente mostrar-nos-iam muito amor.

- Vocês sabem o quanto o pai de vocês confiava nessa instituição - disse-nos mamãe. - Todo ano ele dava setecentos dólares para o sustento desta instituição, e tenho certeza de que ele ficaria contente se soubesse que dois de seus filhos estão sendo amados e educados por pessoas crentes.

Mas eu jamais entendi a espécie de amor que eles tinham lá. Acho que tinham boas intenções, mas a disciplina era tão rigorosa que era difícil sentir alguma forma de amor. Passei quatro longos anos nesse lugar e, quanto mais ali permanecia, tanto mais eu o odiava. Odiava levantar-me naquelas manhãs frias e nevoentas e ter de esfregar os pisos de cimento, vestido apenas com uma camisa fina, calção e descalço.

"Deus querido", eu choramingava ajoelhado no cimento frio, segurando a dura escova, "por que você deixou papai morrer? Por que tenho de viver aqui neste lugar horrível? Eu quero ir para casa!".

Mas parecia que Deus não me dava a menor atenção. E então, semana após semana e mês após mês, continuava a levantar-me cedo naquelas manhãs friorentas e tristes e a esfregar aqueles pisos de concreto. Não demorou muito e comecei a tossir muito e a sentir a respiração curta. Naquele tempo eu não sabia, mas a contínua exposição àquelas manhãs frias estava desenvolvendo em mim uma séria doença - a asma.

Certa manhã, seguro de que ninguém estava me vendo, deixei cair, com barulho, o escovão e falei: - Eu odeio este lugar! Eu o odeio, eu o odeio, EU O ODEIO!

- Oh, você odeia, não odeia? - falou uma voz atrás de mim.

Olhei para cima, surpreso e envergonhado de que alguém me tivesse ouvido. Era a irmã Emily Dunn, a inspetora de serviço!

- Venha comigo, Robert - disse ela rispidamente. - Você precisa fazer o que ordenam a você e sem se queixar. Não leu você na Bíblia que, quando as pessoas se queixam, isso desagrada ao Senhor?

Levou-me, então, ao seu escritório, deu-me uma boa surra em nome do Senhor e me mandou voltar e acabar o meu serviço.

Terminada a tarefa matutina, éramos todos obrigados a tirar a roupa e tomar banho em água fria como gelo. Recordo-me de certa manhã tremendamente fria, quando um dos garotos disse:

- Hei, pessoal, há gelo nessa água!

- Olhamos todos para a velha e antiquada banheira e, não havia dúvida, fina camada de gelo formava a superfície da água.

- Eu não entro aí! - gritou um garoto.

- Nem eu! - exclamou outro.

- Mas, se não ouvirem o barulho da água, logo saberão que não estamos tomando nossos banhos! - advertiu outro menino.

- Então quebremos o gelo e agitemos um pouco a água! - sugeriu outro garoto. Pareceu boa a idéia para os demais; assim, cada um por sua vez, mergulhamos o pé na banheira e agitamos a água três vezes para, pelo barulho, darmos a impressão de que estávamos tomando banho.

Mas, o que não sabíamos era que a irmã Emily Dunn nos estava observando através de um buraco no forro! Depois que nos vestimos, lá estava ela esperando por nós! Levou-nos todos ao seu escritório e pegou sua vara de marmelo de quase 1 metro e meio.

- Que vergonha! - disse ela. – "Vocês não sabem que a Bíblia diz". . . e sabei que o vosso pecado vos há de achar"? Se hoje está muito frio para tomar banho, talvez isto esquente vocês, hein?

E, um por um, ela, asperamente, virou nossas palmas para baixo e, com aquela temida vara, vibrou golpes firmes e dolorosos em nossas mãos.

- Agora desçam ao refeitório e comam sua refeição! - resmungou ela. - E que eu não volte a pegá-los deixando de tomar banho!

- Sim, senhora! - cantamos em coro, e saímos correndo a juntar-nos aos demais. Em cada degrau que pisava, eu dizia comigo mesmo: - Odeio este lugar! Ó Deus, como odeio este lugar! Odeio-os e a religião deles! Odeio tudo isto!

No refeitório, ficávamos em posição de sentido como soldados e repetíamos a mesma oração que sempre fazíamos antes de cada refeição: "Faça-nos o Senhor sinceramente agradecidos pelo que vamos receber. Amém." Até essa oração eu odiava; a mesma velha oração, três vezes por dia, diariamente. Para mim era repugnante.

Depois de um mingau, grossas fatias de pão e xícaras de chocolate, tínhamos de lavar os pratos. Minha tarefa era esfregar os caldeirões e panelas. Quase sempre eu terminava minha tarefa em cima da hora de sair correndo para a aula.

Tínhamos escola no orfanato, uma das poucas coisas de que eu gostava ali. Na África do Sul a educação está muito adiantada, como resultado do grande e bem cuidado preparo pré-escolar que é exigido. Por causa disso eu esperava graduar-me na idade de quatorze anos. Não desejando permanecer naquele orfanato um dia além do necessário, muito me esforcei nos estudos de modo a poder graduar-me no tempo certo. Consegui manter-me como primeiro aluno da classe durante os quatro anos.

Depois das aulas matutinas, voltávamos ao refeitório e recitávamos a mesma e velha oração: "Faça-nos o Senhor sinceramente agradecidos pelo que vamos receber. Amém." Duvido que qualquer de nós dedicasse um só pensamento ao que estávamos dizendo. Não passava de uma rotina estritamente mecânica e, quem desejasse comer, melhor faria em repetir aquela "senha".

Depois do almoço havia mais panelas e caçarolas para esfregar, antes de seguirmos para as aulas da tarde. As atividades da escola se encerravam às três e meia e, então, durante uma hora tínhamos de esfregar e encerar um pouco mais os assoalhos. Ao terminarmos, aqueles assoalhos brilhavam de tal maneira que você poderia ver seu rosto perfeitamente refletido neles.

Permitiam-nos uma hora de recreio antes do jantar. Não tivéssemos essa hora e poderíamos ter enlouquecido. Mesmo nessa ocasião éramos cuidadosamente fiscalizados para que não nos tornássemos por demais barulhentos. Fosse como fosse, era melhor que nada, e nos sentíamos gratos pelo breve alívio da triturante disciplina do dia.

Às cinco e meia nos reuníamos no refeitório para o jantar. Lá vinha de novo a monótona repetição das vozes da meninada em abafado uníssono, remoendo aquela oração. "Faça-nos o Senhor sinceramente." Algumas vezes, ao sentar-me à mesa, minha memória me levava de volta aos felizes dias em Oudtshoorn, a quinhentos quilômetros. Naquele tempo éramos ricos. Eu me lembrava de tudo tão claramente: as árvores formando arcos de sombra no gramado à frente da casa; a casa de pedra, com doze quartos, na High Street, erguendo-se imponente como se fosse a mansão de uma fazenda; minha mãe saindo para fazer suas compras confortavelmente acomodada num belo carro puxado por seis cavalos brancos, enfeitados seus arneses com brilhantes plumas brancas de avestruz; os criados que enceravam o chão, cuidavam dos jardins, lavavam e passavam nossas roupas, e nos serviam à mesa; meus sete irmãos e irmãs, e os fiéis criados que tomavam conta de nós e brincavam conosco debaixo das árvores.

Meu pai, Alexander Thom, era um escocês grande, louro, um metro e noventa e três centímetros de altura e um dos proeminentes homens de negócio de Oudtshoorn. Oudtshoorn era a capital do mundo do avestruz e devia seu sucesso às mulheres que, em todo o mundo, usavam as elegantes plumas de avestruz em seus chapéus. Meu pai era joalheiro, mas, quando percebeu o que estava acontecendo no mercado das penas de avestruz, entendeu que seria um bom investimento paralelo ajudar as finanças de alguns criadores de avestruz de modo a poderem aumentar suas criações. Durante algum tempo

a impressão era de que ele fizera um investimento vantajoso e os lucros se fizeram presentes. Mas, um dia em 1922, meu pai voltou para casa com más notícias.

- Maria - ouvi-o dizer à minha mãe, uma irlandesa de cabelos pretos, - o negócio das penas está fracassando.

- Óh? - replicou ela um tanto surpresa. Isso quer dizer que estamos em dificuldades?

- Bem, a coisa está ruim para os criadores de avestruz. Mas você já imaginou o que vai acontecer se os criadores forem afastados do negócio? Depois de todo aquele dinheiro que emprestei a eles.. .

Mamãe fechou-se em profundo pensamento por um momento, parecendo não saber o que dizer. Mas foi apenas um momento.

- Talvez não seja tão mau quanto parece disse ela, tentando confortar meu pai. - Todo negócio tem seus maus dias.

- Um dia mau podemos tolerar – redargüiu ele, mas quando isso se transforma em semanas, você sabe que as coisas não estão boas. Quando o terrível desastre financeiro ocorreu alguns meses depois, fomos duramente atingidos.

Todos os fazendeiros da área ao redor estavam em débito conosco e não tinham condições de pagar-nos. Papai ainda possuía, é claro, a joalheria, mas eu bem me lembro de que tivemos ocasiões de intensas orações quando nos reuníamos no culto doméstico. Lembro-me muito bem de como os moços que andavam cortejando minhas irmãs naqueles dias se sentiam algo embaraçados quando meu pai os fazia participar de nossas reuniões de oração antes de ir a algum lugar!

Pobre gente rica! Fosse como fosse, Deus nos viu no meio daqueles dias difíceis sem que evidenciássemos maior abatimento, a não ser o orgulho um tanto afetado. Mamãe testificou que Deus tinha ouvido nossas orações, e eu acreditei que sim!

De vez em quando, naqueles tempos de oração, papai começava a falar acerca da morte.

- Sabe de que eu gostaria? - dizia ele. _ Quando morrer gostaria de ir estar com o Senhor no mesmo dia em que morreu meu Salvador: a sexta-feira da paixão. Não seria esse um belo dia para partir para o céu?

- Ora, papai, - falava mamãe com alguma tristeza, - acha você necessário estar sempre falando a respeito da morte?

- Bem, o fato é que todos temos de morrer algum dia, - argumentava papai. - E a sexta-feira da paixão é o dia que se ajusta comigo de modo perfeito.

- Bem, mas não percebo que diferença faz o dia em que você morra, - replicou mamãe.

- Pode ser que não, - insistiu papai, - mas o Senhor tem me atendido em desejos menores do que esse, não tem?

Meu pai era um homem peculiar. Era um presbiteriano razoável com grande interesse pela Bíblia e pela oração; no entanto, não consigo me lembrar de tê-lo visto alguma vez

na igreja. Mas era respeitado por todos como homem de profunda devoção, e, também muito amado, especialmente pelas pessoas menos favorecidas de Cape.

Recordo-me do dia em que ele morreu. Eu tinha apenas dez anos. Papai vinha tendo problemas respiratórios e ultimamente sua respiração se tornara difícil. Um dia, já era meio-dia, como ele ainda não se levantara, entrei no quarto dele para ver por que ele ainda estava na cama. Vi-o, então, respirando com dificuldade, comprimindo o tórax e lutando angustiosamente em busca de um pouquinho de ar. Saí como uma flecha para chamar minha mãe.

- Acho bom a senhora ir ver o papai, - disse-lhe. - Ele não está passando bem. Pelo tom de minha voz ela percebeu que eu estava muito assustado. Disparou para o quarto e levou um susto ao encontrá-lo naquela ânsia para respirar. Ele tinha apenas cinqüenta e dois anos de idade e jamais dera a ela a impressão de estar tão doente. Tentou socorrê-lo, mas, por mais que fizesse, não conseguiu aliviar-lhe a angústia. Continuou a piorar e, às 3 horas da tarde, inesperadamente, morreu. Chocados, só muito depois nos demos conta de que sua morte ocorreu numa sexta-feira da paixão . . Durante o cortejo fúnebre, em ambos os lados das ruas, numa distância de cinco quilômetros até ao cemitério, os pobres formavam filas extensas, caso único na África do Sul. Aquela gente amava meu pai. Foi pouco tempo depois do enterro de papai que mamãe decidiu internar-nos, eu e minha irmã, no Orfanato Metodista que ficava a quinhentos quilômetros de casa. Para ela foi uma decisão terrível que teve de tomar. Inopinadamente seu mundo se desfez em pedaços! Como nunca pensara em morrer tão cedo, papai não fizera seu testamento. Mamãe ficou sem nada. As dívidas deixadas por ele andavam pelos cinqüenta mil dólares e mamãe não se acreditava capaz de gerir os negócios naquelas condições, muito menos o relacionado com a joalheria.

- Não posso dirigir esse negócio - choramingou ela. - Alexander sempre controlou tudo e, para mim, é responsabilidade demais.

O magistrado local se prontificou a ajudá-la, mas, para ela, cinqüenta mil dólares pareciam uma irremovível montanha. Por isso, tomou a decisão de sair dali e deixar que as propriedades fossem vendidas em leilão. A joalheria, a casa grande de pedra, os móveis e nossos cavalos; abandonou tudo e se foi para Cape Town . .

O ruído do arrastar das cadeiras ao nos levantarmos das mesas no refeitório de nosso orfanato me trouxe de volta à realidade, como se levasse um choque. Eu tinha estado tão profundamente imerso nas lembranças de Oudtshoorn que não sentira passar o tempo. Rapidamente meti na boca, de uma só vez, os últimos dois ou três pedaços de batata que restavam no prato e, de um salto ajuntei-me aos outros meninos que se dirigiam à cozinha para a tarefa de panelas e louças.

Arrumada a cozinha, fomos mandados aos nossos quartos para os estudos até à hora de dormir. Às oito horas resmungamos uma oração decorada, caímos na cama cansados e exaustos - e as luzes se apagaram. Mamãe tinha alugado uma pequena casa perto de

Maitland, a cerca de seis quilômetros do orfanato. Mas, para nossa grande tristeza, só lhe permitiam visitar-nos,
a mim e minha irmã, quatro vezes por ano. E essas visitas costumavam ser nos sábados à tarde. A princípio, eu aguardava essas visitas com muita ansiedade mas, depois
de um ano ou dois, nosso amor já não era o mesmo. Nós vivíamos no nosso pequeno mundo e ela vivia no dela. Algumas vezes se tornava difícil achar sobre o quê conversar quando ela vinha, e, por isso, ficávamos embaraçados, como estranhos tentando conversar.

A outra única diversão da melancólica rotina do Orfanato Metodista eram as férias de três semanas por ocasião do Natal. À medida que a ocasião se aproximava cada ano, mal conseguíamos disfarçar nossa alegria que parecia vir tão espontaneamente ao pensarmos em sair de nossa "prisão" ainda que por poucas semanas. Mas sabíamos que precisávamos reservar nossa alegria só para nós mesmos. Teria sido muito ruim se a irmã Emily Dunn se apercebesse de como estávamos ansiosos para nos irmos!

De alguma forma, no entanto, essas férias se constituíam, para mim, num certo desapontamento. Era difícil esquecer totalmente a disciplina rigorosa do orfanato.
Parecia que a irmã Emily Dunn estava sempre me vigiando como silencioso espectador. Sua religião rigorosa criara um muro ao redor de mim, como as fortificações que cercavam Jericó.

A nova casa de mamãe foi um desapontamento para mim. Senti falta de nossa esplêndida casa de pedra em High Street, de nosso imenso gramado onde costumávamos brincar e de meu deleitoso quarto. A mudança deve ter sido tão difícil para ela quanto foi para nós, embora ela jamais dissesse uma palavra a respeito. Ganhava seu sustento cuidando de pessoas idosas, fazendo serviço doméstico e algum trabalho extra. Lembrando dos criados que havíamos tido em Oudtshoorn, eu me admirava de conseguir ela ser tão alegre e bem disposta.

- Você está tossindo muito, Bobbie - dizia ela.

- Venha aqui e tome um pouco do meu xarope. Eu tomava dose após dose do seu remédio, mas de nada adiantava.

- Como será que você pegou esse resfriado? perguntava ela solícita. - Será que você andou aí por fora brincando sem agasalho?

- Ora, mamãe, eu estou sempre com o meu agasalho - respondi. - A senhora não precisa preocupar-se; é só um pouquinho de tosse. Em poucos dias já estou bom.

Eu não queria contar-lhe a respeito da tarefa de esfregar aqueles pisos de cimento e de como o frio era forte de manhã cedo.

Quando a terceira semana de férias começou a correr, à medida que sentia que logo estaria de volta ao orfanato por mais um ano, um estado de espírito desanimador começou a dominar-me. Bem que gostaria de dizer à mamãe quanto odiava aquilo, mas nunca ousei fazê-lo. É bem provável que ela desconfiasse de alguma coisa.

Lutei contra as lágrimas por todo o caminho de volta ao orfanato. Antes de me deixar, mamãe pôs a mão sobre minha cabeça e disse:

- Estarei orando por você, Bobbie. Você sabe que seu pai e eu sempre quisemos um ministro na família. E você vai ser um bom ministro! - E foi embora.

"Ministro! Não eu!" Sentia-me tão enjoado de religião que podia até morrer! "Querida irmã Emily Dunn e suas orações rabugentas!" Orações - toda manhã - toda noite - toda refeição! A mesma conversa mole religiosa, sempre e sempre! Estou tão enjoado dela que sou capaz de vomitar!

"Querido Deus", orei naquela noite, "a vida cristã deve ser algo mais do que o que estou vendo aqui". Depois de pensar um pouco, surpreendi-me acrescentando: "Você sabe, realmente eu gostaria de ser como papai e mamãe disseram, mas não, se eu tiver de ser como esta gente aqui!"

Deitei-me em minha cama, sentindo-me um pouco culpado por pensar tão maus pensamentos. Afinal de contas o pessoal do orfanato estava nos alimentando, vestindo-nos e dando-nos educação. Não que eu não apreciasse isso. Mas alguma coisa estava faltando, algo indefinível de que eu precisava desesperadamente. Ali fiquei, no escuro, com as lágrimas me escorrendo pelo rosto, tentando descobrir o que é que estava errado.

Alguns dias depois, à tardinha, todos os cento e oitenta internos estávamos reunidos na igreja do orfanato para ouvir um seminarista que ia pregar. Não me lembro do seu nome, mas jamais esquecerei o que ele disse. "Deus realmente ama vocês", disse ele com muita firmeza. "Vocês meninos significam muito para Deus. Vocês são algo muito especial para ele!" Eu bebi cada palavra. A mesma coisa fizeram os outros. As palavras dele caíram como gotas de chuva num jardim ressequido. "Amor!" Fazia muito tempo que não ouvíamos algo assim! "Ouçam-me", prosseguia o jovem pregador. "Deus amou vocês de tal maneira quem viu seu Filho unigênito para morrer por vocês! Jesus deu sua vida e derramou seu sangue para pagar o castigo pelos pecados de vocês. E vocês podem conhecer Jesus e sentir o seu amor se vocês pedirem que ele entre em suas vidas!" Quando voltei para o dormitório naquela noite eu não podia dormir. Mexia-me sem sossego horas a fio e sempre pensando em Deus, admirado de que ele realmente me amasse. "Deus", orei baixinho, "se você realmente é Deus, e se está verdadeiramente interessado em mim, então apareça para mim esta noite e faça com que eu me sinta cônscio de sua presença junto à minha cama."

Ainda não tinha terminado minha oração quando ouvi o relógio da igreja batendo a meia-noite. Eu já ouvira aquelas lúgubres badaladas muitas vezes antes, mas, desta vez, elas soavam como as harpas dos anjos. Imediatamente senti a presença de Deus. Sua glória me invadiu como ondas e ondas de eletricidade líquida. Era quase como se ele se curvasse sobre mim e sussurrasse: "Eu amo você." Por muito tempo chorei e chorei. Eu não conseguia evitá-lo. Deus me amava!

Capítulo Dois

Uma Dose de Conhaque Mentolado

Recebi meu diploma da escola do orfanato em 1929, com a idade de quatorze anos. A irmã Emily Dunn dispensou-me um tratamento muito carinhoso no dia da formatura, embora eu desconfiasse que sua felicidade seria mais, talvez, por estar ficando livre de mim. Todos os formandos receberam um terno novo, dois pares de sapatos e um par de botas. Fomos, então, devolvidos ao mundo para nos arranjarmos por nós mesmos. Mas eu fui para casa com grandes esperanças de continuar meus estudos.

Entretanto, logo que mamãe me recebeu em sua casa de tijolos, composta de três quartos, em Maitland, ela deixou bem claro que eu teria de conseguir um emprego e ajudar nas despesas da casa. Mais velhos que eu, meus irmãos Alec e Leslie, e Myrna, minha irmã, ainda morando em casa, todos trabalhavam para ajudar, e eu teria de fazer a mesma coisa.

Poucos dias depois, um de meus irmãos me ajudou a arranjar um emprego como auxiliar no departamento de contabilidade da Companhia de Elevadores Otis, ganhando o salário ridiculamente baixo de quatro dólares e trinta e cinco centavos por semana.

- Mãe - disse eu com alguma hesitação – a senhora concorda em que eu lhe entregue quatro dólares e fique com os trinta e cinco centavos?. Quatro dólares não era muita coisa, eu sabia, mas eu pensava que desse ao menos para ajudar a pagar o aluguel- que era oito dólares e quarenta centavos por mês. Bobbie - disse ela pesarosamente – você sabe que eu não os exigiria de você se as coisas não estivessem tão ruins. Pode ser que as coisas melhorem. Mas, até lá, temos de continuar a reunir num fundo comum todo o dinheiro que temos para que possamos equilibrar o orçamento.

Mas eu sabia que as coisas não mudariam, a menos que eu me preparasse melhor de maneira a capacitar-me para um emprego melhor. Conversei a esse respeito com mamãe e, finalmente, ela concordou em que eu freqüentasse uma escola noturna, embora isso fosse pesado para ela.

Logo que fui me ambientando, descobri que nem tudo estava bem em nossa casa. Havia uma frieza no ar que me incomodava. Raramente nos falávamos, a não ser quando estávamos brigando. O fato era que Alec e Leslie me ignoravam e, como eles tinham mais de vinte anos e eu apenas quatorze, pouco havia para dizermos uns aos outros.

Surgiu, então, o problema da igreja. Desde meu encontro com Deus no orfanato, minha vida tinha mudado muito. Por isso, quando vim morar em Maitland, decidi que freqüentaria a Igreja Metodista da cidade. Mas logo descobri que ia ter um mau bocado e logo no primeiro domingo de manhã. Alec e Leslie tinham chegado muito tarde na noite anterior e estavam dormindo. Eu estava, tão silenciosamente quanto possível, me

preparando para ir à igreja, mas o barulho da água correndo e as idas e vindas entre o guarda-roupas e o espelho, acordaram Alec.

- Eh, garoto, o que é que você está fazendo aí?

- perguntou ele de seu quarto.

- Me arrumando - respondi timidamente. - Arrumando pra quê?

- Para ir a um lugar qualquer.

Nessa altura Leslie também acordara. Ambos se levantaram e, ainda meio dormindo, entraram no meu quarto.

- Ah, já vi tudo! - zombou Alec falando meio engrolado, de olho na minha camisa branca e na gravata. - Você vai à igreja, não vai?

- Sim - repliquei de olhos baixos. - O que é que você tem com isso?

- Você não sabe que nesta família ninguém vai à igreja? - bufou Leslie.

- Pois talvez devessem - respondi, tentando criar coragem.

- Não tente bancar o sabido com a gente, menino - ameaçou Alec. - Não precisamos nem um pouquinho de sua religião por estas bandas!

- É isso mesmo - ajuntou Leslie. - Nós não acreditamos nessa coisa.

- Alec! Leslie! - ouvi minha mãe chamando do seu quarto. - Deixem-no em paz!

Eles voltaram para seu quarto, mas, daí em diante, me evitavam como se eu fosse um leproso. Myrna falava comigo uma vez ou outra e mamãe procurava ser boa para mim, mas, no fundo, eu levava uma vida solitária.

Quase todo sábado, à noite, Alec e Leslie recebiam seus amigos para um jogo de cartas. Houve uma noite de sábado em particular, na qual, depois de ter ido para a cama, ouvi minha mãe discutindo com eles a respeito de alguma coisa.

Vocês sabem que seu pai não toleraria essa jogatina, nem eu vou tolerar também! - dizia mamãe. O dinheiro é meu, não é? - retrucou Alec. Mas vocês prometeram que ajudariam nas despesas da casa - queixou-se ela em voz alta. E aí estão vocês perdendo tudo no jogo!

A senhora está-nos dizendo que não podemos ter um pouco de divertimento com nossos amigos de vez em quando? - reclamou Leslie. - Que a senhora está tentando fazer afinal de contas?

_ Estou tentando conservar um lar em harmonia! - Respondeu mamãe, um tanto alterada. - E você, o que pretende?

_ Não grite comigo, madama! - rosnou Alec.

_ Não estou aqui para agüentar essa dureza!

_ Saiam! - mamãe retrucou.

_ Obrigue-nos! - contrapôs Leslie.

Foi então que ouvi o barulho de pisadas e gritos e cadeiras caindo. Pulei da cama a tempo de ver mamãe empurrando e pondo porta a fora o bando todo. Atirando as cartas para o ar, saíram todos num chorrilho de xingamentos. Foi até um tanto engraçado ver

minha mãe, tão pequena, dominá-los tão eficientemente. Na ponta dos pés, voltei às pressas para a cama, antes que ela me visse. Antes de pegar no sono fiz o voto de jamais causar à minha mãe os desgostos que Alec e Leslie lhe estavam provocando. Mas, eu não sabia de nada. . .

Aos dezessete anos deixei de freqüentar a igreja e me sentia muito enfadado. Estava tão farto da vida que quase desejei estar de volta ao orfanato.

Foi em 1933. Uma tarde, incapaz de superar meu aborrecimento além do ponto a que chegara, resolvi dar uma espiada em um baile que estava sendo realizado no Salão de Todos os Santos, o salão de festas da Igreja Episcopal, para ver se algo excitante estava acontecendo ali.

E havia! O brotinho mais lindo que eu jamais havia visto estava lá, naquele salão de baile. Era uma esplêndida lourinha de risonhos olhos azuis. Era mimosa como uma borboleta e por demais graciosa; uma coisa louca e, quanto mais eu olhava para ela mais gostava dela.

Daria qualquer coisa para conseguir um encontro com ela, mas eu sempre fui meio desajeitado com as garotas, por isso continuei ali, duro, com as mãos no bolso, dando a entender que não estava interessado na dança. Mas ela me viu e, num intervalo das danças, veio até onde eu estava.

- Ei - falou ela, sorrindo. - Sou Joyce O'Connor. Qual é seu nome?

- Oh - exclamei eu, meio engasgado pela surpresa - meu nome é Robert . . . Robert Thom. - Você gosta de dançar? - perguntou ela.

- Bem. . .sabe. . .eu não sei se. . .quero dizer, eu. .

- Você quer dizer que não sabe dançar?

- É isso, não sei muito bem. . .

- Muito bem, eu ensinarei a você! Venha!

- E, com isso, ela me pegou pela mão e me arrastou para a pista de dança e começou a ensinar-me alguns passos. A princípio me senti tão atrapalhado que podia ter morrido.

- Não demorou muito e eu peguei o jeito da coisa e a verdade é que comecei a gostar.

- Depois de duas ou três danças ela sorriu para mim e disse:

- Obrigada, Robert. Tentaremos de novo noutra oportunidade!

- Com isso ela se afastou e saiu dançando com outro rapaz.

Resolvi conseguir de novo a atenção dela antes que acabasse a tarde. Está claro que minha habilidade de dançarino não a fascinara, por isso achei que devia representar o papel do machão. Num momento em que parou a dança, aproximei-me dela e disse:

- Ei, Jóyce, que tal ir comigo ao Hotel Lord Milner e tomarmos alguma coisa?

- Boa idéia - disse ela. - Uma coca-cola viria

em boa hora. Fomos, então, ao vestíbulo do hotel, ali perto, e nos sentamos a uma mesa. Depois que Jóyce pediu sua coca-cola, resolvi impressioná-la pedindo algo mais forte para mim. - Eu quero um conhaque mentolado - falei ao garçom.

Aquele era o meu primeiro drinque, mas não seria o último. Com o passar do tempo minha amizade com Jóyce foi ficando mais forte e passamos a encontrar-nos com certa regularidade. Gostávamos de dançar e passear. De vez em quando eu tomava outra bebida, habitualmente uma cerveja, embora Jóyce nunca bebesse comigo.

Quando mamãe descobriu que eu andava bebendo, embora ocasionalmente, ela achou que era oportuno ter uma conversa franca comigo.

- Bob - disse ela solenemente - não proíbo você de beber. Você tem idade bastante para entender o que faz. Mas tenha cuidado. Bebida em excesso é uma coisa terrível. E se você se tornasse um beberrão, você faria meu coração em pedaços. Ela sabia que não adiantava proibir-me de beber. Nós sempre tivéramos bebidas alcoólicas por ocasião de nossas festas em casa. Ela, embora "Boa devota metodista", nada via de errado nisso. Na verdade, quase toda a gente da igreja tinha bebidas alcoólicas em casa.

Dentro de um ano eu estava bebendo mais freqüentemente. Num sábado à noite voltei bêbado para casa. Quando mamãe me viu, começou a chorar.

- O que foi que eu disse a você? - falou ela.Não o adverti de que a bebida em excesso faria de você um tolo?

- Saia do meu caminho - estou me sentindo mal! - engrolei e, cambaleando, passei por ela rumo ao banheiro.

- Você devia ficar doente - repontou ela. Tomara que você fique tão doente que nunca mais possa beber!

Vomitei tudo no banheiro e prometi deixar de beber. Atirei-me na cama, abracei-me com o travesseiro e murmurei: "Joycinha, eu amo você." . . No dia seguinte tive uma dor de cabeça que durou o dia todo.

Três semanas depois, entretanto, voltei pra casa bêbado de novo. Mamãe subiu à serra.

- Bob, o que está acontecendo com você? perguntou ela irritada. - Você não acha que já tenho amolação demais para agüentar mais essa que você está trazendo?

- Eu não estou prejudicando ninguém - respondi. - Já tenho idade bastante para fazer o que quero.

- Bob - disse ela - será que você não percebe o que está fazendo ao nosso lar? Pensa que Deus gosta da maneira como você está vivendo?

- Cale a boca! - retruquei. - Deus nada tem com isto.

- E saí do quarto dela e me dirigi para o meu.

- Vou orar por você - falou ela lá da sala. Só mesmo o bom Senhor pode ajudá-lo!

Mal sabia ela que teria de orar por mim durante dezesseis anos!

Em 1935 Jóyce e eu nos casamos. Eu só tinha vinte anos. A princípio vivemos felizes e até passei a beber um pouco menos. Mas, pouco a pouco fui ficando menos cauteloso. Numa noite de sábado só cheguei a casa às duas da madrugada. Quando, afinal, entrei em casa, encontrei Jóyce, olhos vermelhos e inchados, esperando por mim.

- Bob - disse ela calmamente - não estou zangada com você, mas estou um tanto desapontada.

- Você acha, querida - disse-lhe, olhando-a com olhos sem expressão e babando pelos cantos da boca - que deliberadamente desapontaria você?

Ela, com um ar de descrença, olhou-me fixamente por um momento. Depois escondeu o rosto entre os braços e se pôs a soluçar sem parar. Na manhã seguinte ela me fez prometer deixar de beber.

- Eu prometo - declarei. - Se o meu vício está fazendo você infeliz, então, ponto final. Foi a última vez que bebi. Pensei que era pra valer, mas, por ocasião de receber o pagamento seguinte, a velha sede voltou. "Vá lá", pensei comigo mesmo, "um trago não vai prejudicar". Então, antes de ir para casa, parei num bar e pedi uma garrafa de cerveja. Dali pra frente não estou muito certo acerca do que aconteceu. Tudo o que eu sei é que cheguei a casa por volta das três da madrugada. De novo Jóyce estava esperando por mim.

- Bob - disse ela - o que tem a dizer a respeito daquela promessa que você me fez?

- Que promessa? - perguntei, rindo. - A única promessa que fiz a você foi de amar, honrar e proteger você até que a cerveja nos separe! Eu estava tão embriagado que não sabia o que estava dizendo.

As coisas começaram a piorar depois que Drummond nasceu. Mais e mais dinheiro era necessário para leite, alimento infantil e roupa. Embora naquele tempo eu tivesse um bom emprego, meu vício de beber estava consumindo parcela cada vez maior do meu ordenado. Às sextas-feiras à noite eu parava no bar e bebia meu dinheiro; muitas vezes ficava tão bêbado que perdia os sentidos e caía do banco.

Jóyce estava achando cada vez mais difícil ser paciente comigo. Raramente eu estava em casa, as contas iam-se amontoando e eu não me importava. Tudo o que importava era a garrafa. Numa quarta-feira, à tarde, Joyce me disse:

- Bob, o aluguel está dois meses atrasado. O proprietário quer saber quando você pretende pagar-lhe. Sem abaixar o jornal que estava lendo, respondi despreocupadamente:

- Pagarei quando estiver em condições e disposto.

- Bob, você não pode continuar agindo dessa maneira! - ela advertiu. - O proprietário vai pôr-nos fora se não pagarmos.

- Pôr-nos fora? Ele e quem mais? - disse eu, zombando.

- Ele e o magistrado, quem mais?

- Deixe que eles façam, se são bastante bons pra isso!

Dessa vez Jóyce não podia mais conter sua raiva. Ela caminhou até ao lugar onde eu estava sentado e arrancou o jornal de diante do meu rosto.

- Seu bobo! - guinchou ela. - Você só pensa nas suas bebidas! Será que o ter constituído uma família nada representa para você? Será você capaz de pensar em alguém que não seja você mesmo?

Levantei-me de um salto e dei-lhe um sopapo no rosto.

- Vou ensinar a você como falar com seu marido! - estrilei. A seguir, virando nos calcanhares, fui saindo da casa, mas ainda gritei para dentro:

- Diga àquele demônio proprietário que ele receberá seu dinheiro no sábado!

- Fechei a porta com violência e fui para o bar.

- Naquela noite, diante de um copo de cerveja, pensei um pouco.

As coisas tinham mudado muito desde que Jóyce e eu nos havíamos casado. Eu podia sentir como minha insensatez a tinha amargurado. Querida Joycinha! Lembrei-me de como ela estava bonita na noite em que a vi pela primeira vez. Lembrei-me do suave aroma do perfume que ela usava na ocasião. Esvaziei meu copo e fiquei ali, sentado, revi vendo, por instantes, aquelas reminiscências. "Bem", concluí, "vou ter de parar algum dia, bem que pode ser hoje."

- Uma última cerveja! - ordenei ao garçom. Ele sorriu e colocou um novo copo diante de mim. Bebi e, cambaleando, rumei para casa.

Quando a tarde de sexta-feira chegou eu já tinha assentado que a primeira coisa a pagar, do meu salário, seria o aluguel. "Não é possível demorar mais", resmunguei para mim mesmo. "Já está muito atrasado."

Minha determinação se manteve firme até que passei pelo bar. Logo que o aroma da cerveja alcançou minhas narinas, verifiquei que a coisa não ia ser fácil. Um quarteirão depois do bar acreditei que havia vencido a batalha.

Mas, à medida que caminhava, mais eu pensava em como seria gostosa uma cerveja gelada. Eu podia ver a espuma escorrendo por fora do copo. Podia sentir as frias goladas da dourada cerveja descendo pela minha garganta ressequida. Minha imaginação disparava. Eu me via bebendo um copo atrás do outro. Mais depressa e mais depressa e mais depressa. "Meu Deus!" gritei. "Não posso dominar-me!" Dei meia-volta e corri para trás em busca do bar e pedi duas cervejas. Antes de sair do bar naquela tarde eu apaguei duas vezes. Por fim, o garçom falou:

- Tommy, é melhor você ir para casa. São quase três horas da madrugada.

- Jóyce estava me esperando quando entrei cambaleante em casa.

- Seu mentiroso - esbravejou ela. - Como pude ser tão tola a ponto de acreditar em você! Você e suas promessas vazias de pagar o aluguel.

- Cerrei os punhos e fitei-a por um momento, meio cambaleante.

- Mulher - falei, quase com os dentes cerrados - ninguém fala comigo dessa maneira e fica assim mesmo!

- Continue e me bata, seu bêbado estúpido! guinchou ela, levantando os punhos e zombando de mim. - Também posso jogar esse jogo!

- Seus olhos estavam faiscando de raiva. Os nós de seus dedos estavam brancos. Alcancei-a e dei-lhe um empurrão que a fez estatelar-se num canto.

- Sua galinha pateta! - vociferei. - Eu devia era pôr duas manchas ao redor de seus olhos!

- Nessa altura o bebê Drummond acordara e estava chorando.

- Rápida como um relâmpago ela se pôs de pé.

- Seu ordinário! - prorrompeu ela. - Eu sempre achei que você não prestava! Já não agüento mais seus pileques e sua bebedeira! Pra mim chega! - Ela encolheu os braços e, quando os distendeu, seus punhos alcançaram meu queixo com um estalo. Depois outro. E outro. Caí no chão.

Por um momento ali fiquei em silêncio. Depois, sem dizer uma palavra, levantei-me e me enfiei no quarto. Sentia-me nauseado. Tentei preparar-me para deitar-me, mas, a cada minuto, eu ficava pior, mais enjoado. Então, não consegui mais me segurar e vomitei ali mesmo sobre a colcha. Quando tinha acabado, arranquei a colcha da cama, enrolei-a como uma bola, atirei-a para um canto e deixei-me cair na cama num estupor alcoólico. Antes de cair no sono prometi a mim mesmo que nunca mais tocaria numa gota de bebida alcoólica.

Na manhã seguinte, porém, às seis horas, pés quei uma garrafa de vinho de debaixo da cama e a esvaziei antes de me levantar.

Capítulo Três

Um Beberrão na Terra Santa

De alguma forma conseguimos conservar nosso lar até que, em 1940, rebentou a guerra. Por esse tempo Lionel já era nascido e Joyce estava esperando nosso terceiro filho. Como conseguimos sobreviver durante os anos que precederam a guerra jamais compreenderei. A minha conta do bar era maior que a do armazém. Mas nunca passamos fome. Alguns dos amigos de Jóyce, sabendo do meu problema com a bebida, ajudavam com alimentos e roupas, de modo a podermos ir vivendo.

Logo que tomei conhecimento da guerra resolvi alistar-me no exército. Vi que não podia sustentar meu vício e minha família ao mesmo tempo. Eu já andava doente por causa das contas e encargos da vida de família, e esta saída parecia excelente válvula de escape.

Quando contei a Joyce a minha decisão, pareceu-me notar um leve tom de alívio em sua voz. Provavelmente ela se sentia contente por libertar-se de mim.

Dois meses depois que me alistei no Exército Sul-africano, nosso terceiro filho nasceu. Jóyce deu-lhe o nome de Roy. Fui à casa visitá-la, mas, como estive bêbado a maior parte do tempo da licença, a visita pouco significou para qualquer de nós. Depois do treinamento básico, nossa unidade foi enviada para o norte, para os desertos do Egito. Alguns companheiros estavam muito preocupados com o risco de serem mortos. Minha preocupação, no entanto, era quanto à possibilidade de conseguir bastante bebida em pleno deserto.

Minhas preocupações não eram infundadas. Logo no primeiro contato com o deserto, verificamos que não havia nenhuma espécie de facilidade - nenhum arranchamento,

nenhum alojamento para oficiais, nenhum lugar onde comprar bebida. Éramos 16.000 em nossa unidade e nossa missão era estabelecer um acampamento em El Kantara. Quando tomaram conhecimento da situação, muitos começaram a queixar-se por não haver bebidas.De repente um deles disse:

- Só existe um homem que pode achar bebida para nós.
- Thom! - gritaram todos.
- Certo! Thom é o nosso homem!

Assim, naquela noite, me empurraram para o deserto.

- Você vai achar bebida, não vai, Tommy? - Vou fazer o possível- respondi. Por um momento ali fiquei tentando imaginar o que fazer. Subitamente eu disse aos outros:

- Vêem aquela luz ao longe? Vamos até lá!

Quando chegamos verificamos que a luz provinha de um posto avançado canadense. Comecei a farejar por ali enquanto os outros homens entretinham os oficiais com conversa. Não demorei muito a descobrir caixas e caixas de cerveja canadense escondidas numa cova debaixo da cama de um oficial canadense.

- Hei, rapazes! - gritei - Vejam o que eu achei! Cerveja!
- Oba! - gritaram eles, e se atropelaram em busca do tesouro que eu havia encontrado. Empurramos a cama para um lado e começamos a servir-nos, enquanto os canadenses olhavam, sem nada poder fazer, vendo-nos sorver sua cerveja!
- O que foi que eu disse! - falou um dos rapazes. - Se alguém é capaz de achar bebida, esse alguém é Tommy. Ele tem faro pra isso!

E era verdade. Parece que há um demônio que me guia, porque eu sou capaz de achar bebida em qualquer lugar.

De vez em quando eu escrevia para Jóyce, mas sem muito calor. Eu sabia que ela se sentia melhor sem a minha presença por perto, pensamento que me feria, mas era assim que as coisas estavam. Eu havia determinado ao pagador-chefe do exército que enviasse a ela a metade do meu soldo. Bem que eu sabia que ela precisava de mais do que isso, mas eu também tinha minhas "despesas", por isso ela teria de contentar-se com o que eu podia mandar-lhe.

Uma noite, depois de nos termos recolhido todos às nossas tendas, estava eu ali deitado pensando na droga em que eu havia transformado a minha vida. Quando, afinal, peguei no sono, vi uma procissão de pessoas desfilando diante de mim no meu sonho. A irmã Emily Dunn era a primeira, sacudindo seu dedo em minha direção e dizendo: "Que vergonha!" Você não sabe o que a Bíblia diz'. . . e sabei que o vosso pecado vos há de achar'? Vi, então o belo rosto de minha mãe dizendo: "Bobbie, você sabe que seu pai e eu sempre quisemos um ministro na família." Surgiu, também, o jovem seminarista dizendo: "Deus ama vocêis."

Convidei meu amigo Bancroft para viajar comigo. George era católico romano e achei que estaria interessado em ver as "paisagens santas" também.

Não era difícil para os soldados conseguirem carona; não demorou muito e um camarada polonês parou e nos pegou. George saltou para o banco traseiro enquanto eu me assentava ao lado do motorista.

- Nós vamos a Jerusalém - disse eu ao motorista . - É pra lá que você vai?

- Ótimo, certo - disse ele, abrindo-se num largo sorriso.

- Muito bem! Meu nome é Thom e este aqui é meu parceiro Bancroft - disse eu, tentando começar um bate-papo.

- Ótimo, certo - replicou ele.

- Conseguimos uma licença de dez dias e, assim Bancroft e eu achamos que seria uma forma excelente de usarmos essas curtas férias dando uma vista de olhos nos lugares santos em Jerusalém. Planejamos ir a Belém e dar uma volta pelos arredores. Deve ser uma viagem linda, não acha?

- Ótimo, certo - respondeu ele, acompanhando as palavras com uma inclinação da cabeça, concordando.

Bancroft e eu explodimos em gargalhadas. O motorista olhou para nós e achou que devia ter dito uma boa piada e, também, caiu na risada. Levamos dez horas de viagem contínua para alcançar Jerusalém. Desistindo de entabular conversa com um polonês que não sabia dizer nada em inglês, senão "Ótimo, certo", fumamos um cigarro atrás do outro. Quando Bancroft e eu apeamos, agradecemos ao nosso amigo sua gentileza. Ótimo, certo! - respondeu ele sacudindo a mão.

- Bancroft - falei - se você alguma vez mencionar as palavras "ótimo, certo", ficaremos de relações cortadas!

Pegamos nossas sacolas e saímos à procura de um lugar onde pudéssemos tomar um gole. Por fim localizamos o Bar Viena, entramos e tomamos nossa dose de vodca. Podíamos beber muitas mais, mas eu não queria embebedar-me na Cidade Santa, por isso fiquei numa única dose.

Lá pelo meio-dia fomos ao Jardim do Getsêmani, o lugar onde Jesus tantas vezes orou. Poucos turistas estavam ali naquele dia, embora fosse um dia perfeito para a visita. Jamais esquecerei a estranha sensação que se apossou de mim à medida que eu caminhava por entre as sombras do Jardim.

- Vou entrar na igreja - disse Bancroft. Quer vir comigo?

- Não, obrigado - respondi. - Acho que fico aqui por fora mesmo.

Bancroft entrou na igreja franciscana, e eu fiquei sozinho.

Resolvi caminhar pelas veredas que circundavam as vetustas oliveiras. Algumas vezes parava e fitava aquelas estranhas e velhas árvores. Os troncos eram grossos e retorcidos, como soldados vigorosos envelhecidos que se tivessem recusado a morrer. Por mais velhas que fossem, ainda sustentavam impressionante quantidade de galhos que ensombravam os caminhos. O sol dourado se filtrava por entre a folhagem verde-acinzentada. Não se ouvia som algum, a não ser o leve roçagar das folhas.

Enquanto permanecia na quietude daquele lugar , senti a Presença de um Homem junto a mim.

Por um momento me senti atemorizado. Queria olhar para ele, mas tinha medo de que ele desaparecesse de minha vista. Mas eu sabia Quem era. Era a mesma Presença divina que eu sentira, fazia anos, no orfanato. O poder que dele se irradiava era por de mais familiar. Ele não disse uma só palavra, mas eu estava profundamente consciente de sua Presença. Meu corpo inteiro estava tremendo e meus olhos estavam cheios de lágrimas. . .

Quando Bancroft saiu da igreja, me senti um tanto embaraçado por causa dos meus olhos molhados e desejei que ele não notasse. Felizmente não notou.

Demoramos no Jardim um pouco mais do que havíamos planejado, por isso tivemos de rumar depressa para o Calvário e para o Túmulo no Jardim. A mesma Presença divina, que eu sentira debaixo das oliveiras, continuou a estar comigo, apesar de nossa pressa.

Mais para a tarde conseguimos carona para vencer os oito quilômetros até Belém, graças à camaradagem do pessoal dum caminhão do Exército. Queríamos ver a Igreja da Natividade, que, supostamente, está construída no lugar onde Jesus nasceu.

Nosso guia nos disse que aquela era a igreja mais antiga da cristandade. Não fosse pelos três campanários ela se parecia mais com um complexo de estruturas militares fortificadas. Suas paredes de pedra cinzenta eram altas e rugosas, com janelas muito pequenas. Naquele dia até que havia um bom número de turistas por lá. Antes que nos permitissem entrar na igreja tivemos de comprar uma vela. Eram vendidas ao preço de dez centavos cada uma. A seguir, nosso guia levou-nos a uma abertura muito pequena na parede medindo cerca de um metro e trinta centímetros de altura.

- Esta é a entrada da igreja - anunciou ele. vocês terão de firmar-se nas mãos e nos joelhos para poderem entrar.

Então, ele se pôs de quatro e engatinhou igreja adentro, com Bancroft e eu atrás dele. Uma vez lá dentro comentei com o guia:

- Isto é estranho. Por que é preciso ficar de quatro para entrar nesta igreja?

- Ah - disse ele, com um piscar de olhos mesmo o rei da Inglaterra tem de dobrar os joelhos para entrar no lugar onde nasceu o Rei dos reis!

- Sim - disse eu - mas qual é a explicação real?

- Foram os Cruzados - disse ele. - Ouça. Quando a igreja foi construída, a porta, originalmente, media seis metros de altura. Foi feita assim para que os guerreiros montados pudessem entrar com facilidade. Mas uma porta assim alta mostrou ser sério problema na defesa da igreja ante os atacantes, por isso, posteriormente, resolveram baixar para a altura que tem hoje, de modo a, mais facilmente, poderem defender o edifício.

- E essa é a real explicação?

- Digamos que é uma explicação – respondeu ele. - Nós, cristãos de Belém, ainda cremos que Deus pôs sua mão na disposição da entrada desta igreja de modo a que todo joelho tenha de se dobrar ao passar por ela.

- Talvez seja assim - repliquei, duvidoso, enquanto atravessávamos o vestíbulo.

- Entramos, a seguir, numa elegante basílica com cinco naves laterais e com colunatas em ambos os lados. Andamos até a fachada da basílica, passamos por uma porta, descemos um lance de escadas e fomos ter ao lugar onde Jesus nasceu. Enquanto esperávamos em fila para nos ajoelharmos diante da estrela de bronze que, no chão, como se supõe, assinala o ponto exato, notei um homem à nossa frente que estava com uniforme da Força Aérea Britânica. Quando se ajoelhou à direita da estrela, com a vela na mão, aquele cabo grandalhão começou a chorar e a orar como uma criança. No meio do silêncio do ambiente podíamos ouvir cada palavra de sua oração. "Eu te dou graças, Senhor, porque desceste a esta manjedoura para nascer por mim", disse ele. "Graças te dou, Senhor, porque salvaste minha alma!" E, ali ajoelhado, não se envergonhava de chorar diante de todos.

De novo, senti a mesma Presença envolvendo-me. Estava além do que eu podia suportar ver aquele enorme soldado chorando daquele jeito. Virei-me e comecei a sair.

No momento em que começava a subir a escada, um barbudo sacerdote grego-ortodoxo se dirigiu a mim, pôs as mãos sobre meus ombros e orou: "Que a alma deste peregrino seja salva em nome de Jesus, isso custa um shilling, amém."

Achei certa graça no incidente, paguei o shilling e fiz uma oração silenciosa pedindo a Deus que atendesse à petição do sacerdote. Tive certeza de que Deus estava tentando dizer-me algo.

Alguns dias depois Bancroft e eu regressamos ao nosso acampamento militar no Egito. Lá pelas cinco horas da tarde, a hora em que chegamos, as cantinas estavam-se abrindo; grupos de companheiros a elas se dirigiam em busca de bebida.

Fiquei parado ali por uns minutos meus olhos perscrutando ansiosamente a multidão à procura de um certo homem. De repente o localizei.

- Capelão, senhor! - gritei. - Capelão, preciso falar com o senhor!

- Ele também estava indo pegar seu trago.

- Sim - atendeu ele um tanto impaciente – de que se trata?

- Senhor, acabo de chegar de Jerusalém e não sei o que está acontecendo comigo. Não consigo praguejar, não consigo beber, não consigo fumar nem um cigarro! Estou precisando de auxílio. Preciso conversar com o senhor. Eu quero ser salvo!

- Ele me examinou da cabeça aos pés por um momento e, então, disse:

- Desculpe, soldado, estou muito ocupado noutra ocasião falaremos.

- E lá se foi, cantina adentro, tomar seu trago.

Minha vontade era dar o estri-lo. Minha vontade era xingá-lo, mas nada disso eu podia fazer. De fato, nas duas semanas seguintes, não pude tomar um gole ou acender um cigarro! Não pude nem mesmo ir ao cinema!

Tudo o que eu podia fazer era pensar a respeito de Jesus! Continuei procurando alguma coisa que pudesse ler e que me orientasse acerca de como ser salvo. Acabei encontrando uma tradução moderna das cartas de Paulo. Como gostei de ler aquele livro! Era como um gole de água fria no meio do deserto. Embora não compreendesse tudo naquela leitura, senti que estava no caminho certo.

- Meus parceiros de copo não podiam compreender o que acontecera comigo.
- Hei, Tommy - diziam - venha, vamos tomar um trago!

Obrigado - dizia eu - mas eu deixei a bebida!

- Homem, o que está acontecendo com você? - insistiam eles. - Você sempre bebeu conosco antes. Você ganhou a sorte grande ou algo parecido?
- Talvez esta vida danada do deserto o esteja perturbando - sugeriu outro.
- É isso aí - disse outro - e sabem quem está indo no mesmo embalo? EU!
- Esperem um minuto, rapazes - pedi.
- Posso explicar tudo se vocês quiserem ouvir.
- Muito bem, pessoal- convocou um deles. Todos juntos aqui; vamos ouvir um homem doido explicar por que está maluco!
- Está bem homem, está bem! Somos todo ouvidos.
- Tudo começou quando Bancroft e eu fizemos aquela viagem à Terra Santa. . .
- aba, aí vem, rapazes! - interrompeu um deles. - Que disse eu a vocês? - E começou a cantar em falsete o hino Rude Cruz, com voz alta e esganiçada.
- Cale a boca, sim? - ralhou um dos outros. - Sim - disseram os outros em coro. – Isso nós vamos ouvir!
- Quando acabei minha história, todos riram e gritaram e me socaram nas costas.
- Amém, irmão! - berrou um. - Você voltou à religião dos velhos tempos!
- Louvai ao Senhor e passa a cerveja!
- Hei, doçura, que tal um uísque com soda?
- Aleluia! Este homem está SALVO!
- Hurra!

Eu estava tão zangado que seria capaz de mastigar pregos. Às cotoveladas, abri caminho através do anel de camaradas que se riam ao redor de mim e me dirigi à cantina. "Vou mostrar a esses idiotas", disse de mim para mim, "que eu sou capaz de consumir mais cerveja que qualquer um deles."

Mas, quando cheguei à entrada da cantina, não pude entrar. Não posso explicar por quê; só sei que não pude. . .

Capítulo Quatro

Mudança Para Pior

Alguns dias depois nos deslocamos do Egito para o teatro europeu de guerra, na Itália. Isso foi em 1943. Desembarcamos primeiro em Tarento e, depois, cruzamos a península rumo a Nápoles. Dali, na retaguarda das forças norte-americanas e inglesas, nos deslocamos para Roma, onde ocupamos algumas fábricas e passamos a produzir suprimentos necessários às forças aliadas.

Durante todo o tempo em que estive em Roma andei sempre com o coração voltado para Deus. Toda vez que os bombardeiros alemães voavam baixo sobre nossas barracas, eu sentia como minha vida podia ser extinta. A qualquer momento, de dia ou de noite, os alemães podiam lançar sobre nós um bombardeio em massa e seríamos soprados para eternidade. Por isso, nos fins de semana, comecei a buscar Deus em muitas das maiores igrejas de Roma. A coisa, porém, era desencorajadora. Não importa para onde eu olhasse, Deus parecia estar muito longe.

Um dia, já um tanto desesperado, foi ao Vaticano e orei na Catedral de São Pedro. "Com certeza acharei Deus aqui", pensei. Mas, nada aconteceu.

Entretanto, ao sair da igreja, fui detido por uma jovem mulher de cabelos pretos, com um bebê no colo.

- Hei, soldado - chamou ela, puxando-me pelo cotovelo -você ajuda pobre viúva de guerra?

- Mas, certamente. madama - repliquei. - O que posso fazer por você? Ela se encostou em mim e cochichou no meu ouvido:

-Você vir à minha casa e dormir comigo esta noite? Eu dormir com você toda a noite barato!

- Afastei-me dela aborrecido.

- Sabe, senhora, já tenho muitos problemas disse eu. - Você devia estar envergonhada de si própria!

- Desculpe, soldado. Eu não ter outros meios de ganhar dinheiro! Meu bebê estar com fome.

- Ninguém ligar. Meu marido, estar morto. Minha família não me ajudar.

- Certo, mas e a igreja? - disse eu. – Eles deveriam ajudá-la. A que igreja pertence você?

- Igreja? - respondeu ela. - Eu freqüento esta igreja!

- A de São Pedro?

- Sim.

- E você não pode obter auxílio deles?

- Não, soldado. Eles não ajudar lixo como eu.

- Macacos me mordam - disse eu.

- Se Deus é isso, então não quero conhecê-lo!

Dei-lhe alguns dólares e desci a rua, bastante desanimado. "Estas igrejas do demônio!" disse a mim mesmo. "São todas iguais. São exatamente como aquele pessoal do orfanato: falam de amor, mas não têm amor algum!"

Quanto mais pensava no assunto, mais desgostoso me sentia. Não tinha eu percorrido Roma inteira à procura de Deus, e o que conseguira? Nada, a não ser pés doloridos e decepção. Deus? Incomodou-se ele? Cheguei a duvidar de que ele soubesse de minha existência.

Em meu desalento a antiga sede da bebida começou a voltar. Que mais poderia eu procurar?

Eu não podia perceber alguma razão para privar-me de um bom trago.A bebida era escassa durante os anos de guerra, mas alguns de meus amigos me haviam falado de um fazendeiro que tinha uma destilaria nos arredores de Roma. Então, no domingo seguinte, à tarde, fui até lá de carona, ver se poderia conseguir um gole.

Era uma fazenda de criação de porcos. O ar estava pesado com o mau cheiro de estrume e restos de comida em decomposição. Caminhando até o celeiro onde o fazendeiro estava trabalhando numa velha carroça, falei:

- Hei, ouvi dizer que você tem vinho. É verdade?
- Sem levantar os olhos do serviço, ele respondeu :
- Sim. Tinto e branco. Trouxe dinheiro?
- Claro - respondi. - Quanto cobra para encher o cantil?
- Dois dólares.
- O quê! Você está ganhando dinheiro, não está?
- Leve ou deixe.
- Eu levo.
- Dei-lhe o dinheiro, e ele me levou para trás do celeiro, descendo para um pequeno quarto.
- Qual prefere, tinto ou branco? - perguntou. - Tinto.

Com o cantil cheio, saí e me encostei na cerca quebrada que ficava em volta da pocilga, sorvendo vagarosamente o vinho morno enquanto observava os porcos fossando por ali nas poças de lama. Um dos porcos veio até à cerca e enfiou o focinho úmido e gotejante através da cerca e me cheirou. "Fora daqui, seu porco estúpido!" berrei com um ponta-pé na cerca.58

Tendo esvaziado o cantil, mandei encher de novo, agora com vinho branco "para a estrada" e, de carona, voltei a Roma, mais bêbado do que eu já mais estivera fazia muito tempo. Enquanto permaneci em Roma eu ia, todos os domingos, à fazenda.

Finalmente, em 1945, a guerra terminou. Dentro de seis dias, fui informado de que por causa de minha excelente atuação durante a guerra, o
Exército tinha um magnífico emprego esperando por mim na África do Sul. Por isso voei da Itália com um passe VIP (very important person pessoa muito importante).

Foi bom voltar a Cape Town. Deram-me trinta dias de dispensa antes de assumir meu novo posto, por isso tive algum tempo para passar com Jóyce e as crianças. Embora percebesse que não podia viver sem a bebida, cheguei a alimentar a esperança de que

talvez as coisas pudessem ser melhores entre mim e Jóyce, depois de seis anos no serviço militar.

E eram. Eu não podia compreendê-lo a princípio. Jóyce parecia despreocupada e feliz. As velhas tensões haviam desaparecido. Ela nem mesmo pareceu importar-se quando, naquela primeira sexta-feira à noite, saí de casa e me embriaguei. Mas o mistério de repente se desvendou, na noite em que a peguei na cozinha com uma garrafa de cerveja na mão.

- Jóyce! - berrei. - Que diabo está você fazendo?

- Oh, ainda não disse a você? - replicou ela, com um sorriso malicioso. - Descobri um novo passatempo.

Ali fiquei, paralisado pela descrença, quando ela, com toda a calma, pegou dois copos no guarda-louça, esvaziou neles o conteúdo da garrafa e me entregou um copo.

- Tome - disse ela - você parece estar precisando de um bom trago.

- Peguei o copo que ela me dava, hesitantemente, e me sentei na mesa da cozinha.

- Você está querendo-me dizer que está bebendo? - perguntei.

- Que lhe parece, soldado? - replicou ela, enquanto sorvia a espuma que transbordava do seu copo.

- Espere aí - falei eu - mulher minha não vai tomar essa beberagem!

- É? Não vejo por que não - replicou ela com certa aspereza. - Se você pode fazê-lo, por que não eu?

- Eu não podia acreditar. Minha esposa! Bebendo! Era uma mudança para pior!

- Alguns dias depois, entretanto, comecei a me acostumar com a idéia e passamos a ter bebidas em casa entregues em caixas. Agora, além de sair com os companheiros nas noites de sexta-feira e sábado, eu podia beber a qualquer hora que quisesse. Foi isso que passei a fazer. Passava bêbado a maior parte do tempo e, algumas vezes, Jóyce se embriagava comigo. Cheguei a tal ponto que eu não agüentava ficar senão umas poucas horas sem beber. Eu precisava de um trago como a primeira coisa logo de manhã. Também no almoço. E no jantar. Não ligava para comida. Tudo o que eu queria era uma boa bebida forte.

Ao fim dos trinta dias, estava empregado no Corpo de Desmobilização em Cape Town, dispensando os rapazes do serviço militar. Havia uma enorme avalancha de camaradas que tinham estado esperando subsídios como incapacitados e bolsas de estudo para se matricularem em universidades. Apesar do meu problema com a bebida, dei conta do recado e, em três semanas, estava tudo resolvido.

Meus oficiais superiores estavam ao par do meu problema com a bebida e queriam despedir-me. De fato, no dia em que o médico do exército me examinou com vistas à dispensa, eu estava bêbado. Terminado o exame, disse ele aos oficiais:

- Se este homem for dispensado, seus filhos perecerão de fome e de forma alguma conseguirá ele emprego em qualquer outro lugar.

- É provável - replicou um dos oficiais. Mas seis anos no exército é tempo demais.

Eu discordei. Se meu tempo no exército estava ultrapassado, achei que era melhor unir-me à marinha. Eu sabia que poderia conseguir um mundo de bebida barata estando em serviço na marinha, o que era muito mais do que eu jamais conseguiria na vida civil. Assim, às 11hs e 9m de 1? de julho de 1946, fui desligado do exército e, dois minutos depois, eu me tornei, oficialmente, um marinheiro da Marinha Sul-africana.

Por causa do meu registro de desempenho no exército, ganhei, numa ordem de serviço no primeiro dia na Marinha, seis promoções! Mas, por causa de minha experiência na contabilidade na Companhia dos Elevadores Otis acharam eles que tinham uma função que reclamava minha habilidade: todas as contas de guerra da Marinha tinham de ser regularizadas com vistas à conversão para o tempo de paz. Com o objetivo de dar conta dessa tarefa, fui designado para o H.M.S. Bon 1, na Base Naval de Cape Town, o que me permitia viver em casa com a família.

Durante aqueles dias foi o mesmo velho círculo vicioso. Embebedando-me como um louco, vivendo para o diabo, sem tempo para Deus, sem tempo para a igreja. Mesmo assim, eu pretendia ser um bom metodista! O médico da Marinha me examinou um dia e me disse que eu tinha bebido tanto que a bebida havia destruído um de meus rins.
Achei, depois, que ele apenas me dissera isso para me assustar e me fazer deixar de beber. Mas eu não podia parar. E não estava bebendo apenas em casa, mas andava de volta aos bares e com muita freqüência. Parecia que eu estava fisgado para sempre.

Capítulo Cinco

Aquela Doida Senhora Webster.

Em 1947, coisas começaram a acontecer em minha família, muitas delas de mim desconhecidas a princípio. Uma delas ocorreu com Drummond, que estava com sete anos de idade: foi a uma celebração da páscoa na praia e se converteu.

Algumas semanas depois, Jóyce resolveu ir à igreja num domingo. Também ela se sentiu tocada pela simples mensagem que ouviu, aceitou a Cristo como seu Salvador pessoal e abandonou a bebida e a vida de pecado. Mas de nada disso eu sabia. Joyce estava com medo de me contar o que havia acontecido e, além do mais, eu estava tão bêbado naquele domingo que não tinha condições de perceber nela qualquer mudança.

Na segunda-feira de manhã, quando saía de casa para o serviço na base, Jóyce me disse:

- Veja... se vem para casa hoje à noite de modo correto; vamos jantar às seis horas.
- Certo - respondi. - Seis horas em ponto.

A coisa admirável é que realmente cheguei a casa às seis naquela tarde! Joyce tinha preparado um jantar de por água na boca. Eu estava com fome, assentei-me à mesa com o resto da família e entrei na comida.

Ninguém falou muito, mas, a certa altura da refeição, olhei, por cima da mesa, para Jóyce. Lá estava ela, sentada, sorrindo para mim!

Durante fugazes segundos eu a vi como da primeira vez: seus olhos azuis cheios de amor, sua etérea disposição irradiando beleza e felicidade. Era quase como se tivesse ela voltado a ser o que fora.

- O que faz você tão feliz? - perguntei.

- Oh, nada, em especial, acho - disse ela com certa hesitação. - Eu me sinto bem esta noite.

- É bom sentir-se assim - observei, voltando ao meu prato.

- Na manhã seguinte, quando eu saía para o trabalho, ela disse:

- Lembre-se do bonito que você fez ontem à noite; esteja em casa, hoje, outra vez, às seis.

- Aqui estarei - prometi.

- Mas eu estava começando a me sentir um "pouca seca", par isso resolvi dar uma paradinha no bar do hotel, apenas por uns poucos minutos, antes de ir para casa naquela tarde. Pedi um copo de cerveja e um conhaque duplo, suguei a espuma da cerveja e derramei nela a metade do conhaque. Depois de umas duas cervejas comecei a discutir com alguns fregueses a respeito de quem era o maior lutador de boxe do mundo. Quando cheguei a casa, já eram sete horas. Pude perceber, vendo a mesa, que os demais já haviam jantado.

- Tentei conservar quente sua comida - disse Jóyce, tirando alguma comida do forno. - Receio que não esteja tão gostosa. . .

- Está tudo bem - disse eu com a língua pastosa. - Eu não estou com muita fome hoje.

- Tentei comer a deliciosa comida que ela pôs diante de mim, mas não consegui engoli-la. Jóyce fez tudo por mostrar-se carinhosa naquela tarde, mas comigo meio bêbado, o sucesso foi nenhum.

Na quarta-feira de manhã ela nada me falou acerca de voltar para casa na hora certa. Dei, de novo, minha paradinha no bar. Cheguei a casa às oito e trinta.

- A comida está fria - disse ela aborrecida.

- Quer que esquente algo para você?

- Não - respondi - não estou com fome. Essa foi toda a nossa conversa aquele resto de noite.

- Na quinta-feira à noite cheguei a casa às dez. As crianças já estavam na cama. Eu estava muito bêbado e fui direto para a cama, deixando Jóyce sentada sozinha na sala.

Na sexta-feira à noite não voltei para casa. Bebi uma cerveja atrás da outra até às sete horas. Nessa altura, estava tão bêbado que não sabia o que estava fazendo. Eu sabia que não seria capaz de alcançar minha casa, por isso pedi ao garçom encarregado do bar que me arranjasse um quarto no hotel. Vendo minhas péssimas condições, disse-me:

- Há um quarto vago aqui embaixo, no extremo da sala. Ocupe-o.

- Saí cambaleando por uma porta e desci para a sala anexa. Sentia-me tonto e vacilante. A sala parecia ter dois quilômetros de comprimento. Eu sabia que não podia atravessá-la, por isso cambaleei depois do alojamento da servente negra e entrei na primeira porta aberta, atirei-me na cama e me apaguei.

Quando despertei na manhã seguinte, minhas roupas estavam cobertas de penas de galinha! Aqueles detestáveis colchões de penas! As penas estavam sempre saindo através do forro e das costuras. Saí e, vacilante, me dirigi ao bar e pedi uma outra cerveja, paguei-a e também o quarto e me sentei ali durante uns quinze minutos tentando acordar de vez.

Cheguei a casa na manhã de sábado no momento em que Jóyce estava se levantando. Eu não tinha a menor idéia quanto à hora. Joyce olhou espantada para as penas que me cobriam.

- Onde você esteve?

- Eu me apaguei - respondi, evitando falar acerca do colchão. Fui para o meu quarto, tirei meu uniforme, pendurei-o ao lado da cama, vesti o pijama e mergulhei debaixo dos cobertores. O travesseiro macio me fez bem. Minha cabeça estava estourando; mas, algumas horas de sono, pensava eu, me curariam. Sorri e fechei os olhos.

Dois minutos após me haver deitado, disparou o despertador. Era hora de levantar-me e ir trabalhar! Empurrei os cobertores, tirei fora o pijama, catei as penas do meu uniforme, vesti-o e saí correndo para os estaleiros.

Ao meio-dia li no jornal que uma empregada negra tinha sido morta estrangulada, em seu próprio quarto, com um pedaço de arame, durante a noite de sexta-feira, no mesmo hotel em que eu dormira. Tentei me lembrar de alguma agitação ou gritaria que porventura tivesse ouvido. Mas minha memória era como uma folha de papel em branco. Tudo o que eu podia recordar era ter cambaleado depois do quarto da empregada no momento em que eu estava a pique de apagar.

A notícia dizia que as autoridades estavam à procura do suspeito do assassinato . De repente despertei para um ponto importante: o estar eu no mesmo edifício, tornava-me automaticamente suspeito! O pensamento de talvez vir a ser procurado pela polícia me pôs apavorado. Se eu tivesse algumas respostas que fizessem sentido, não seria tão mau; mas, bêbado como estava, nada guardara na memória.

"Por que você está se preocupando?" perguntei a mim mesmo. "Diga-lhes apenas que você estava doente e que não se recorda de coisa alguma relacionada com o assunto."

Aliviado, sorri para mim mesmo por um momento. Mas então, outro pensamento, vindo não sei de onde, repontou na minha mente: "Quem é que vai dizer que não foi você que cometeu o crime? Você estava apagado, lembra-se? Seu estado era de irresponsabilidade. Em seu sono, você podia ter feito muita coisa. E, se o interrogarem nesse sentido, como pode você provar que não o fez?"

Comecei a suar. Li e reli a notícia. Pela tarde inteira aquilo ficou pesando em minha mente. "Sou eu um assassino?" continuei perguntando a mim mesmo. Toda vez que ouvia passos atrás de mim, eu me sobressaltava, pensando que talvez fosse a polícia.

A semana seguinte inteirinha eu a vivi apavorado. Noite após noite eu sonhava com criaturas diabólicas apontando-me seus dedos descarnados e gritando: "Assassino! Assassino! Robert Thom é um assassino!" E, então, riam com sinistras gargalhadas. De vez em quando acordava banhado em suor e pedia a Deus que me livrasse daqueles malditos pesadelos.

Tentava afogar minha ansiedade na bebida, mas era em vão. A qualquer momento a polícia podia estar à minha porta. Passei cada tarde daquela semana no bar. No sábado só trabalhei meio dia e voltei para casa como sempre: bêbado. Joyce e o bebê não estavam em casa. Ela deixara um bilhete para Drummond. Eu o abri e li a breve mensagem: Desculpe; não posso continuar aqui. Por favor tome conta das outras crianças para mim. Há rosbife e batatas na geladeira. Eu amo você. Mamãe.

Tivemos um almoço silencioso naquele dia, silêncio quebrado apenas pelas crianças perguntando onde mamãe estava.

- Ela teve de ir a algum lugar - dizia-lhes eu. - Ela voltará -. Sentindo um nó na garganta, eu nada podia comer.

Depois que os pequenos acabaram de comer, mandei-os brincar fora. Cortei, nervosamente, uma fatia de rosbife, peguei uma batata fria e fiquei ali diante da janela olhando, sem nada ver, as altas montanhas atrás de nossa casa.

Pensei que fosse ficar louco. Parecia que eu não tinha um só amigo no mundo. Provavelmente a polícia estava à minha procura. Eu estava dominado pela bebida e sem esperança de libertação.

"Diabo!" falei comigo mesmo. "De que adianta viver? Eu estou liquidado!" Ali fiquei tentando imaginar de que modo eu podia acabar com tudo.

Justamente nesse momento alguém bateu na porta da frente. Quando abri a porta, ali estava uma senhora de meia-idade, vestida num traje de lã e com um chapéu muito ajustado à cabeça.

- Como vai?- perguntou ela. - Você é Robert Thom?

- Sim, senhora - respondi secamente. - Em que posso servi-la?

- Chamo-me Gladys Webster - disse ela, passando por mim e entrando na sala. Colocamo-nos frente a frente. - Sr. Thom - disse ela - vim aqui para falar-lhe acerca de Jesus.

- Jesus! - gritei. - Ouça, mulher chata, eu não preciso de nenhuma lição de escola dominical! Tenho minha igreja, tenho minha Bíblia, sou metodista, e não preciso de nada, seja o que for que a senhora esteja vendendo!

- Onde está sua Bíblia? - perguntou ela, tentando ainda sorrir animadamente.

- Está no fundo de minha saca de guerra onde a pus quando saí de Roma em 1945! Agora, vá pro inferno, fora de minha casa, antes que eu quebre seu escaveirado pescoço!

- Ela ficou assustada.

- Está bem Sr. Thom - disse ela, afastando-se rumo à porta.

- Desculpe-me - eu não tinha a intenção de...

- Cale a boca! - berrei. - Saia já da minha propriedade!

- Sim, senhor! - replicou ela no instante em que disparava de minha casa.

- E nunca mais volte aqui! - berrei.

- Voltei da porta, feliz por ter-me livrado dela. "Esses fanáticos malucos!" murmurei para mim mesmo. "Não preciso de suas loucas religiões!"

Mas, não muito depois de haver virado as costas, eu a ouvi, caminhando de volta! Ela veio direto a mim, pôs seu dedo bem debaixo do meu nariz e começou a orar numa linguagem que eu jamais ouvira. (Eu já tinha ouvido algo acerca de pessoas que falam em "línguas", e desconfiei que era isso que ela estava fazendo.) Tentei esquivar-me dela e ir para o meu quarto, mas, subitamente, um Poder invisível me dominou, e o acontecimento seguinte de que me lembro foi que eu estava de joelhos, orando, de mãos levantadas para o teto! Ouvi-me a mim mesmo dizendo: "Se há um Deus no céu, tenha misericórdia de mim, um pecador!" E comecei a chorar copiosamente.

Imediatamente ela bateu com a palma da mão na minha cabeça e começou a repreender todo demônio que estava em mim.

- Vós, diabos, saí dele! - gritava ela. _ Satanás, eu te ordeno que libertes este homem e o deixes livre, no nome de Jesus!

Bem! Eu nunca experimentara tratamento igual àquele antes! Mas, à medida que ela orava, eu sentia alguma coisa estranha acontecendo dentro de mim -"uma libertação" - "uma desocupação" de forças estranhas. Comecei a rir e a chorar ao mesmo tempo, enquanto a Sra. Webster, ali, de pé, dizia em altas vozes: "Louvado seja o Senhor! Graças, Jesus!"

Quando a emoção começou a declinar um pouco, a Sra. Webster me pegou pelo braço e disse.

- Venha comigo, Sr. Thom. Há alguém que o senhor deve conhecer.

Pus-me de pé e fui com ela. Ela me deu o braço e fomos andando pelas proximidades até à Missão da Fé Apostólica. O edifício estava vazio, a não ser por duas mocinhas que estavam tocando órgão.

- Onde está o pastor? - a Sra. Webster perguntou.

- Ele só vai chegar mais tarde, irmã Webster

- respondeu uma das jovens.

- Está bem! - disse ela. - Esperaremos.

- Eram cerca de três horas da tarde. As jovens recomeçaram a tocar órgão, e, a primeira coisa que aconteceu comigo é que elas me fizeram cantar. .Havia muitos anos que eu

não cantava um hino, mas, depois que comecei, não podia parar. "Pus para fora" todos os cânticos que aprendera na escola dominical. Depois de haver cantado todos os de que me lembrava, comecei de novo. Quando, afinal, o pastor chegou, às sete daquela tarde, eu estava ainda com disposição para continuar cantando!

Depois que o Pastor Crompton ouviu minha história, ajoelhou-se comigo e "orou até que eu obtivesse a resposta", como ele disse. Ele queria estar seguro de que eu estava "realmente salvo", por isso novamente confessei todos os meus pecados e chorei e ri, tal como fizera antes, enquanto a Sra. Webster bradava e louvava o Senhor.

- Quando, finalmente, fiquei em pé, o pastor disse:

- Irmão Thom, você nunca esquecerá este dia. Agora você é uma nova pessoa, e eu desejo que possa ser fiel ao Senhor e comece a freqüentar todos os cultos da Missão.

- Estou certo de que o farei, Pastor - disse alegremente, abrindo-me num largo sorriso. Eu sei que algo maravilhoso acaba de me acontecer.

Depois que nos apertamos calorosamente as mãos, separamo-nos e eu comecei a caminhar de volta a casa. . .

Fosse o que fosse que me fez parar no bar, jamais saberei. Talvez fosse a coisa mais natural a fazer. Talvez ainda não estivesse bem definido para mim o que acabava de acontecer. Talvez eu estivesse perguntando a mim mesmo se não é possível ser-se um bom crente e tomar um drinque vez por outra. Talvez eu estivesse desgostoso comigo mesmo por haver prometido àquele pastor que ia frequentar aquela Missão efeminada. Por alguma razão, tendo eu chegado ao bar por volta das nove e meia, algo me fez entrar nele.

Eu tinha dois dólares e dez centavos no bolso, e a cerveja custava apenas nove centavos a garrafa naqueles dias, e logo pedi uma garrafa. Depois de consumi-la toda, ainda me sentia sóbrio, por isso pedi algo mais caro. Um copo de vinho. Depois, conhaque. Depois, uísque. Primeiro a bebida pura, depois misturada. Às dez e meia eu havia gasto todo o dinheiro que tinha.

Estava me aprontando para sair, quando um velho amigo meu, chamado Mostert, chegou e se ofereceu para pagar-me um drinque. Voltei a sentar-me e ele foi me pagando bebidas até às onze e trinta.

- Ei, Tommy - desabafou Mostert - por que você não está bêbado? Por que você ainda está sóbrio?

"Engraçado", pensei comigo mesmo. "Eu estou sóbrio!".

- O que está acontecendo com você? - vociferou Mostert. - Minhas bebidas não agradam a você?

- Oh, sim - repliquei. - São boas, sim!

- Então por que você não fica bêbado comigo? Eu devia dar uns trancos em você por estar jogando fora o meu dinheiro!

- Ele era um homem bruto e eu sabia que ele podia facilmente bater-me. Então, rapidamente lhe agradeci as bebidas e tomei o rumo de casa. Depois de beber por três

horas a fio, caminhei ereto como uma seta por todo o trajeto até minha casa, e não me senti mal nem um instante que fosse.

Quando entrei na sala, ali estava a Sra. Webster me esperando! Senti-me tão envergonhado que tive vontade de correr, mas algo me segurou.

- Eu o estava esperando - disse ela. – Dei jantar às crianças, coloquei-as na cama e dei uma arrumaçãozinha na casa. (A casa estava um brinco.) - Achei que não devia deixar sós as crianças até sua volta - explicou ela. - Agora, se me dá licença, vou andando. Boa noite, irmão Thom.

Tão-depressa se fechou a porta, dei um suspiro de alívio. Se ela tinha desconfiado acerca do lugar onde eu estivera, não soltou uma só palavra a respeito.

"Deus amado" orei em minha cama naquela noite, "não compreendo exatamente o que aconteceu hoje comigo, e não compreendo como pude beber todas aquelas bebidas e não ficar bêbado; mas, seja como for, ajuda-me a começar a viver retamente, e abençoa Jóyce e o bebê. Amém."

No domingo de manhã levantei-me ciente de que tinha de encontrar Jóyce. Eu tinha um palpite: ela teria ido para a casa de sua irmã em outra parte da cidade. Deixei Drummond com instruções para tomar conta das outras crianças enquanto ia buscar "mamãe".

'A caminho da casa da irmã de Jóyce, encontrei um amigo que se propôs pagar-me um trago. Não posso dizer que o desejasse realmente, mas estava curioso em relação à noite anterior e na razão pela qual eu continuara sóbrio. Fiquei curioso para ver se isso ocorreria de novo. Aceitei o oferecimento e a bebida servida foi vinho do Porto e conhaque, que é das bebidas mais fortes.

Bebi desde as nove horas daquela manhã até às duas da tarde e continuei incrivelmente sóbrio o tempo todo! Eu tinha certeza que era um milagre de Deus!.

Agradeci ao meu amigo sua hospitalidade e saí de novo à procura de Jóyce. Enquanto caminhava bem equilibrado, ia pensando: "Alguma coisa saiu de mim, realmente, quando aquela mulher ordenou aos demônios que saíssem de mim! Não consigo embriagar-me! É um milagre!" Comecei, então, a pensar no apetite insaciável pelo álcool que me dominava, antes que ela ordenasse àquele demônio do álcool que me deixasse. "Evidentemente", pensei, "aquele desejo ardente de álcool não era apenas um desejo humano. Não. Era mais do que isso. O que é que eu estava alimentando quando bebia quinze litros de cerveja em uma noite?" Fosse o que fosse, sumira.

Pelas três horas da tarde de domingo cheguei à casa da irmã de Jóyce. Jóyce e o bebê lá estavam. Quando entrei pela porta da frente, meu cunhado foi dizendo:

- Sinto muito, mas não tenho nem um gole para você.

- Aprumando-me e olhando-o diretamente nos olhos, falei:

- Grave bem isto: nunca mais pedirei a você, ou a quem quer que seja, uma gota que seja de bebida. Obrigado.

Quando eu disse essas palavras, senti um pesado fardo escorregando de meus ombros, como um casaco da Marinha, molhado, caindo ao chão. Jesus parecia dizer-me: "Faça-se conforme a tua fé." Eu soube, naquele momento, que estava livre; que eu estava realmente salvo.

- Voltando-me para Jóyce, disse:

- Mulher, vamos para casa e começar uma vida nova.

- Ela pegou o bebê e disse: - Muito bem, é isso mesmo - os pequenos devem estar precisando de mim.

No caminho de volta para casa ela perguntou: _ O que pretendeu você dizer lá atrás acerca de não mais beber?

- Exatamente o que eu disse - respondi.

Aceitei Cristo em minha vida e os velhos dias se foram. Não mais bebidas, não mais cigarros, nada.

- Bem, eu já ouvi essa história antes - disse ela um tanto cética.

Quando chegamos a casa ela ficou surpresa por achar a casa brilhando e as crianças vestidas com as roupas domingueiras.

- Vocês já jantaram? ---, perguntou ela ansiosamente , enlaçando-as todas num abraço.

- Sim, mãe - gritaram elas. - Tivemos um jantar especial!

- Mas, quem cozinhou para vocês?

- A Sra. Webster e as senhoras da igreja!

- Sra. Webster? A senhora da Missão da Fé Apostólica?

- Sim, mãe, e ela nos lavou e vestiu, e as senhoras arrumaram a casa e, assim, você e papai não teriam nada para fazer quando chegassem!

- Mas, por que a Sra. Webster veio aqui?

- Nesse ponto, entrei na conversa e contei a história toda a Jóyce.

- Oh, Bob! - exclamou ela, lançando seus braços ao redor do meu pescoço. - Então é verdade! Você está salvo!

Ela pousou a cabeça sobre meu ombro e chorou e chorou. Depois de alguns minutos, enxugou as lágrimas.

- Desculpe que eu não tenha tido a coragem de dizer a você, mas eu fui salva domingo passado.

- Recuei atônito. - Você está salva? - perguntei incrédulo.

- Sim - disse ela timidamente. - Eu estava com medo de contar a você, mas esperava que você notasse a diferença. . .

- Eu notei - repliquei - mas não tinha a menor idéia acerca do que havia acontecido com você.

- Drummond também aceitou a Cristo.

- Drummond?

- Sim.

- Quando?

- No domingo de páscoa.
- Na Missão?
- Não. Na reunião de crianças promovida pela Sra. Webster na praia.
- A mulher doida! - falei eu, rindo entre dentes. - Ela está decidida a pegar toda a minha família!
- Quanto mais depressa, melhor! – replicou Jóyce, rindo.
- Vamos todos à Missão esta noite - sugeri.
- Ótimo - disse Jóyce. - Espere uns minutos para me aprontar.

Enquanto esperava, peguei o jornal de sábado que eu não tinha lido por causa da emoção toda do dia anterior. Meus olhos caíram sobre uma notícia acerca da moça negra que tinha sido estrangulada no bar do hotel na noite em que eu lá dormira. A notícia dizia que a polícia tinha prendido o namorado dela, e ele confessara ser o assassino. Deixei cair o jornal no colo, descansei a cabeça no encosto da cadeira e ri à vontade. "Graças a Deus!" suspirei. "Eu não fiz aquilo!" Senti-me como se tivesse ganho vida nova. Não demorou muito e nossa família toda se dirigiu à Missão da Fé Apostólica para participar do culto da noite de domingo. Lotamos um banco inteiro. Gostei do cântico e da pregação, mas o conservar-se a esposa do pastor gritando "Aleluia" e "Louvai ao Senhor" durante todo o culto, me desagradou um bocado. Ao voltarmos para casa eu disse a Jóyce: - Nunca mais voltarei lá. Não passam de um punhado de fanáticos!

Mas, na noite de quarta-feira voltamos. E outra vez na sexta-feira. E outra vez no domingo. Começamos a apreciar a fraternidade, e mesmo a esposa do pastor não parecia tão má depois que a conhecemos melhor.

Um dos grandes problemas que enfrentamos depois de iniciados na vida cristã foi relacionado com nossas finanças. Eu havia gasto tanto dinheiro nas bebedeiras que muito pouco restara para pagar nossas contas. As dívidas tinham formado uma pilha cada vez mais alta, e, enquanto eu andava bebendo, não dei importância. Mas, agora que eu pertencia a Cristo, sabia que alguma coisa devia ser feita. Joyce e eu conversamos acerca do assunto e afinal decidimos que começaríamos por dedicar ao Senhor nossa família inteira e seus problemas. Não disse Jesus: ". . . buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mateus 6:33)? Assim, no domingo seguinte, fomos à Missão e, quando foi feito o apelo, fomos todos à frente e nos ajoelhamos junto ao altar. Jóyce segurava o bebê e todas as outras crianças louras ali estavam reverentemente ajoelhadas. "Jesus", falei, "lancei minha família numa tremenda dificuldade. Gastei meu dinheiro na bebida e as crianças não têm sido devidamente alimentadas ou vestidas e as contas estão por pagar. - Chorei como uma criança antes de prosseguir "Jesus."; Salvaste a mim e a Joyce para a glória do teu nome, e creio que podes pôr em ordem toda esta confusão se nos entregarmos a ti."

Então consagrei-me pessoalmente ao Senhor, bem como minha esposa e filhos. Ele podia usar todos os meus filhos como missionários, se essa fosse a sua vontade. Falei-

lhe acerca de meu problema asmático, que vinha se agravando desde os dias do orfanato. Falei-lhe de minhas falhas e frustrações. Falei-lhe de minhas dívidas os milhares de dólares que eu sabia que não podia pagar. Eu devia dois grandes empréstimos que tomara da Marinha e do Fundo Militar de Guerra; isso acrescido do aluguel, do alimento, da roupa e de outras despesas. "Deus", orei, "ofereço-te essas dívidas no nome de Jesus."

Na ocasião eu não sabia, mas quando você oferece uma dívida a Deus, ela se torna dívida dele, e Deus sempre paga suas dívidas! Três semanas depois, recebi duas cartas idênticas de ambos os fundos de empréstimos: minhas dívidas para com eles haviam sido convertidas em subsídios e, portanto, nada mais havia que pagar.

Capítulo Seis

"Jesus, o Que Cura e batiza."

Mil novecentos e quarenta e oito foi um grande ano. Eu ainda estava na Marinha, mas, desde a minha conversão um ano e meio antes, eu vinha dedicando a maior parte do meu tempo livre ao estudo da Bíblia e cooperando na Missão. Eu estava crescendo espiritualmente, mas um grande teste me aguardava mais adiante acerca do qual eu nada sabia.

Eu tinha descoberto que uma das doutrinas continuamente enfatizada na Missão era a da cura divina. O pastor proclamava altamente que Jesus era capaz de curar todas as nossas enfermidades e eu acreditava no que ele dizia. A regente do nosso côro também falava freqüentemente do poder de Deus para curar. Repetidas vezes vi pessoas enfermas serem ungidas com óleo, de acordo com as instruções em Tiago 5:14. “Toda vez o pastor citava Marcos 16: 18". . .se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados."

Mas ninguém ficava curado. Ninguém sarava. Isso era, para mim, por demais desanimador. Minha condição asmática estava piorando. Repetidamente acordava de noite, alarmado, num tremendo esforço para respirar. Eu fora ungido e ungido, mas nada acontecera.

Então, uma tarde, dirigi-me à diretora do coro e disse.

- Não há alguém nesta cidade que possa orar pela minha cura? Eu estou doente!
- Muito bem - disse ela - orarei por você, se você aceita que eu o faça.
- Mas você já orou por mim - redargüi - e me sinto mais doente do que nunca.
- Eu sei - disse ela com um olhar distante. Você devia ter estado aqui quando John G. Lake aqui esteve.
- Por quê? Quem é John G. Lake?
- Oh, é o pregador norte-americano que realizou todos os milagres quando estava aqui, mas já voltou para os Estados Unidos...
- E levou os milagres com ele

– acrescentei sarcasticamente.

- Bem, irmão Thom - replicou ela - não há por aqui quem fizesse a oração da fé como ele fazia.

- Eu já notei isso - respondi tristemente. Fui para casa, naquela noite, desgostoso e desanimado. Tenho certeza de que Jóyce notou. Antes de ir para a cama tornei dois comprimidos de efedrina, a única coisa que me proporcionava algum alívio em minhas dificuldades respiratórias. Sentei-me à beira da cama, peguei minha Bíblia da mesa de cabeceira e abri ao acaso no evangelho de Marcos. Li, então, o seguinte:

. . . porque em verdade vos afirmo que se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim. será com ele (Marcos 11:23). "Senhor", falei, "essa é para mim? Ou era somente para os doze discípulos?"

Leia-a de novo, pareceu-me ouvir o Espírito Santo dizer-me. Então comecei de novo, desta vez destacando as palavras: "porque em verdade vos afirmo que se alguém. . ." Parei estupefato. Alguém! "Senhor", exclamei, isso quer dizer que esta promessa é para qualquer pessoa que se decida a crer nela!

Um pensamento, então, passou pela minha mente: talvez esta promessa se aplicasse somente a certas situações. Talvez não funcionasse em relação à minha doença, ou à doença de mais alguém. Então li o restante do versículo, e o Espírito Santo me permitiu "ver" as últimas palavras do texto: ". . .mas se crer que se fará o que diz, assim será com ele." O quê. O quê! Qualquer coisa, qualquer coisa no mundo inteiro, é possível onde há fé.

Quem quer que seja e o que quer que seja! Qualquer pessoa pode obter qualquer coisa, se apenas crer! A promessa era tão grande que quase fez minha cabeça girar. "Senhor", orei, "se ninguém mais, nesta cidade, fez esta Bíblia ter vida desde que John G. Lake aqui esteve, permite-me, então, ser o primeiro a fazê-lo!"

Alguns dias depois estava de volta à Missão e, por alguma estranha razão, me sentia impelido a orar pelos enfermos. Era estranho. Eu ainda vinha sofrendo com minha asma, e não fazia sentido que eu, um homem doente, estivesse ministrando aos enfermos, mas isto parecia ser exatamente o que Deus estava dizendo que eu fizesse; assim, no fim do culto, orei por algumas pessoas enfermas. Dentro de alguns dias, para grande surpresa minha, soube que estavam curadas.

Assim encorajado, passei a orar mais regularmente pelos enfermos. Muitas vezes visitava amigos enfermos em suas casas e orava por eles. Deus começou a operar milagres. Algumas curas notáveis foram noticiadas no jornal local. Mas eu continuava a respirar com dificuldade. Apenas não podia compreender por que Deus não me curava.

Experimentei uma calma temporária no meu desânimo no dia em que o pastor me perguntou se eu estava disposto a pregar o sermão do domingo seguinte à noite.

- O senhor acha que posso fazê-lo, Pastor? perguntei ansiosamente.

- Não é você um marinheiro da Marinha Sulafricana? - retorquiu ele.

- Sim, senhor.
- Não é você bem relacionado com Deus Todo-poderoso?
- Sim, senhor.
- Então você o fará, meu homem, você o fará! Sorri satisfeito e lhe agradeci a honra.

A caminho de casa, decidi chegar à casa do irmão Busche, um dos presbíteros de nossa Missão.

- O que você acha? - fui falando assim que fui entrando na sala em que ele estava assentado. Vou pregar no domingo à noite!
- Oh, é isso? - respondeu ele surpreso. – E como você conseguiu ser o pregador?
- O pastor convidou-me - respondi com um largo sorriso.
- Bem, e isso não é ótimo? - acrescentou ele friamente, com um toque de ciúme.
- Suponho que você espera realizar um grande culto?
- Bem - respondi, - haverá algumas almas salvas, tenha certeza.
- Mas o que faz você tão certo disso? perguntou ele. Você não sabe que, além de você, ganho para o Senhor pela Sra. Webster, não vimos uma só alma salva nos últimos quatro anos?
- Pode ser - respondi - mas venha no domingo à noite e você vai ver.
- Irmão Thom - disse ele, pondo-se em pé indignado - você pensa que Deus vai nos deixar à margem, nós presbíteros e diáconos, e operar através de um noviço?
- Eu não tive a intenção de desrespeitar. . .gaguejei.
- Saia de minha casa! - gritou ele. - Seu orgulho é uma abominação para Deus!
- Está certo. Desculpe, - disse eu, voltando-me para sair. - Mas, compareça domingo à noite; você vai ver.

Na noite de domingo ele lá estava, embora muito frio. Mas Deus me ajudou a pregar minha mensagem e, de fato, quatro pessoas foram à frente para serem salvas. Percebendo quão errado estivera, o irmão Busche me procurou depois do culto e me pediu perdão. Entretanto, como efeito de algumas críticas dos outros presbíteros e diáconos, o pastor foi muito mais cauteloso no que diz respeito a convidar-me a pregar depois daquela vez.

Mas, não obstante, senti minha responsabilidade de ser testemunha de Cristo sempre que possível e, assim, comecei a ir à praia nas tardes de domingo, testemunhando ao povo ali. Nunca me ocorrera que aquele era o ponto preferido pelos judeus nos domingos! Desnecessário dizer que meu testemunho foi escarnecido e ridicularizado.

Eu recebia pouco encorajamento de outrem, a não ser de Jóyce. Muitas das pessoas que freqüentavam a Missão insistiam Mas não me parecia sensato diminuir meu zelo pelo Senhor. Eu havia perdido tempo demais nos anos que vivera no pecado. Descendo a rua algum tempo depois, encontrei Danny Maxwell, o superintendente da escola dominical da igreja metodista, da qual eu havia sido membro. Este homem tinha me ajudado a chegar a casa numa noite em que eu estava completamente embriagado, e isso

justamente dois meses antes de minha conversão, por isso eu estava certo de que ele ia ficar superalegre ao ouvir meu testemunho.

- Depois que lhe contei da maravilhosa mudança em minha vida, ele disse:

- Bem, estou contente por ouvir acerca da mudança ocorrida em você, mas não me lembro de ter visto você na igreja. Por onde tem andado?

- Oh - disse eu - veja você. A Sra. Webster, que me guiou a Cristo, levou-me à Missão da Fé Apostólica e apresentou-me ao pastor e é lá que estou freqüentando.

- Você está freqüentando a Missão da Fé Apostólica? - perguntou ele com desdém.

- Sim. Faz um ano e meio que freqüento lá. - Você é membro de lá?

- Claro.

- Ele meneou a cabeça num gesto de descrença.

- Tommy, nunca pensei que havia de ver o dia em que você deixaria a Igreja Metodista e se misturaria com uma seita falsa. Se você deseja conhecer a verdade, estava melhor fora disso, quando você andava bebendo.

- Chocado, deixei-o. Enquanto seguia para casa ia repetindo para mim mesmo: "Imagine!" “Ele preferia que eu fosse um metodista bêbado a ser um cristão salvo ,freqüentando a Missão" Não havia meio de eu poder compreender isso.

Mas, ainda mais desencorajador foi o que aconteceu no sábado seguinte. O pastor Crompton e sua esposa estavam a par do meu sofrimento com a asma e, quando souberam que um certo irmão McQuade viria pregar e ministrar aos doentes na Igreja da Fé Apostólica em Plumstead, decidiram levar-me e Jóyce à reunião.

- Quem sabe? - o pastor Crompton comentou com otimismo. - Você pode voltar de lá curado!

- Assim espero, com certeza - repliquei. Continuando assim, não poderei ir muito longe.

- Foi um tremendo desapontamento quando o irmão McQuade se levantou para falar! Ele era corcunda, horrivelmente deformado, com mãos ossudas e feições de falcão.
"Como pode aquele homem ministrar aos enfermos?" Perguntei a mim mesmo. "Ele mesmo é um semimorto!"

Para tornar as coisas piores, quando abriu a boca para falar, ele gaguejava terrivelmente. Anunciou que ia falar acerca de "Jesus o que Cura e batiza no Espírito."

Sentei-me ali e ouvi-o gaguejando e um pensamento me veio: "Este homem é um mentiroso; se ele tem algum poder de curar, por que não o usa em si mesmo?"

- Fui-me embora da reunião ainda mais desencorajado.

- Na quarta-feira seguinte eu estava quase arrasado. A asma se manifestara mais forte naquele dia do que costumava fazê-lo, por isso não fui trabalhar. Eu respirava com dificuldade e lutava com a falta de ar até que me senti completamente exausto.

- Por que você não vai à casa do pastor? Sugeriu Jóyce. - Estão realizando uma reunião de oração lá esta manhã.

- É uma boa idéia - concordei. - Talvez eu consiga ficar curado hoje.

- Bem, também assim espero disse ela. - Se Deus não fizer algo pela sua asma, você logo estará diariamente fora do trabalho.

Dirigi-me, então, à casa do pastor Crompton e juntei-me ao grupo que já estava reunido na sala. Constatei logo que se tratava de uma reunião regular de oração em que as pessoas oravam por um reavivamento e pelas necessidades da Missão.

Terminada a reunião, continuei ajoelhado junto a minha cadeira, suplicando alto o toque de cura divina para minha asma. Muitas pessoas estavam-se retirando, mas quando a irmã Crompton me ouviu orando, ela pôs a mão sobre meu ombro e orou: "Senhor, ajuda este irmão em sua autocomiseração. "

"Autocomiseração!" Resmunguei. "Ela nada percebeu do que venho sofrendo ultimamente!"

Nesse momento, bateram à porta e ela foi atender.

Alguns minutos depois o pastor veio do andar superior, aonde fora após a reunião, pôs a mão na minha cabeça e orou: "Ajuda, Pai, este irmão em sua autocomiseração!"

"O que está acontecendo aqui?" perguntei-me.

"Eles repetiram aquela oração!"

Então outra pessoa pediu para falar com o pastor e ele se retirou. Um pensamento estalou na minha cabeça, vindo não sei de onde: "Eles não amam você."

"É isso mesmo", concordei, "eles nunca o fizeram."

Parei de orar e comecei a ruminar todas as minhas dúvidas e preocupações.

"Podia, ao menos, enfrentar a realidade", pensei. "Eles falam a respeito de curar, mas eles não têm mais poder de curar do que esta cadeira sobre a qual me debruço."

“Eles falam de amor, mas eu não posso fazer algo mais naquela Missão por causa do seu ciúme carnal!"

Fiquei ali ajoelhado um longo tempo, em silêncio, para reunir coragem de maneira a pensar meus verdadeiros pensamentos. Finalmente, não pude mais contê-los: "Deus não se incomoda comigo. Se incomodasse, me curaria. Levantar-me-ia. Auxiliar-me-ia a compreender melhor a Bíblia, Dar-me-ia mais poder para testemunhar. Mas ele não se incomoda. Eu fui um doido por chegar a crer nesta droga. Eu não passo de um estúpido hipócrita. Tal como eles. . ."

Levantei-me da cadeira onde estava ajoelhado, sem despedir-me de ninguém, saí nas pontas dos pés e tomei um ônibus. Eu estava tão desgostoso que podia ter acabado com tudo ali mesmo. Um pensamento me veio de algum lugar: "Por que não volta ao Grand Hotel onde você costumava beber?"

"Bem que podia", murmurei dominado pelo desespero. "Ninguém liga."

Uma quadra antes do Hotel toquei a campainha avisando o motorista que queria descer. Ao levantar-me para descer do ônibus, ouvi uma voz, não muito audível, porém muito distinta. A voz dizia: "Não te deixarei nem te desampararei." Desci do veículo, atravessei a rua e, de novo, ouvi a voz: "Não te deixarei nem te desampararei."

Na ocasião em que cheguei ao Grand Hotel, lá estava Jock, o garçom, na calçada, justamente no lugar em que o diabo o havia colocado! Ao passar, JOK me reconheceu.

- Tommy! Companheiro velho! - gritou ele, abrindo-se num largo sorriso. - Faz tempo que não vejo você! Entre e tome um drinque por conta da casa! - Era como o bafo quente de Satanás lançado no meu rosto.

- Não posso entrar hoje, Jock - repliquei com firme determinação e continuei andando. À medida que eu caminhava para mais longe, recebia a estranha impressão de que devia ir à casa do irmão McQuade, e ele me diria algo acerca do batismo do Espírito Santo. Eu sabia que precisava de um batismo de alguma coisa ou outra, por isso, prossegui rumo à casa do irmão McQuade.

Eu tinha certeza de que McQuade morava em algum ponto da montanha, além do grande Hospital Groot Schur, por isso tomei um ônibus, que aconteceu ser um ônibus errado.

Não querendo gastar mais dinheiro em ônibus, subi a montanha a pé, perguntando aqui e ali onde era a casa de McQuade.

À uma hora da tarde ainda não havia encontrado a casa e estava com fome e então, gastei meu último trocado numa barra de chocolate com recheio de nozes e passas.

Desembrulhei e ia dar a primeira dentada quando notei que estava estragado. Desgostoso, joguei-o no ralo. Uma voz parecia dizer-me: "Deus não se incomoda com você nem mesmo quando você está com fome." Por um momento pensei em dar a volta e rumar para casa. Mas, então, me lembrei daquela outra voz: "Jamais te deixarei. . ."

- Afinal, encontrei a casa de McQuade. Bati e uma empregada veio atender à porta.

- Meu nome é Thom - Robert Thom", falei.

- Sim, Sr. Thom. Quem o senhor quer ver?

- O irmão McQuade. Ele está aqui?

- Sim. Entre. O senhor o verá logo após o almoço. - Ela pegou minha jaqueta e entrou noutra sala.

Sentei-me para esperar. Mas quando comecei a pensar na conversa com McQuade acerca do Espírito Santo, já não me sentia mais tão certo de querer tratar do assunto com ele. Tive vontade de levantar-me e esgueirar-me porta fora. Mas, justamente nesse instante, ombro encurvado, o velho McQuade entrou na sala em que eu estava sentado.

- Oh, irmão Tommy! - disse ele arreganhando um sorriso. - Que posso fazer por você?

- Tentando uma evasiva, falei: - É que apanhei uma sinusite - o que não deixava de ser verdade. Sem hesitação, aproximou-se de mim, comprimiu aquela mão ossuda sobre meu nariz e disse: "No nome de Jesus Cristo, tu, espírito do sinusite , sai dele!" Naquele exato momento algum poder estranho veio sobre mim e minhas narinas se abriram completamente. Aspirei um hausto cheio de ar fresco e disse: "Louvado seja o Senhor!"

- Irmão - disse ele - ajoelhe-se, você precisa do Espírito Santo.

- Realmente - gaguejei - foi por isso mesmo que eu vim.

- Eu sabia - respondeu ele com um lampejo nos olhos. - Ajoelhe-se aqui e comece a louvar a Deus. Deus vai batizá-lo no Espírito Santo.

Obediente, ajoelhei-me e tentei louvar a Deus por tudo o que ele tinha feito por mim. Mas a minha boca estava seca e o meu coração estava frio.

Enquanto ali estava ajoelhado "ouvi" uma voz que me dizia: "Sua casa pegou fogo! Sua esposa o está chamando!"

- De um salto fiquei em pé e disse a McQuade: Onde está minha jaqueta?

- Por que, o que está errado?

- Minha casa está se incendiando e minha esposa está chamando por mim.

- Ele me olhou de modo estranho por um momento, girou nos calcanhares e abriu uma janela. "Tu demônio", gritou, apontando para a janela aberta,"no nome de Jesus Cristo, sai daqui!" Depois, voltando-se para mim, disse:

- Irmão, sua esposa nunca o chamou, e sua casa não está se incendiando-. Então, fechando a janela e trancando-a, explicou: - Aquele era um demônio que se opunha a você. Mas eu ordenei que ele saísse de você no nome de Jesus, e ele obedeceu. Agora, voltemos ao assunto de que estávamos tratando.

Eu sabia muito pouco acerca desse assunto de "demônio" e também não estava muito certo de querer saber! Dar ordens a diabos e espíritos invisíveis era um pouco avançado para mim. Eu me lembrava ainda de como a Sra. Webster expulsara de mim o "demônio bebedor", ou lá o que fosse, por isso talvez houvesse algo relacionado ali.

- Agora, irmão Tommy - continuou Mc.Quade, - Deus não se agrada de culto de lábios; ele quer louvor do coração. Se você realmente quer ser batizado no Espírito Santo, então comece a louvar a Deus de todo o coração. A fé viceja no louvor, e Deus habita nos louvores do seu povo.

Então levantei minhas mãos e comecei a louvar a Deus de todo o meu coração. Desapareceu a secura de minha boca. Minha língua parecia ficar em fogo à proporção que o louvor irrompia de mim. De repente, fui tomado pelo Espírito. Era algo estranho - algo assim como uma experiência "fora do corpo", quando meu espírito parecia vendo dentro de outra esfera.

Via uma escada de mármore branco que descia do céu. Ela se desdobrava como um acordeão e descansava no chão diante de mim. Eu vi, então, um homem em miniatura ajoelhado ao pé daquela grande escada, olhando para cima e batendo palmas em adoração e louvor. Fiquei maravilhado quando percebi que o homenzinho se parecia exatamente comigo!

Fascinado por este homenzinho tão embebido no culto, meus olhos subiram escada acima buscando ver o objeto de sua contemplação. A primeira coisa que vi foi um par de pés traspassados por cravos, calçados com sandálias e descendo através das nuvens que envolviam o topo da escada. Sabendo que era o Senhor, vendo seus pés se aproximarem cada vez mais, curvei a cabeça reverentemente.

Quando levantei os olhos de novo, parei de respirar, maravilhado. Ele aparecia como um Homem grande e forte, vestido com um manto prateado, cingido com uma larga faixa dourada. Seu rosto corado brilhava como o sol. Trazia, na mão direita, um grande jarro de pescoço estreito, cheio de vinho novo.

No mesmo instante me lembrei das palavras de Jesus: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (João 7:37). Lembrei-me, também, da explicação que João dá a essa declaração, no versículo 39: "Isto disse ele com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem. . ."

Assim que o Senhor chegou ao pé da escada, falou ao homenzinho, que, agora, eu sabia ser eu. "Meu filho", disse ele, "eu agora te dou o dom da fé." E eu vi aquele pequeno homem juntar as pequenas mãos em concha, e o Senhor derramou vinho efervescente nelas, e o homem bebeu.

Então o Senhor disse: "Meu filho, eu também te dou o dom de curar." E, de novo, ele inclinou o jarro e derramou mais vinho naquelas pequenas mãos. E o homem voltou a beber.

Pela terceira vez o Senhor falou. Disse: "Eu te dou o dom de profecia." Mais vinho foi derramado e o homem bebeu.

Pela quarta vez o Senhor falou: "Eu te dou a palavra do conhecimento." O vinho gorgolejou do jarro e o homem bebeu.

Quinta vez falou o Senhor: "Eu te dou o dom de línguas." Vi o homenzinho beber como antes e, de repente, ergueu os olhos para o Senhor de um modo que parecia que ia estourar de alegria. (Lembro-me de haver pensado ao mesmo tempo: "Se não abro, agora, a minha boca e não deixo que o que está dentro de mim saia, vou explodir!"

Eu me sentia parecido com o "homem do pneumático Dunlap" - a figura de propaganda da Companhia Dunlap usada naquele tempo para fazer a publicidade de seus pneumáticos um homenzinho gordinho feito de pneumáticos e câmaras-de-ar. Eu estava tão cheio de alegria e devoção que não conseguia suportá-las!) De repente o homenzinho começou a adorar o Senhor numa linguagem que eu jamais ouvira. A princípio era hesitante e vacilante, transformando-se, depois, num linguajar claro, doce e cheio de unção.

Ainda estava eu observando este homenzinho louvando ao Senhor quando, de repente, a escada de mármore balançou para a esquerda e desapareceu. Depois vi o Senhor desvanecer-se no ar transparente, e, também a pequena figura se foi. Passados uns momentos pareceu-me "descer à terra" e me encontrei de joelhos na sala da frente da casa do irmão McQuade, orando em línguas! Que rios de água viva fluíam de minha boca! Eu sabia que o Senhor me havia batizado no Espírito Santo.

Mas, logo em seguida, fui tomado pelo Espírito novamente. Desta vez olhei para cima e vi uma cidade quadrada baixando graciosamente à terra, como uma majestosa espaçonave.

Enquanto a cidade baixava lentamente, fui arrebatado aos céus, onde tive ocasião de ver a beleza espantosa desta Metrópole Celestial. Seu tamanho só poderia ser comparável a centenas de Cidades de Nova Iorque conjugadas numa grande cidade. Eu podia ver os belos telhados de ouro e as áreas semelhantes a parques onde as árvores formavam arcos sobre as ruas.

De novo fui trasladado para a parte leste da cidade. Olhando para trás, fiquei surpreso ao ver um Homem montado num cavalo branco, colocado entre mim e a cidade. Devia ter quase seis metros de altura e era forte e musculoso, com bandas de ouro em volta dos braços.

- Senhor - gritei, - por que o Cristo é tão grande?

E ouvi uma voz, vinda da cidade, reboar dizendo: "Ele não é mais o bebê de Belém, nem ainda o Cristo crucificado - mas, é, agora, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, voltando para receber os remidos de todos os tempos."

Num instante a visão desapareceu. Quando voltei a mim, estava ainda adorando em línguas.McQuade estava rindo e louvando ao Senhor ao mesmo tempo. Pus-me de pé, saí cambaleante daquela casa embriagado do "vinho" do Espírito e nem me despedi de McQuade.

- Quando cheguei a casa naquela tarde, Jóyce, perguntou:

- E então? Como foi a reunião de oração?

- Oh, formidável! - respondi. - Não estou curado ainda, mas acho que agora vou conseguir

- Ótimo! - disse ela com alegria, enquanto ia pondo a mesa para o jantar. - Eu estava orando para que alguma coisa extraordinária acontecesse com você hoje.

- Aconteceu! - respondi, sorrindo.

Capítulo Sete

A Casa Com Muitas Árvores Frutíferas

Foi naquele mesmo ano que a Marinha me transferiu para o Transvaal (província nordestina da África do Sul), cerca de mil e seiscentos quilômetros de distância. Não foi fácil deixar Jóyce e as crianças, mas, nós havíamos confiado nossas vidas a Cristo e sabíamos estar ele no controle de qualquer situação que tivéssemos de enfrentar.

Meu posto era em Pretória, a capital do Transvaal. Enquanto ali permaneci procurei tirar proveito de toda oportunidade de testemunhar por Cristo. Como os fins de semana eram livres, eu tinha tempo de sobra para falar de Cristo a qualquer pessoa que se dispusesse a ouvir.

Num fim de semana Deus colocou na minha mente a Igreja do Evangelho Completo em Benoni e me disse que eu devia pregar ali no domingo de manhã. "Senhor", protestei, "não é de boa etiqueta eu entrar numa igreja e dizer aos que lá estão que fui pregar a eles.

Confia em mim, parecia o Senhor dizer. Lá existe alguém que precisa de seu auxílio.

Assim, bem cedo na manhã de domingo vesti meu uniforme de gala, marinheiro que eu era, e com uns trocados no bolso, consegui viajar de carona até aquela igreja, distante muitos quilômetros. Chegando ali o povo me tratou com muita bondade e procurou saber mais a meu respeito. Quando descobriram que eu viera de Pretória tão. somente para participar de seu culto, ficaram intrigados.

- Por que você viajaria de carona toda essa distância só para estar em nossa igreja? - perguntaram.

- Bem, é. .ah. . . vocês talvez não acreditem. mas Deus me enviou aqui para pregar esta manhã.

Rapidamente dois deles procuraram o pastor e lhe falaram a meu respeito e a respeito do que eu dissera. Na hora de começar o culto lá estava eu no púlpito, e preguei! E, oh, como gostaram da mensagem evangélica simples que preguei!

Lembrando do que o Senhor me havia dito acerca de alguém a quem eu levaria ajuda conservei-me vigilante para descobrir meu alvo mas, já no fim do culto, um tanto desapontado eu ainda não tinha localizado a pessoa.

Entretanto, depois do culto, um irmão e uma irmã Anderson me convidaram a ir com eles à sua casa e orar por sua filha, Rope, que sofria de distrofia muscular. Aceitei o convite e eles me levaram à sua fazenda de trigo. Oscar Changuoin secretário do Administrador Geral das Estradas de Ferro Sul-africanas em Johannesburg e grande ganhador de almas, foi conosco.

Tão-logo eu vi a jovem Rope, senti que ela era pessoa a quem eu fora enviado para ajudar .Ela estava gravemente inválida, tendo uma das pernas encolhida e paralisada.

- Rope - falei, pegando sua mão, - Jesus quer curar você hoje- Então me ajoelhei, acompanhado por Oscar e irmão e irmã Anderson. fizemos uma simples oração de fé e passamos a louvar ao Senhor pela resposta, antes mesmo que víssemos qualquer evidência palpável de uma cura.

Mais tarde naquele dia, de carona, voltei a Pretória. Oscar prometeu que me telefonaria assim que se manifestasse qualquer mudança visível no estado de Rope. Na realidade eu esperava ser chamado naquela mesma noite. Mas não veio nenhum chamado.

Esperei, então, segunda-feira o dia inteiro, mas nada ouvi. Lá pela tarde de segunda-feira minha cabeça estava inundada de perguntas acerca da realidade de minha fé e por que eu não via resultados imediatos.

Na terça-feira de manhã, o telefone tocou. Era Oscar.

-Irmão Thom - gritou sua voz no receptor. Você soube do que aconteceu a Rope Anderson?

- Não, - respondi, sorrindo e segurando o fone a certa distância do meu ouvido, - o que aconteceu?

- Ela acordou segunda-feira de manhã perfeitamente curada!

- Você está dizendo que a paralisia desapareceu por completo?

- Não ficou um só pedacinho dela!
- E a perna dela endireitou? E chegou ao comprimento normal?
- Sim, endireitou e se alongou cerca de seis centímetros!
- Então ela está andando?
- Andando!? Ninguém consegue mantê-la sentada!
- Louvado seja Deus! - exclamei.
- Amém! - replicou Oscar, soluçando.

Pendurei o fone, profundamente impressionado com o poder de Deus para curar. Algumas semanas depois consegui uma carona até Benoni, especialmente para ver Rope com meus próprios olhos. Foi-me difícil acreditar ser aquela a mesma menina.

Foi então que percebi a importância de agir com fé. Não havia razão visível pela qual devêssemos ter louvado ao Senhor por curar Rope, quando, primeiro, oramos por ela. A evidência visível dizia: "Não, ela não está curada." Mas eu também sabia que "a fé sem as obras é inoperante" (Tiago 2:20). Foi por isso que resolvemos pôr nossa fé em ação e louvar a Deus antecipadamente. Nós preferimos crer nas promessas de Deus ainda mais do que críamos nas circunstâncias que víamos com nossos olhos. Não diz a Bíblia que". . .a fé. . .é a convicção de fatos que se não vêem" (Hebreus 11:1)? Isto era o princípio que havia de tornar-se a chave da vida excitante de fé que Deus tinha traçado para mim. De fato, uns poucos dias depois eu voltaria, de novo, a usar essa chave.

Quando começou a parecer que eu ficaria servindo em Pretória por algum tempo, comecei a orar pedindo a Deus que me possibilitasse trazer minha família de Cape Town, de mudança. Eu sentia muita falta de Jóyce e as crianças precisavam do pai. Mas havia uma tremenda falta de moradias. Eu sabia que seria quase impossível achar um lugar para morar, a não ser que Deus realizasse um milagre.

Um domingo à noite, quando estava orando muito fervorosamente acerca desse assunto, senti uma impressão irresistível de que Deus ia dar-me uma casa com muitas árvores frutíferas. Estava tão certo de que era Deus falando comigo que fui, na segunda-feira, ao Escritório de Controle de Habitação do Governo e me inscrevi solicitando uma casa. Depois de preencher os formulários , dirigi-me à senhora encarregada.

_ Senhora - falei - vou a Cape Town buscar minha família. Aqui estaremos na sexta-feira à noite. Logo que a senhora tenha a chave da minha casa, quer ter a bondade de deixá-la neste endereço? - E pus em sua mão uma tira de papel com o nome e o endereço do pastor da igreja que eu estava freqüentando desde que chegara a Pretória.

Ela olhou para mim como se eu estivesse louco disse furiosa:

Senhor - disse ela - talvez lhe interesse saber que o seu número na lista de inscrições é o 11.001. Receio que seja impossível.

Não - falei, insistente - Deus me disse que ia me dar uma casa com muitas árvores frutíferas.

Senhor - replicou ela - não tente subornar-me

Senhora, não estou tentando suborná-la respondi, sorrindo.

Só estou pedindo que faça o favor de deixar a chave com esse homem; estou me mudando. Chegaremos sexta-feira à noite.

Ela, sem fala, fixou os olhos em mim e eu lhe dei as costas e a deixei ali com o meu formulário na mão. Mas ela não estava mais espantada do que eu. Enquanto me afastava daquela secretária, ia-me maravilhando com a minha própria audácia, declarando minha fé com tanta certeza. "Onde conseguira eu uma tal fé?" perguntei a mim mesmo perplexo.Quando cheguei a Cape Town, Jóyce e as crianças ficaram surpreendidas por ver-me, e duplamente surpreendidas ao saberem que estávamos de mudança.

- Mas eu não tenho nada acondicionado! falou Jóyce.

- Arrumaremos tudo rapidamente - disse eu. - Se todos pusermos mãos à obra, teremos tudo pronto num dia.

Ela me olhou entre zangada e divertida. De repente prorrompeu numa alegre gargalhada.

- Bob - disse - você é o homem mais doido que já encontrei!

Ao fim do dia já tínhamos tudo acondicionado e feito os arranjos para ser tudo transportado e entregue, cedo, na manhã seguinte, no escritório de transporte ferroviário.

Pelo meio da manhã seguinte, ouvindo o traque-traque das rodas nos trilhos, lá íamos nós no trem a caminho de Pretória. Os meninos, cansados da trabalheira do dia anterior, caíram logo no sono.

- Bem, não há dúvida de que é bom relaxar um pouco - disse Jóyce, descansando a loura cabeça no encosto macio da poltrona.

- Sim, ontem foi um dia daqueles, não foi? respondi, bocejando.

De repente, ela se aprumou na poltrona e disse:

- Bob, você nunca me falou a respeito da nossa casa nova.

- Oh, sim - respondi. - Com toda essa correria, até me esqueci de falar a você. Você vai gostar. Tem uma porção de árvores frutíferas.

- Quantos quartos?

- Os necessários.

- Tem uma cozinha ampla e bonita?

- Você vai gostar dela, tenho certeza.

- É só isso que você pode dizer?

- Eu queria fazer uma surpresa.

- Oh! - Ela sorriu e voltou a descansar a cabeça na poltrona. Não demorou muito e ela dormia placidamente.

"Senhor", orei baixinho, "se falhares comigo agora, nunca mais falarei contigo."

Na sexta-feira, ali pelas seis horas, chegamos a Pretória. Logo que saímos do trem procurei um telefone e chamei o pastor.

- Aqui fala Robert Thom - disse eu. – O senhor tem algum recado para mim?

- Oh, sim, Robert - disse ele. - Uma senhora passou hoje por aqui e deixou uma chave para você, e uma tira de papel com um endereço.

- Qual é o endereço? - perguntei, pegando a caneta.

- Rua Van Heerden, 40, Capital Park, Pretória. - Obrigado - falei. - Vou já aí pegar a chave. Antes de deixar o telefone fiz, rapidamente, outra chamada, fazendo os arranjos para que nossos pertences fossem levados ao novo endereço.

Quando chegamos à nova casa, a primeira coisa que notei foi que ela era cercada de árvores frutíferas! Lágrimas encheram meus olhos. Abri a porta da frente da casa e Joyce e as crianças gritaram de alegria. Enquanto percorriam a casa examinando-a, fui ao quintal e contei quatorze variedades de árvores frutíferas - damascos, pêssegos, maçãs, pêras, laranjas, limões, romãs, figos, opúncias (cacto comestível) e várias outras. Isto tinha de ser um milagre. o leitor gostará de saber que, quatro ou cinco anos após a cura. Rope Anderson candidatou-se a um emprego no Serviço Civil.

Capítulo 8-

1600 quilômetros.

Para que o jejum fosse total, exclusão feita da água. Assim à hora de cada refeição, em lugar de comer, eu orava, usualmente em algum lugar reservado onde pudesse concentrar-me em Jesus.

No quinto dia senti que chegara o momento de partir para a minha viagem. Eu tinha apenas uns trocados no bolso, mas me sentia confiante em que o Senhor me abriria um caminho. Despedi-me de minha família e arranquei para a viagem de mil e seiscentos quilômetros.

Consegui uma carona até ao Aeroporto de Zwartskop, com o palpite de que talvez arranjasse uma carona num avião. Era fácil para os membros das forças armadas conseguir carona em quase qualquer coisa naqueles dias. Quando falei ao oficial de serviço o que eu queria, ele deu uma olhadela no uniforme da Marinha e perguntou:

- Aonde vai?

- Cape Town, senhor.

- De carona, a viagem toda?

- Sim, senhor.

- Temos um avião que parte dentro de uma hora. Assine estes formulários e você conseguiu a carona.

- Quanto tenho de pagar?

- Quanto dinheiro você tem?

- Oitenta centavos.

Ele sorriu. - Planeja voltar?

- Sim, senhor.

- Muito bem. Se a viagem de ida e volta custa oitenta centavos, então, só ida custa quarenta centavos.

Ele carimbou meus papéis, destacou a minha cópia e a entregou .e Agradeci-lhe, fiz-lhe continência e me dirigi ao hangar onde o avião estava sendo abastecido. Não demorou muito e o velho avião militar roncava através da pista e lá estava eu no meu caminho.

Em vez de dirigir-se diretamente para Cape Town, que era rumo sul, o piloto desviou o avião para leste.

- Precisamos fazer uma parada na costa explicou ele. - Ali ficaremos esta noite e amanhã rumaremos para o sul, indo a East London. Temos de estar em Cape Town no dia seguinte.

Assim, naquela tarde, aterrissamos num aeroporto na costa. Com algum tempo livre ao meu dispor, saí à procura de uma boa reunião evangélica em algum lugar para, dela, participar. Afinal encontrei uma pequena sala onde um missionário estava tentando evangelizar alguns hindus. Era doloroso constatar a cegueira espiritual em que eles viviam. Sentado ali, observando o missionário trabalhar com aquelas pessoas, pareceu-me ouvir Deus dizer-me: Há muitos como estes, que não me conhecem nem o meu poder. Obedece-me e eu te mostrarei uma porta aberta no ministério.

Posteriormente vim a manter agradável conversa com o missionário; quando ele soube que eu estava viajando com destino a Cape Town, ofereceu-me um quarto para passar a noite, o que eu, agradecido, aceitei.

Na manhã seguinte eu estava, de novo, no avião, rumo à costa, com destino a East London.

- Vamos enfrentar um tempo borrascoso advertiu o piloto. - A estação de rádio de East London diz que está chovendo a cântaros por lá, já por vinte e quatro horas, e sem nenhum sinal de que vai parar. Mas os dois motores roncaram quase o dia todo e o vôo foi perfeito.

Um pouco mais tarde, ao fim do dia, entretanto, cerca de meia hora antes de descermos, tivemos de enfrentar trechos agitados pela tempestade.

O avião sacolejava através das nuvens como um velho ônibus rodando por uma estrada de chão. Por alguns minutos fomos envolvidos por uma tempestade acompanhada de chuva violenta.

Quinze ou vinte minutos mais tarde, o piloto chamou o rádio do aeroporto, pedindo instruções para aterrissar mas nada conseguiu.

- Qual é o problema? - perguntei.

- O bandido do rádio deve ter pifado respondeu ele aborrecido. - Teremos de descer às cegas.

Olhei pela janela e nada pude ver lá fora. Não existia senão um mundo de chuva e nuvens. Era aquele o sexto dia do meu jejum. "Senhor", orei em silêncio, "não me deixarei perturbar; minha vida está em tuas mãos."

Em poucos minutos rompemos um teto muito baixo e, através de uma chuva incessante, entrevimos os delineamentos de uma cidade lá embaixo. O piloto voou em círculos cuidadosamente, duas ou três vezes, tentando localizar o aeroporto.

- Achei-o! - disse ele de repente. - Segure seu chapéu; lá vamos nós!

Durante a descida me conservei louvando o Senhor. Dentro de minutos estávamos taxiando para fora da pista, sãos e salvos.

- Por que não tenta conseguir uma carona para Cape Town por alguma outra forma? - sugeriu piloto. - Tenho um palpite de que nossa parada temporária aqui vai ser longa.. A previsão do tempo não promete senão chuva, chuva e chuva nos próximos dias. Nunca poderemos levantar vôo com um tempo desses.. _ Muito bem, obrigado - respondi. - Vou ver o que posso fazer. O aeroporto estava situado nos arredores de .London. Estava ficando tarde e eu precisava arranjar um lugar para dormir, por isso fui de carona até à zona residencial da cidade. Quando desci do carro ainda estava chovendo, por isso me coloquei depressa ao abrigo da entrada de uma pequena loja de modo a não me molhar, e orei pedindo orientação. Ao orar senti minha atenção atraída por uma pequena casa um pouco mais adiante na rua. Disparando pela rua através da chuva que me cegava, fui direto àquela casa e bati na porta. Uma mulher de rosto bondoso atendeu.

- Tenha a bondade de entrar! O senhor vai ficar encharcado!

- Obrigado, senhora, - respondi entrando. A senhora é muito bondosa.

- E quem será o senhor? - perguntou ela- curiosa.

- Robert Thom, senhora. Estou viajando de Pretória a Cape Town.

- E o senhor é da Marinha?

- Sim, mas estou de licença.

- Mas, o que foi que o fez vir à minha casa?

- Bem, eu acho que fui trazido aqui. Como a senhora pode ver, sou um filho de Deus.

- O senhor é? O senhor é um cristão renascido? Sim, senhora.

- Bem, então, permita-me oferecer-lhe algum mantimento. O que o senhor gostaria de comer? A senhora não se ofenderá se eu recusar? Eu, hoje, não estou comendo.

- Não? O que gostaria, então, de beber?

- Apenas um copo de água fria. Está jejuando? -Sim.

- É surpreendente que o senhor tenha vindo à minha porta - replicou ela. - Tenho jejuado muitas e muitas vezes. Certa ocasião jejuei durante quarenta e cinco dias. Já vi grandes resultados a orações através do jejum. De fato, quando meu marido ficou desgostoso e deixou o ministério, eu orei por sua volta ao ministério e o fiz jejuando.

- Seu esposo é ministro? - perguntei, surpreso.

- Oh, sim! - disse ela. - Ele é o pastor da Igreja do Evangelho Completo aqui em East London. Na verdade, teremos culto hoje à noite. Gostaria de vir conosco?

- Claro que sim, senhora

- Stevens. Desculpe, eu me distraí. O senhor disse que queria água fria?

- Sim, senhora.
- Não - disse ela com bondade, - quando o senhor jejuar, deve beber água morna.
- Realmente?
- Sim, ela ajudará o senhor a manter-se aquecido e eliminará, mais rapidamente, os venenos de seu corpo. O senhor não terá a metade das dores de cabeça que acometem algumas pessoas quando jejuam.
- Eu nunca soube disso.
- É verdade. Esquentarei uma xícara para o senhor. A propósito, o senhor pode ficar conosco esta noite-. Ela encheu a chaleira e a colocou no fogão. - Agora, me diga - continuou ela - o que o levou a seguir o Senhor?
- Contei-lhe, então, minha experiência. Falei-lhe acerca dos meus dias de orfanato, bem como do meu problema com a bebida e de como o Senhor me libertou e me batizou no Espírito. Ela ouviu com grande interesse.
- Que testemunho maravilhoso! - exclamou. - O senhor devia contar essa história em nossa igreja!

Com efeito, quando o marido chegou a casa uma hora depois, ela lhe contou tudo acerca do meu testemunho e ele concordou em que eu pregasse.

Na manhã seguinte acordei cedo. Ainda estava chovendo. Não me agradava enfrentar aquele mau tempo de novo, mas eu tinha de chegar a Cape Town. Havia uma velha Bíblia sobre a pequena mesa junto à minha cama. Pus os pés fora da cama, alcancei a Bíblia e a peguei. Parecia ter sido a Bíblia de uma criança, muitos anos atrás. Na parte interna da primeira capa, encontrei estas palavras rabiscadas em letra infantil:

Deus é amor. Deus manda chuva.

Quando li aquelas palavras, senti vergonha de mim mesmo. "Perdoa-me, Senhor", orei. "Como posso ser tão ingrato? Tens-me conduzido nesta viagem, tens-me encaminhado a amigos, tens-me dado abrigo e me tens protegido. E até mesmo a chuva é uma dádiva do teu amor."

Prossegue hoje em teu caminho, pareceu-me ouvir o Senhor dizer. Ao seguires, ouvirás atrás de ti uma voz dizendo: Este é o caminho, anda por ele.Vesti-me, desci as escadas para agradecer aos Stevens sua bondade e lá me fui enfrentar a violenta chuva.

Um pouco abaixo, na rua, encontrei um abrigo onde me acolhi até conseguir uma carona. Até que enfim parou um carro.

- Para onde? - gritou o motorista, abaixando um pouquinho o vidro.
- Cape Town.
- Não vou tão longe - replicou ele. - Será que Port Elizabeth ajuda? Cerca de cento e sessenta quilômetros descendo a costa.
- Com certeza! - exclamei.
- Então, entre. Pulei para dentro do carro e, vencidos cerca de cento e sessenta quilômetros, finalmente deixamos a chuva para trás.

Naquela tarde achei-me na casa de outro ministro. Este, em outros tempos, havia sido comandante na Marinha e se mostrou grandemente interessado em minha história.
Quando lhe contei como Deus tinha operado em minha vida, ele disse:

- Por que você não conta essa história em minha igreja, esta noite? - E assim, numa seqüência, pela segunda noite, Deus me proporcionava oportunidade para pregar o evangelho. Naquela noite o pastor me deu uma cama e o dólar e quarenta centavos da coleta.

Na manhã seguinte estava eu na estrada outra vez. O tempo estava bom, por isso andei um pouco, numa curta distância, até um lugar chamado Hotel Green Acres. Havia um bar ali e me ocorreu a idéia de nele entrar e ver se podia testificar a alguém.

Ao entrar, constatei que, naquele momento, estavam "abrindo o bar. Na verdade estava coberto de garrafas de cerveja da noite anterior, algumas cheias, outras pela metade.

- Em que posso servi-lo, companheiro? Perguntou o garçom.
- Qual a distância para Cape Town? _ perguntei por minha vez.
- Cerca de oitocentos quilômetros. Você está viajando de carona?
- Sim. Parece que tenho um bocado de viagem pela frente ainda.
- Não há dúvida. Que tal um drinque para a estrada?
- Não, obrigado - respondi. - Deixei de beber. Já bebi o bastante.
- Ninguém jamais bebe o bastante, camarada.
- Eu já. Saiba que, alguns anos atrás, eu secaria cada garrafa neste lugar.
- Você faria isso? O que aconteceu a você?
- Eu me converti.
- Convertido? - fungou ele. - Que negócio é esse?

Então lhe contei. A história toda. Falei, falei.

Depois de haver lançado toda semente do evangelho naquela mente, tudo o que eu pudesse pensar, algo fora do comum aconteceu.

Tive uma visão. Era tão real que parecia fantástica. Era como um sonho, embora meus olhos estivessem bem abertos. Eu via um Pontiac verde vindo para o Hotel Green Acres. Via-me a mim mesmo, de pé à margem da estrada, pedindo carona. A seguir, vinha o Pontiac verde, parava e me levava para Cape Town.

Então, de súbito, como aparecera, a visão se desvaneceu.

Aquilo me impressionou. Entendi que Deus estava querendo dizer-me para tomar o meu caminho, por isso falei ao garçom:

- Bem, acho melhor ir andando; um Pontiac verde vem vindo para apanhar-me e levar-me a Cape Town.
- Oh, você combinou com alguém para apanhá-lo?
- Não - Deus acaba de dizer-me que um Pontiac verde vem vindo.
- Você deve estar brincando.
- Não, não estou brincando.
- Então você está louco.

- Não! É melhor eu ir indo. O Pontiac está chegando.

- Está mesmo? - disse ele, olhando-me com ar de quem duvida.

- Está sim! - gritei, saltando para a calçada, em busca do portão. Eram cerca de cem metros a percorrer até à estrada. No instante que ultrapassei o portão, um Pontiac verde parou!

- Aonde vai? - perguntou o motorista.

- Cape Town.

- Desculpe, mas eu vou só até Humansdorp, mas entre. Eu o levo até lá. Humansdorp ficava apenas a cem quilômetros de distância. Tomei lugar no assento traseiro, um tanto confuso por causa da visão, mas querendo descobrir por que o motorista estava me levando numa distância de apenas cem quilômetros. De acordo com a visão, aquele Pontiac devia me levar a viagem toda até Cape Town.

Um homem distinto estava sentado, no banco traseiro, ao meu lado. Logo que entrei ele olhou para mim e falou:

- Eu o conheço.

- Não, o senhor não me conhece.

- Conheço, sim. Você tem um irmão chamado Haroldo, não tem?

- Sim, certamente, eu tenho.

- Onde está ele?

- Na Austrália. Ele é artista.

- Como vai sua irmã, Ethel, e seu irmão Cecil, e sua irmã, Rene?

- Estão todos bem. Como o senhor os conhece? - Ora, eu nasci em Oudtshoorn. Freqüentei a escola com a família Thom. Você, qual é dos irmãos?

- Eu sou o caçula- Robert. Ele riu e riu.

- Não é formidável? -exclamou ele. - E, agora, eis você na Marinha! Aonde você disse que vai?

- Cape Town.

- Muito bem, então, a Cape Town iremos!

- Mas é uma longa distância fora do seu rumo.. .

- Ora! É o mínimo que podemos fazer por um velho amigo.

Assim, naquela noite eu estava em Cape Town.

Não levei muito tempo para chegar à casa de Ken Sawyer. Ele e a esposa, Peggy, ficaram contentes em ver-me. Expliquei-lhes como Deus vinha agindo comigo acerca de um ministério e de como me senti induzido a vir à casa deles para alguns dias de oração e jejum.

- Irmão Tommy - disse Ken com calor, - a casa é sua, você pode orar quanto tempo quiser.

- Será possível! Você deve estar faminto depois de viajar o dia inteiro! - falou Peggy. Que posso preparar para você?

- Apenas um copo de água morna.

- Oh, você já está começando seu jejum?
- Sim - respondi. - É importante. - (Não lhes contei que já estava no oitavo dia do jejum.)

Os dias de oração que se seguiram foram muito preciosos para mim. Eu sentia que ia me tornando mais e mais sensível à vontade de Deus. Hora após hora eu as passava de joelhos em louvor e adoração. Eu sentia que era quase como se estivesse em outro mundo.

Mas, no décimo primeiro dia do meu jejum, comecei a sentir muita fome. Ken e Peggy estavam na sala e eu estava sentado na sala de jantar, lendo um pouco. De repente, fui acometido por terríveis cãibras estomacais. Dobrei-me sobre a mesa e apertei o estômago, esperando que as cãibras passassem em poucos segundos. Mas, tão depressa uma cãibra ia passando e já outra aparecia. Peggy poderia preparar-me uma sopa, mas eu tinha certeza de que Deus me ordenara que jejuasse por duas semanas, e não queria desobedecer.

"Oh, Deus, tu tens de alimentar-me!" Orei entre dentes. "Tu tens de alimentar-me agora!"

Logo depois que fiz essa oração meus "olhos" espirituais se abriram e vi um anjo alto de pé diante de mim segurando uma grande cornucópia cheia de fruto. A princípio pensei estar sendo vítima de uma alucinação. Fechei os olhos, inclinei-me contra o espaldar da cadeira e tentei relaxar. Mas, quando abri os olhos, o anjo estava ali.

Talvez fosse uma visão. Estou mais inclinado a pensar desse modo, considerando a natureza do que ocorreu entre aquele anjo e mim. Não trocamos uma única palavra, mas, instintivamente, eu "soube" que o fruto que enchia a cornucópia era para mim, e que tudo o que eu tinha de fazer era abrir a boca e seria alimentado. Então, atirei a cabeça para trás e abri bem a boca.

Imediatamente o anjo se colocou ao meu lado e começou a deixar cair o fruto da cornucópia na minha boca. Ele sacudia mais, e mais fruto caía, mas não havia necessidade de mastigar. Eu sentia este "fruto" derreter-se na boca e descer pela garganta. Era doce e suculento. Quando o anjo havia deixado cair o fruto todo da cornucópia, virou-se, deu dois ou três passos na direção da cozinha e subitamente desapareceu.

Por alguns instantes fiquei ali sentado num êxtase. Então começou a manifestar-se em mim o quão bem eu realmente me sentia. As cãibras desapareceram. Sentia-me como se houvesse tomado uma farta refeição! Uma sensação tão tremenda de bem-estar me envolveu que comecei a rir no Espírito. Eu ria tanto que não pude conservar-me sentado.

Escorregando da cadeira, pus-me à vontade no chão, debaixo da mesa e ri e ri e ri, a ponto de lágrimas de alegria correrem dos cantos dos olhos e descerem pelas faces.

Nessa altura Ken e Peggy tinham ouvido a agitação e estavam na porta da sala de jantar, fitando-me um tanto espantados.

. - O irmão Tommy está sendo realmente abençoado! - falou Ken.

- Misericórdia! - replicou Peggy. - É contagioso?

- Assim espero, - Ken respondeu.

Ainda rindo engatinhei, saindo de debaixo da mesa, e me dirigi à cozinha, cambaleando como se estivesse embriagado. Eu estava ébrio do Espírito.

- Louvado seja o Senhor, Tommy! - Ken gritou.

Nessa ocasião outra onda de glória me atingiu. Sentei-me à mesa da cozinha e ri tanto que mal podia respirar. De novo, incapaz de manter-me na cadeira, escorreguei para o chão, rindo e orando em línguas.

Quando, finalmente, me acalmei, algum tempo depois, naquela tarde, já não sentia mais dor nem fraqueza. Sabia que podia, àquela altura, encerrar meu jejum.

Quando o décimo - quarto dia chegou, eu já sabia por que Deus me ordenara que viesse a Cape Town. O poder do Espírito de Deus estava sobre mim numa nova forma. Por meio daquelas repetidas épocas de oração, Deus revelara que estava me chamando para usar-me junto às pessoas necessitadas de Cape, e eu estava pronto para começar a trabalhar nesse ministério.

"Amado Deus", disse eu, "se podes usar este marinheiro, então sou teu pelo resto da vida."

Capítulo Nove

"Mas Deus me Falou, Senhor!"

Quando voltei para casa, para Jóyce e as crianças, em Pretória, foi-me difícil esperar para dar-lhes as boas notícias.

- Vamos voltar para Cape Town - anunciei.Deus reservou um ministério para mim entre as pessoas pobres dali.

As crianças deram vivas e Joyce começou a chorar.

- Você está falando sério acerca do ministério, não está? - perguntou ela, chorosa. - Oh, Bob, estou tão contente!

Assim, quando voltei à base, fui falar com meu oficial superior, Comandante Johnson (hoje, Almirante de Esquadra), a respeito de me ser concedida transferência da base da Marinha para a do Exército em Cape Town. Não tendo feito curso formal para o ministério, não me pareceu que fosse oportuno afastar-me, de imediato, das Forças Armadas; mas, se pudesse regressar a Cape Town, isto representaria um passo na direção certa. Eu não tinha nenhuma razão particular para transferir-me da Marinha para o Exército, a não ser por uma vaga sensação de que uma mudança seria melhor para mim.

Estávamos em 22 de outubro de 1948. Como eu antevia. o Comandante recusou a permissão para a transferência, mas disse que a decisão final seria tomada pelo Comando Naval em Durban. Disse-me que me avisaria tão-logo recebesse qualquer comunicação. Enquanto isso, eu dispunha de tempo bastante para jejuar e orar acerca da minha próxima mudança.

Um dos grandes problemas, eu sabia seria conseguir casa para minha família. Quase todas as casas vazias de Cape haviam sido requisitadas pelo governo de maneira a prover moradia para os milhares e milhares de militares casados estacionados naquela área. Mas mesmo assim, simplesmente não havia casas suficientes para todos e o Escritório do Governo para Alojamento tinha longas listas de espera. E, mesmo quando se conseguia uma casa, ela nunca era como se esperava. Simplesmente se pegava a que estava disponível e pronto.

Assim, percebi que coisa inexeqüível eu estava pedindo quando comecei a orar por uma casa no bairro de Seapoint em Capetown. "Senhor", eu disse, "parece quase impossível ao aspecto apenas humano, comum!" Mas eu me lembrei de como o Senhor havia falado: ". . .tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco" (Marcos, 11:24). Assim, de acordo com tudo o que Deus me vinha ensinando a respeito da fé, comecei a dar-lhe graças por uma casa.

Afinal, por meio de alguns amigos em Cape Town, eu soube de uma bela casa que estava disponível em Burnham Road, 14, em Seapoint. "É essa", parecia que Deus me dizia. "Essa casa é sua se você a reivindicar em nome de Jesus!"

Por isso eu sabia que precisava ser bem definido em minha fé e começar a orar a Deus por aquela casa, bem como pela necessária permissão do Comando Naval para transferir-me para o Exército.

Durante um mês aguardei o aviso acerca de minha transferência, mas nada recebi. Por isso, em 22 de novembro, às duas da tarde, dirigi-me ao escritório do Tenente Quixley, meu oficial superior

- Senhor, - falei, - desejo saber qual foi o despacho dado ao meu requerimento solicitando transferência para o Exército.

- Foi indeferido - respondeu ele secamente. - Mas, senhor, - insisti, - Deus me disse que eu devia voltar a Cape Town e que eu devia estar no trem dia 22 de dezembro.

- Quem lhe disse?

- Deus, senhor.

- Pois sim! - bufou ele. - Ainda está por vir o dia em que a Marinha Sul-africana receba ordens de Deus!

Logo que ouvi aquilo, voltei ao meu escritório, peguei o telefone e disquei para a Estrada de Ferro Sul-africana.

- Aqui é o Suboficial Robert Thom, da Marinha Sul-africana - falei em voz alta. - Faça o favor de reservar passagens para mim, Sra. Thom e cinco filhos, no trem das oito da noite de vinte e dois de dezembro para Cape Town.

Telefonei, a seguir, para três diferentes companhias de mudanças procurando o frete mais barato para o transporte de meus móveis. O preço mais baixo foi-me oferecido pela Companhia de Mudanças Norman Spencer e eu dei instruções para que meus móveis fossem expedidos em vinte e dois de dezembro, às custas do governo, para Arthurs Road, 40, Seapoint, Cape Town, que era o endereço da Missão da Fé Apostólica, igreja anteriormente freqüentada por nossa família. (O pastor Crompton me havia dito previamente que podiam guardar nossos móveis quando fosse preciso.)

Assim que terminei meus telefonemas, o tenente QuixIey repontou na minha porta!

_ Tom, você está preso por insubordinação vociferou ele. - Você não tem o direito de reservar lugar naquele trem!

- Mas Deus me disse, senhor...

_ Não me interessa o que Deus disse a você!

Sua transferência não foi aprovada e, por isso, você não tem o direito de fazer a reserva!

_ Está bem - disse eu. - Se é assim que tem de ser, assim será -. Pus o assunto de lado e deixei o tempo correr.

Mas, um mês depois, no dia vinte de dezembro, fui de novo ao escritório de QuixIey.

_ Senhor - falei - hoje é segunda-feira, e, depois de amanhã, estarei pegando o trem para Cape Town.

_ Ouça, Thom - replicou ele, procurando controlar seu mau humor, - pensei que já tínhamos resolvido esse problema. Você não cancelou aquelas reservas?

_ Não, senhor, Deus não me teria permitido.

_ Vá pro inferno, Thom! - berrou ele. – Em que espécie de lugar pensa você que estamos vivendo? Você está preso por insubordinação!

Eu sabia que ele estava falando sério desta vez. De imediato me conduziu ao Comando Geral, ao Gabinete do Comandante Johnson e apresentou sua queixa contra mim.

- Muito bem, Thom - falou calmamente o Comandante, - o Tenente está certo. Você está preso por insubordinação e desobediência a seu oficial superior.

- Eu não tive a intenção de insubordinar-me, senhor.

- Então, como é que você sabe que vai para Cape Town? E como é que você sabe que vai conseguir transferência?

- O Senhor Deus me disse, senhor. Eu estive jejuando e orando, e Deus me disse que eu partiria - e eu parto naquele trem. Ele me olhou estupefato.

- Thom - continuou ele, - ainda que você consiga a transferência para o Exército, como pode você ter certeza de que deslocarão você para Cape Town?

- Deus me disse, senhor. Meneando a cabeça ele se sentou. Então, num tom de voz que indicava sentir-se vencido, falou:

- Tenente, pegue aquele fone e ligue com a base Durban, e veja o que aconteceu com o pedido de transferência deste homem para o Exército. Se for concedida, diga-lhes

que telefonem informando.

Diante disso, sentei-me ali, no gabinete do Comandante, esperando e orando. Passavam vinte minutos das quatro quando o telefone tocou. Eu podia dizer, pela maneira zangada com que o Comandante estava falando, que minha transferência havia sido concedida. Após breve discussão, o Comandante desligou, batendo com força o receptor. - Saia daqui, Thom! - gritou ele. Agradeça à sua boa estrela, você conseguiu a danada da transferência!

- Minha boa estrela, não, senhor - repliquei,

- mas dou graças a meu Senhor e Salvador Jesus Cristo!

Na manhã do dia vinte e dois (o dia que tínhamos marcado a viagem para Cape Town) dirigi-me ao Aquartelamento do Exército para receber minhas ordens. Tive de preencher uma porção de formulários e, por fim, me encontrei no escritório de um dos oficiais em comando.

- Nós o estamos transferindo para um acampamento em Cape, - começou ele. Meus dedos começaram a formigar de excitamento.

_ Entretanto - continuou ele - devido às férias e aos feriados natalinos, não temos condições de colocá-lo no trem nos próximos trinta dias, por isso você terá de esperar aqui em nosso acampamento.

_ Mas, senhor - disse eu - o que me diz se eu tivesse passagens reservadas?

- Nesse caso você pode partir esta noite.

- Então aqui estão elas senhor - exclamei, puxando as reservas do bolso.

Ele deu-lhes uma olhadela rápida e observou:

- Onde estão sua esposa e filhos?

_ Bem, suponho que, a esta hora, o táxi já os levou à Estação de Pretória e lá estão à espera de suas passagens.

- Mas, não é tudo assim tão fácil - disse o oficial. - E a sua mobília? Você precisa obter três tarifas e a mudança tem de ser feita por conta do governo.

- Eu sei - repliquei sorrindo. - Cuidei de tudo ainda quando estava na Marinha. - E puxei meus papéis para mostrar-lhe que todos os arranjos para a mudança estavam prontos. - De fato - continuei, - a Companhia de Mudanças Norman Spencer retirou meus móveis às oito esta manhã. Está tudo no trem, a caminho de Cape Town.

O oficial estava um pouco menos do que atônito.

- As coisas não são assim tão simples no Exército - zombou ele. - Deve haver alguma coisa errada em algum lugar.

Mas estava tudo em ordem. Assim, chamaram-me e me entregaram o uniforme e dentro de trinta e cinco minutos eu estava oficialmente transferido para o Exército Sul-africano.

Naquela noite, às oito horas, nossa família inteira embarcava no trem para Cape Town, e, dois dias depois, na manhã da quinta-feira vinte e quatro de dezembro, chegava ao seu destino. Antes de deixarmos nossos lugares, todos nós curvamos a cabeça e oramos a Deus pela casa em Brunham Road, 14.

Ken e Peggy Sawyer estavam na estação para saudar-nos e nos levaram para sua casa, para ali ficarmos durante os feriados natalinos. No dia após o Natal, que era sábado, fomos ao Escritório do Governo de Controle da Habitação e apresentei meu requerimento solicitando uma casa. Disseram-me que era impossível; que havia milhares de pedidos na lista de espera, pedidos anteriores ao meu. Além do mais, na quarta-feira, trinta de dezembro, o Decreto de Habitação do Governo caducaria e não haveria mais moradia disponível através daquela agência. Eram más notícias. Eu não tinha condições de comprar uma casa e o controle de habitação parecia ser minha única esperança.

Apesar de tudo eu me negava a perder o ânimo. Deus tinha me prometido uma casa, não tinha? Eu tinha certeza de que podia depender de sua palavra. Assim, no domingo vinte e sete de dezembro fomos juntos à Missão e testificamos que Deus ia dar-nos uma casa.

Na quarta-feira, trinta de dezembro, eu ainda não havia recebido nenhuma notícia do Escritório de Controle da Habitação do Governo. Às cinco da tarde daquele dia aquele escritório seria fechado para sempre. Oramos e oramos o dia todo, mas as cinco horas chegaram e se foram e nada aconteceu. Mas continuamos orando.

Quando chegou o jornal da tarde, li, com enorme interesse, uma notícia a respeito do Escritório de Controle da Habitação. Dizia que o último ato oficial do escritório fora requisitar uma casa dentro do estabelecido pelo Ato do Governo e cedê-la a um soldado do exército. Uma carta havia sido enviada a esse soldado, despachada cinco minutos antes das cinco horas, acrescentava a nota. O nome do soldado não fora fornecido.

Dois dias depois, quando abri a correspondência, lá estava a carta. Nós tínhamos uma casa, na Burnham Road, 14, Seapoint, Capetown, bem perto da Missão, permitindo ir a pé até lá, e a 200 metros da casa onde eu havia sido salvo.

- LOUVADO SEJA O SENHOR! - gritei. Jóyce, Ken e Peggy vieram correndo, com os meninos atrás. - O que aconteceu ? - perguntaram em coro.

- Conseguimos uma casa! - anunciei.

- Maravilhoso! Louvado seja o Senhor! Aleluia! - gritaram todos.

O jovem Drummond olhou para nós um tanto intrigado.

- Por que todo o mundo se mostra tão surpreendido? - perguntou ele inocentemente. - Deus sempre cumpre suas promessas, não cumpre?

Capítulo Dez

Na Folha de Pagamento de Deus

Apesar da rápida sucessão de eventos em 1948, tudo pareceu chegar a uma calmaria durante os dois ou três anos seguintes, isto é, no que dizia respeito ao meu chamado para o ministério. Foram tempos difíceis para mim. Eu não podia compreender o que Deus estava pretendendo a meu respeito. Seria eu muito imaturo? Precisava de preparo? Ou, quem sabe, estava enganado acerca do "chamado" para a obra de Deus?

O trabalho na base do Exército marchava bem. Eu era intendente de uma Unidade de Engenharia e tinha a meu cargo toda a folha de pagamento. Além disso, era responsável por todos os depósitos do quartel, o que representava um controle durante o ano inteiro, de materiais no valor de milhões de dólares. Era tremenda tarefa distribuir nossas tropas pelos nossos 300 ou mais edifícios, e manter os homens supridos com roupa e equipamento. Mas me agradava o desafio de enfrentar uma tarefa difícil.

Todavia, o serviço na base não podia tomar o lugar de um ministério integral dedicado a Jesus Cristo. Assim, sentindo certo desalento, continuei orando para que Deus me mostrasse o que fazer.

Outra coisa que começava a deprimir-me era o crescente ceticismo de Jóyce acerca do batismo no Espírito. Eu não chegara a tomar conhecimento desse problema até que nos mudamos para Seapoint. Desde sua conversão Jóyce se mostrara uma crente entusiasta e, embora eu tivesse recebido o batismo antes dela, tinha confiança em que ela logo receberia esta mais profunda experiência. Mas, depois de, por algum tempo, havermos freqüentado a Missão, suas dúvidas começaram a mostrar-se.

- Você sabe - disse-me ela um dia, - Deus que me perdoe se estou errada, mas é difícil aceitar algumas das coisas que eles pregam na Missão.

_ Oh? - falei eu, um tanto surpreso. - O que é que você quer dizer?

- Bem, esse negócio de cura, por uma coisa. Não quero ser cética, Bob; você sabe que eu amo o Senhor, mas, se Deus ainda hoje opera milagre, então por que você não está curado?

- Não sei - respondi - mas Deus realiza curas hoje. Lembra-se do que contei a você acerca de Rope Anderson, e de como Deus a curou da distrofia?

- Sim, essa foi notável - mas por que não funcionou com você?

- Eu não sei - Deus deve ter suas razões. - Sim, é isso que eles dizem lá na Missão. - Mas o que mais podem eles dizer?

- Podiam ser honestos e admitir que talvez estejam errados a respeito da cura, e de algumas outras coisas.

- Outras coisas? Tais como. . .?

- Tais como essa conversa acerca do batismo no Espírito.

- Mas, Jóyce, por que terá você de sempre duvidar disso?

- Justamente porque eu não vejo nenhuma evidência de todo esse poder do qual eles estão sempre falando - replicou ela. - Eles falam do poder de testemunhar, mas

dificilmente alguém se salva. Eles falam do poder de curar os enfermos, mas ninguém é curado. Bob, é difícil acreditar num poder que não opera.

- Mas você terá de admitir que o batismo tem produzido enorme mudança em muitos deles lembrei-lhe.

- Sim - disse ela, olhando-me diretamente nos olhos; - nisso concordarei com você. Todos os batizados no Espírito agora batem palmas e gritam aleluia; mas, Bob, não é esse o poder de que Jesus falou! Ufa! De algum modo eu sabia que ela estava certa. Sentei-me ali, em silêncio, pensando no meu próprio batismo no Espírito, na casa de McQuade. Embora tivesse sido uma gloriosa experiência, eu tinha de admitir que não estava inteiramente satisfeito com o poder que se tinha manifestado em minha vida desde aquela experiência. Algo estava bloqueando o pleno fluxo do poder do Espírito Santo, mas eu não tinha sido capaz de achar a chave para esse mistério. Fui para a cama naquela noite um tanto desanimado. Longe estava eu de saber quão perto estava de encontrar a resposta.

No outono de 1951, soube que fora indicado para promoção na base. Isso significava que, logo, estaria ocupando o mais alto posto em nossa unidade. Se Deus me queria no ministério, eu não podia compreender por que estava ele me abençoando com tal sucesso no Exército. Quase na mesma ocasião, as pessoas da Missão estavam procurando resolver quanto a quem mandar como delegado à grande convenção a realizar-se no Maranatha Park Camp Grounds, em Johannesburg, mil e quinhentos quilômetros ao norte. Sendo eu o vice-presidente de nossa organização da mocidade, e como tinha uma semana de férias a gozar em outubro, na mesma semana da convenção, aprovaram a verba de vinte e cinco dólares para enviar-me como delegado. De acordo com o que o pastor Crompton me disse, eu ia participar de uma dupla festa espiritual. A convenção da mocidade devia encerrar-se na quinta-feira à noite e, na sexta-feira, no mesmo auditório, teria início o Reavivamento Espiritual de Cura Bosworth.

. Teria sido uma bênção para a família inteira irmos todos, mas nós tínhamos, naquele tempo, seis crianças, e a viagem ficava muito dispendiosa. Por isso, Jóyce concordou em ficar em casa enquanto eu fazia a viagem a Johannesburg.

Eu já tinha ouvido muito acerca do maravilhoso

ministério de cura de F. F. Bosworth, autor do livro Christ the Healer (Cristo, o que cura). Muitas pessoas diziam que milagres inacreditáveis ocorriam em seus cultos, tais como cegos recebendo vista, surdos recebendo audição e aleijados largando suas muletas. Eu estava ansioso por verificar se o que ouvira era realmente verdade. Quem sabe? Talvez até eu mesmo fosse curado da asma! Quando cheguei à área dos acampamentos, o Maranatha Park Auditorium estava zumbindo de excitação. Era uma enorme construção de chapa ondulada com os lados abertos, construída especialmente para convenções religiosas. Gloriava-se o edifício por poder receber 9.000 pessoas

assentadas, contando as cadeiras na ampla galeria. Que tremenda sensação ver jovens crentes de toda a África do Sul enchendo o grande tabernáculo!

Na quinta-feira à noite, o presidente da reunião avisou a todos os que estavam planejando permanecer pelo resto da semana, para o Reavivamento Bosworth, que tratassem de chegar cedo se pretendessem conseguir bons lugares. Por isso, na tarde de sexta-feira, dirigi-me para o auditório e me assentei numa cadeira na segunda fila, bem na frente. Se essas curas eram reais, eu queria vê-las bem de perto. Não que eu estivesse duvidando, como um Tomé. Mas, depois de minhas conversas com Jóyce, eu tinha de saber a verdade. "Senhor", falei eu, "a cura divina opera ou não opera? Se ela opera (e assim eu creio), espero que não te importes em que eu fiscalize tão de perto a tua ação!"

O culto não estava programado para começar antes da noite. Mas, olhando em volta de mim, notei que não era o único que estava chegando tão cedo. Na realidade, várias centenas de pessoas já se espalhavam pelo auditório e mais gente continuava chegando. Na hora de começar o culto, cada lugar estava tomado e a multidão excedente espalhava-se sobre a grama em derredor do auditório aberto. O espaço as cadeiras e a plataforma, estava cheio de cadeiras de roda e macas. O organista estava tocando hinos evangélicos conhecidos.

O culto começou com todos aqueles milhares de pessoas elevando as vozes num hino. Mais tarde, o evangelista ajudante pregou um breve sermão. Foi depois que o evangelista havia terminado sua mensagem, e nós estávamos orando em silêncio, que o Espírito Santo começou a mover-se, com grande poder, sobre aquela congregação. Eu ouvia, ao meu redor, pessoas soluçando. A primeira coisa que constatei foi que eu também estava chorando! As lágrimas me corriam pelas faces e pingavam na minha camisa. Eu sentia como se estivesse sendo lavado, por dentro e por fora, pelo poder de Deus. E, então, Deus falou, naquele modo peculiar que não sei explicar, e me disse: Robert, esta noite chamei você para trabalhar para mim com tempo integral. Chamei você para abandonar toda segurança terrena e pregar meu evangelho, proclamar a mensagem de libertação, levar o evangelho aos pobres, curar os enfermos, expulsar demônios.

Num lampejo, vi o que me havia estado impedindo de andar no Espírito. Fazia três anos que Deus vinha esperando que eu me decidisse. Ia, com fé e obediência, dedicar-me, com tempo integral, ao seu serviço, ou não ia? Por alguma razão, eu tinha estado pensando que, quando Deus quisesse que eu deixasse o Exército, ele complicaria as condições relativas a mim de tal maneira que eu me sentiria compelido a efetuar a mudança. Mas, agora, eu via tudo sob nova luz. Deus não ia forçar-me a sair do Exército; se eu deixasse o Exército, fá-lo-ia por minha própria escolha. Deus chamara. Cabia a mim dar o passo de fé e responder ao seu chamado. Pensei em Abraão deixando Ur dos caldeus. Deus não o tinha compelido a mudar-se, tinha? Simplesmente revelou sua vontade e a Abraão cabia decidir se daria ou não aquele drástico passo de fé e deixaria Ur. Quando vi isso, percebi, com certo constrangimento, que esta era a

mesma lição que Deus me havia ensinado muitas vezes antes. Ele queria que eu andasse pela fé. Mas não ia andar em meu lugar. Se eu me dispusesse a andar ele abriria o caminho diante de mim. Mas, se eu insistisse em ficar parado, nada aconteceria. Chorei muito. Eu sabia que o tempo da decisão havia chegado. "Senhor", falei, "minha esposa está a mil e seiscentos quilômetros daqui. Ela não compreende estas coisas. Ela não compreende o batismo no Espírito. Mas, se esta é a tua voz falando a mim, minha disposição é ser obediente. Abandonarei minha posição na base e te seguirei."

Eu sabia que o que eu estava dizendo era uma coisa muito séria. Deixar um bom emprego e dispor-se a servir a Deus sem garantia de nenhuma espécie de remuneração pareceria fazer uma coisa louca, especialmente para Jóyce. De fato, uma decisão como essa podia facilmente prejudicar minha família, a menos que Deus fizesse, realmente, parte dela. E isso eu tinha de verificar com certeza. Não podia haver enganos. "Senhor", falei de novo, "decidi saber se esta é realmente a tua voz me falando, e não alguma idéia minha apenas. Por isso, como um sinal para mim, peço-te que batizes Jóyce no Espírito Santo e que isso seja logo; que seja numa tarde de sexta-feira. Então terei a certeza de que tu falaste." Eu sabia quão facilmente as pessoas podem ser enganadas no que diz respeito a orientação. E, com certeza, Deus não se incomodaria se eu fizesse uma pequena dupla verificação. Afinal de contas, eu já tinha visto muitas pessoas correndo atrás de sombras e cometendo sérios enganos. Foi então que Bosworth) com seus setenta e quatro anos de idade, se levantou e começou a falar. Ele era um homem alto, cheio de dignidade, que já havia ministrado a milhões. Durante alguns minutos ele falou àquela multidão de 10.000 pessoas acerca do poder de Jesus.

- Agora, - prosseguiu ele - há aqui nove pessoas que sofreram operações de mastóide. Alguns de vocês estão parcialmente surdos, outros estão totalmente surdos. Onde estão vocês? Fiquem de pé, se estão me ouvindo. Ou, se alguém está sentado junto a uma pessoa surda, traga-a à frente.

Logo ali estavam nove pessoas surdas ou parcialmente surdas, de pé na frente daquele grande auditório. Bosworth desceu e colocou as mãos sobre elas, uma por uma.

- Tu demônio surdo, sai desta mulher no nome de Jesus! - ordenou ele. No mesmo instante, a mulher levantou os olhos maravilhada e disse:

- Eu posso ouvir! Eu posso ouvir! A assistência prendeu a respiração. Cada uma daquelas pessoas passara a ouvir. Em cada caso Bosworth gastou algum tempo para testar os resultados após a oração, de modo que todos os presentes pudessem ver o que tinha acontecido. E isso foi feito pela noite afora, pois que muitos outros milagres aconteceram. Quando o culto chegou ao fim eu sabia, fora de qualquer dúvida, que Deus opera milagres hoje.

Na noite seguinte eu me sentia como se pudesse confiar em Deus para qualquer coisa! Quando chegou o momento de orar pelos enfermos, sentei-me em meu lugar orando com o evangelista. De repente, surgiu uma agitação em frente de mim. "O que está acontecendo por aqui?" perguntei-me, levantando rapidamente os olhos. Vi, então, duas

mulheres que, com as costas quebradas, haviam sido trazidas em macas. Ambas se puseram de pé e começaram a louvar a Deus, uma abraçando a outra e dançando de alegria! Um cidadão, com uma bota ortopédica com um suporte de ferro, tirou fora o suporte e viu sua perna crescer 6 centímetros! Nessa ocasião, as pessoas estavam começando a gritar e a bradar em todo o auditório. Alguns que tinham antes pernas com as juntas enrijecidas começaram a andar para cá e para lá nos corredores. Alguns, que antes eram incapazes de ver, estavam exclamando: "Eu posso ver! Eu posso ver!" Todo o mundo estava chorando. Eu jamais havia visto tal onda do poder curador de Deus. Nenhum de nós havia visto. Logo muitas pessoas se levantavam de seus lugares e iam à frente para orar. Antes que o culto terminasse, quase duas mil pessoas tinham sido salvas.

No sábado à noite ocorreram muitos milagres. Mas, para mim, a coisa mais excitante foi o anúncio de que Bosworth estaria em Cape Town no próximo fim de semana. "Louvado seja o Senhor!" murmurei. "Levarei Jóyce! Se isso não a convencer, nada o fará!"

Antes de deixar o auditório aquela noite, abri caminho com dificuldade através da multidão, esperando dar um aperto de mão em Bosworth. Mas parecia que, naquela noite, todo o mundo havia tido a mesma idéia e, por isso, tive de esperar numa longa fila. "Isto não passa de uma perda de energia, pensei. "O tempo não permite mais que um "Deus o abençoe".

Mas quando, finalmente, cheguei diante de Bosworth, ele agarrou-me a mão, apertou-a calorosamente, como se eu fosse um velho amigo, e começou a fazer perguntas a meu respeito. Quando lhe disse que Deus me chamara para um ministério entre os pobres da cidade de Cape, ele mostrou grande interesse.

- Irmão, você podia, um dia destes, vir aos Estados Unidos - disse ele. - Poderíamos, juntos, fazer algumas coisas fantásticas.

- Bem que eu gostaria - respondi, um tanto surpreendido pela sugestão.

- E eu também - disse ele. - Gosto de encaminhar moços ao ministério. Isso é igualmente importante para mim como as grandes cruzadas.

- Irmão Bosworth, pode contar com isso respondi. - Um dia destes irei aos Estados Unidos para visitá-lo.

- Ótimo! - falou ele, sorrindo. - Eu gostaria muito de preparar um outro "Timóteo!"

"Imagine!" Falei para mim mesmo ao afastar-me de Bosworth. "Ele, realmente, quer ajudar-me!"

Viajei de volta a Cape Town, mais certo do que nunca de que Deus me havia chamado para seu trabalho. Quando cheguei a casa, fui entrando porta adentro, ansioso por contar a Jóyce tudo o que tinha visto e a breve conversa que tivera com Bosworth.

- Você precisava ver o que eu vi - fui falando impulsivamente. - Este companheiro Bosworth é o maior que já encontrei, e ele vai estar em Cape Town neste fim de semana. Você vai ouvi-lo?

- A sua asma sarou? - perguntou ela.
- Bem, não, mas uma porção de gente foi curada.

- É isso que não entendo. Todo o mundo é curado, menos você.

- Mas eu serei curado - respondi. - Se Deus tem feito por outros, fará por mim também.

- Talvez.

Mas, quando Bosworth chegou à cidade, ela concordou em ir. Acho que estava ansiosa por ver o que me havia emocionado tanto. Quando chegou a hora, ela aprontou os meninos e saímos para o culto. O poder de Deus manifestou-se tal como em Johannesburg. Jóyce mostrou-se muito interessada. Quando voltamos para casa, naquela noite, perguntei-lhe:

- Então, o que acha?

Lágrimas brotaram de seus olhos. - Foi lindo

- falou ela. - Muito lindo!

Mas, muito depressa, a campanha chegou ao fim e Bosworth se foi.

- Jóyce - falei - tenho a sensação de que isto é apenas o começo do que Deus quer fazer nesta cidade.

- Sim - respondeu ela. - Duvido que ele jamais volte aqui.

- Não sei - disse eu - mas, mesmo que ele não volte, a obra de Deus precisa ser levada avante.

- Sim, mas como?

- Vou escrever algumas cartas: a T. L. Os borne, ou a Oral Roberts, ou, quem sabe, a Billy Graham. Eu os convidarei para que venham a Cape Town e realizem campanhas aqui.

E foi isso que fiz. Mas todos eles me responderam dizendo que estavam seriamente compro metidos por longo tempo no futuro. Então, numa quarta-feira, Deus me falou. Vá você mesmo, disse ele numa gentil reprimenda. Não chamei você para pregar meu Evangelho? "Senhor, perdoa-me", falei. "Eu o farei, mas não deixo meu emprego-base enquanto não batizares Jóyce no Espírito. Fizemos um trato, lembras-te? "

Mas eu sabia que tinha de obedecer a Deus se quisesse ter intimidade com ele. Por isso, naquela noite, engatei um pequeno gerador à traseira de um caminhão emprestado, dirigi-me a um bairro pobre e comecei uma reunião de avivamento ao ar livre. Como não havia eletricidade naquela área, as luzes elétricas se constituíram numa atração.

Uma menina de nove anos de idade, surda e muda, foi trazida à reunião. Em nome do Senhor Jesus Cristo expulsei o espírito da surdez.

Quando as luzes foram desligadas e estávamos prontos para sair dali, vi um homem com sua esposa e cinco filhas, todos vestidos de branco, correndo através do campo.

O homem estava muito excitado.

- Senhor - falou ele - eu sou o pai da menina surda e muda por quem o senhor orou esta noite. Nós somos hindus. Minha filhinha tem nove anos e eu nunca a ouvi falar até

esta noite. Eu sei que o senhor orou por ela em nome do seu Deus, o Senhor Jesus Cristo.

Aquele homem, sua esposa e as cinco filhas se ajoelharam e aceitaram Jesus como seu Salvador pessoal.

As reuniões cresceram cada vez mais até que, em três semanas, cerca de 15.000 pessoas ali estavam em campo aberto. Numa noite, cerca de 5.000 pessoas aceitaram Jesus como seu Salvador.

Numa outra noite, um dos professores da Universidade da África do Sul em Pretória estava passando por ali. Seu nome era Tromp. Tinha vindo a Cape Town gozar alguns dias de férias na praia. Sendo crente, sentiu-se fortemente interessado na grande multidão de pessoas que viu ouvindo a Palavra de Deus.

Estando ali, por fora da multidão (ele nos contou depois), ouviu-me dizer que um homem, com hérnia, estava de pé na assistência e que Deus queria curá-lo. Sentiu logo que era ele o homem citado, embora, segundo ele disse, ninguém soubesse do seu sofrimento, a não ser ele e Deus. Fazia dezenove meses que ele vinha orando a Deus para que o curasse. No momento em que eu mencionei o fato, levantou ele a mão, reconhecendo sua condição, e, em nome de Jesus Cristo eu ordenei que a aflição o deixasse. No mesmo instante a hérnia desapareceu!

Naquela época eu lia todos os livros relacionados com a fé que podia encontrar. Li a biografia de Smith Wigglesworth, Charles Finney e João Wesley. A impressão, cada vez mais profunda, era de que Deus me queria no seu serviço com tempo integral. Foi três semanas após o Reavivamento Bosworth em Joahnnesburg que Deus se manifestou a mim de modo especial. Fui como de costume, para o trabalho naquela manhã de sexta-feira. Cerca de quatro horas da tarde o telefone tocou. Era alguém que se dizia amiga da irmã Gladys Webster, a irmã Maude Solomon.

- É o irmão Thom que está falando? - perguntou ela.

- Sim - respondi. - Que barulho é esse? o que está acontecendo aí?

- Oh - riu ela - estou contente de que você possa ouvir!

- Muito bem, o que é?

- É sua esposa falando em línguas. O Senhor acaba de batizá-la com o Espírito Santo!

- Você está brincando!

- Não! É verdade! Escute! - E ela parou de falar bastante tempo para que eu ouvisse claramente a voz de Jóyce. Não havia dúvida, ela estava orando em alguma língua desconhecida.

- Louvado seja Deus - falei eu. - Foi exatamente por isso que eu orei.

- Foi?

- Sim, irmã! Faz hoje três semanas que eu disse a Deus que, se ele me queria com tempo integral no ministério, ele precisava batizar Jóyce no Espírito Santo, logo, e que isso deveria ocorrer numa tarde de sexta-feira!

- Não! - comentou ela espantada. - Você fez tal oração?

- Sim, irmã!

- E aconteceu exatamente como você pediu em sua oração!

- Sim, Jesus não é maravilhoso?

Pendurei o fone e sentei-me ali por um momento em êxtase. "Senhor", falei depois, "não precisas falar mais nada. Eu te obedecerei." De imediato me dirigi ao gabinete do Comandante. (Por coincidência ele era meu cunhado.)

- Major - comuniquei - vim solicitar meus papéis para dar baixa. Quero sair no dia 31 de dezembro.

- Você está dando baixa? Por quê?

- Vou entrar para o ministério.

- Seu demônio maluco! Você deveria pensar seriamente. Será que você não entende que escolhi você para promoção? Não demora muito e você será o primeiro homem nesta unidade!

- Eu sei, mas Deus me disse para sair.

- Você pensa que eu vou acreditar nisso? Porque, em nome do bom senso, diria Deus a você uma coisa tão idiota como essa?

- Não sei - repliquei com um sorriso. – Ele deve ter alguma coisa em mente. Ele meneou a cabeça demonstrando incredulidade.

- Você ficou maluco por causa desse negócio de religião, não ficou? - zombou ele. - Logo você terá Jóyce tão doida quanto você.

- Acho que ela já está - repliquei. - Ela, esta tarde, ficou cheia do Espírito Santo.

Aborrecido, voltou-se ele para sair de seu gabinete.

- Está certo - falou - se você quer dar o fora, esse estúpido engano é seu. Mas, quando estiver morrendo de fome, não venha chorar no meu ombro.

Quando cheguei a casa naquela noite, Jóyce lançou seus braços ao redor de mim e chorou de alegria por sua recente experiência no Espírito.

- Oh, Bob é tão maravilhoso!! - soluçou ela. Sinto como se tivesse uma vida completamente nova!

- Sim, assim será - disse eu, rindo, - em mais maneiras que você pensa.

- O que você quer dizer? - perguntou ela, afastando-se e me olhando através dos olhos cheios de lágrimas.

- Vou dedicar-me ao ministério com tempo integral.

- Você está deixando seu emprego na base?

- Sim. Posso comprar meu desligamento por cinqüenta e duas libras inglesas.

Por um momento ela ficou muito séria.

-- De que viveremos?

- Doçura - falei - o Deus que chama também proverá.

Ela começou a rir. - Viva! - gritou ela.

Vamos entrar na folha de pagamento de Deus!

Ali ficamos por longo tempo rindo e chorando.

Por alguns dias a seguir, oramos ardentemente pedindo o dinheiro de que precisávamos. De fato concordamos em orar pedindo a soma de sessenta e três libras: cinqüenta e duas para adquirir o direito de desligar-me do Exército, e onze para uns poucos dias de férias. Naturalmente, com a minha asma, eu poderia ter conseguido, facilmente, uma pensão no valor de cem por cento do meu salário, mas eu tinha certeza de que Deus ia curar-me; por isso, achei que seria melhor comprar minha baixa.

Certa noite fui a uma reunião de oração. Eu decidira que precisava orar fervorosamente pelas sessenta e três libras naquela noite. Quando voltei para casa, havia um homem conversando com Jóyce no portão.

- Irmão Thom - falou ele - sua esposa recebeu um cheque para você.

- Sim - respondi. - Sessenta e três libras.

Ele olhou para mim com surpresa. - Como você sabe? Sua esposa o avisou ou algo semelhante?

- Como poderia eu ter-lhe telefonado? - interrompeu-o Jóyce. - Você acaba de me entregar o cheque faz poucos minutos, e ficamos aqui conversando desde que você chegou.

- Sim, naturalmente - falou ele, voltando-se para mim; - mas como você soube?

- Bem - repliquei - eu acabo de orar pedindo sessenta e três libras. E quando oro, espero que Deus responda.

Ele estava espantado. - É um milagre! _ falou ele. - Espere até que eu conte isso à minha esposa!

Capítulo Onze

Quem Precisa de Quatro Travesseiros?

Pelos fins de dezembro, todos na unidade sabiam que eu estava saindo. O Major ainda achava que eu estava fazendo uma grande tolice. Eu tinha excelente ficha funcional, como se evidenciava das minhas sete medalhas e condecorações. Contudo, Deus deixara bem clara a sua vontade e eu sabia que a mim não restava senão obedecer.

Assim, no dia trinta e um de dezembro, eu tive uma despedida militar. O oficial comandante e todos os homens da unidade se reuniram num salão para oferecer-me uma grande festa de despedida. Quando entrei, todos se puseram em posição de sentido enquanto eu era escoltado até à mesa principal.

As bebidas foram servidas e cada um começou a encher seu copo. Alguns dos camaradas sorriam e piscavam um para o outro; eles sabiam como eu me sentia em relação às bebidas alcoólicas.

- Sirva-me um refrigerante - falei alto bastante para que todos ouvissem. - Quero deixar o Exército em plena posse de minhas faculdades. Todos se riram.

Depois que o oficial comandante fez seu discurso a meu respeito, mencionando todas as coisas que eu tinha feito pelo Exército, todos tinham seus brindes preparados. Antes, porém, cabia-me falar agradecendo. Não achando certo brindar com eles e com suas bebidas, respondi da forma seguinte:

_ Oficial comandante, oficiais superiores, oficiais inferiores, oficiais não-comissionados e soldados. Aprecio sobremaneira este admirável gesto. Sinto-me profundamente tocado por ele. Mas, desde que Cristo entrou em minha vida, meu coração passou por uma experiência real. Aprendi a detestar as bebidas alcoólicas que corromperam meu lar e arruinaram minha vida, quase me levando ao suicídio. Eu apreciaria bastante se, nesta tarde, antes de levantarem seus copos para brindar-me, vocês curvassem as cabeças em oração e me permitissem agradecer a Deus os meus anos no serviço, bem como pedir a bênção de Deus sobre vocês, meus camaradas.

Eles depuseram os copos e oraram. A unção de Deus veio sobre mim e, quando eu disse "amém", havia naqueles homens uma verdadeira luta para reter as lágrimas. Antes que tivessem oportunidade de fazer seus brindes, pus o meu quepe, aproximei-me do oficial comandante e, num silêncio de morte, bati-lhe continência. Então, dando meia-volta, marchei para fora daquele salão rumo a uma nova vida, envolvido pelos tempestuosos aplausos dos homens.

Um minuto justamente após a meia-noite eu estava oficialmente fora do Exército.

Ninguém jamais saberá quão livre me senti quanto me sentia no Dia de Ano Novo de 1952! Nada mais existia para deter-me; todo impedimento terreno ficara para trás; eu estava, agora, consagrado a uma vida exclusiva de fé nas promessas de Deus.

"Mas não permitas que eu fique preocupado com coisas materiais, Senhor", orei. "Concede que eu me sinta preocupado somente com os milhões de pessoas que ainda não ouviram o Evangelho. Enche-me de amor pelos perdidos, e que eu saiba avaliar quão terrível é passar à eternidade sem Cristo. Essa é a coisa importante. Tu cuidarás de nós e de nossas necessidades materiais se nos consagrarmos a ti e à tua obra em primeiro lugar."

Pulando da cama, comecei, enquanto me vestia, a cantarolar um velho e querido hino. Mal eu tinha cantarolado apenas uns dois versos quando comecei a tossir. Tossi tão forte que precisei assentar-me à beira da cama para tomar fôlego.

"Esta asma miserável!" resmunguei para mim mesmo. "Vai ser a minha morte qualquer dia!" Sofri, a seguir, um acesso de tosse que durou cerca de quinze minutos. Quando passou o acesso eu me sentia fraco e exausto.

"Você e seus sonhos malucos de um ministério entre os pobres!" soprou o diabo. "Quem vai querer ouvir uma máquina chiante como você? censurei-o fracamente, e disse algo acerca de servir a Jesus ainda que tivesse de morrer em ação.

E isso era muito possível. Meu estado tinha chegado ao estágio em que eu estava vivendo, praticamente, na base de comprimidos de efedrina. e não podia deitar-me para dormir. Recostava-me sempre em quatro travesseiros.

No dia três de janeiro levei Jóyce e os meninos a uma convenção eclesiástica nas montanhas próximas. Parecia-me uma boa oportunidade para gozar um fim de semana de refrigério espiritual antes de começar o meu ministério entre as pessoas de Cape.

Mas tudo saiu errado. Acomodamo-nos numa pequena cabana de madeira e Jóyce prepararia a comida num fogão a gás portátil. No primeiro dia ela estava fervendo água e, quando foi derramá-la, entornou-a nas pernas, queimando-se gravemente. Tratei da lesão com medicamentos de primeiros socorros que achei na cabana e disse a Jóyce que era melhor deitar-se um pouco. Isso queria dizer que eu tinha de vigiar os meninos e preparar o jantar. Naquela noite nem eu nem ela conseguimos dormir satisfatoriamente. Jóyce passou a maior parte da noite com dores, e eu passei a maior parte da noite tossindo e me esforçando para respirar.

Quando voltamos para casa, tarde, na noite de domingo, decidi que alguma coisa devia ser feita acerca do meu problema. "Senhor", orei, antes de dormir aquela noite, "como posso continuar assim? Tu me chamaste para pregar o Evangelho e ministrar aos enfermos, mas como posso fazer isso quando eu próprio estou doente? Tens de fazer algo!"

"Não", pareceu o Senhor dizer-me, "VOCÊ TEM de fazer algo."

"Eu fazer algo? Mas o quê?"

"Ponha sua fé em ação."

Foi então que outro acesso sobreveio e eu tossi por tanto tempo e tão fortemente que pensei que ia morrer. Jóyce se aproximou e me abanou mas não adiantou nada. Abriu a janela, pensando que um pouco de ar me faria bem. Mas nada havia por fazer senão suportar a crise. Quando, afinal, o acesso começou a acalmar, comecei a pensar no que Deus me havia dito: Ponha sua fé em ação.

Estranho que Deus dissesse aquilo, de novo! Ele sabia quão fervorosamente eu cria nos grandes ensinos de sua Palavra acerca do poder de curar. Eu não somente cria, mas pregava a respeito. Pensava no Salmo 103:3, onde Davi fala de Deus como sendo "quem sara todas as tuas enfermidades". Lembrava-me de como Isaías predisse a crucificação de Jesus, dizendo: "... pelas suas pisaduras fomos sarados" (Isaías 53:5). Realmente eu cria nessas afirmações. Mas Deus parecia estar dizendo que eu tinha de provar a minha fé fazendo alguma coisa.

- Está certo - falei bem alto. - Se é ação que tu queres, então vamos a ela.

Pus-me de pé, peguei três dos quatro travesseiros que eu sempre usava para recostar-me e os pus no quarto de despejo.

- De agora em diante - disse a Jóyce - vou dormir como qualquer pessoa normal! Se Deus quer curar-me, então não preciso de quatro travesseiros para conservar-me vivo!

- Tem certeza?

- Sim. E as pílulas também se vão - repliquei, pegando o vidro de comprimidos de efedrina e indo para a cozinha. Abri a torneira e joguei os comprimidos. - Será morrer ou sarar - falei mas vou obedecer à Palavra de Deus-. Voltei para a cama e me deitei ao

comprido, de costas, pela primeira vez em meses. Cerca de meia hora mais tarde comecei a tossir de novo. Eu sentia como se me tivessem cortado o ar. Meu peito ofegava e eu lutava para conseguir respirar. De repente tudo escureceu e eu me apaguei. Naquele estado inconsciente alguma coisa aconteceu. Não estou certo se era um sonho ou uma visão, mas eu me sentia caindo nas entranhas da terra. Era o poço de uma mina abandonada, ou algum misterioso abismo escuro? Eu não tinha certeza do que era, mas sentia que era úmido e abafado.

Quando atingi o fundo, pareceu-me estar numa caverna escura e subterrânea. Olhando à minha frente percebi um largo e escuro lago. Cheguei até a margem e ali vi cobras e ratos. Sapos saltavam por ali e havia escorpiões e aranhas.

- Onde estou? - sussurrei para mim mesmo. Então, olhando através do lago, vi o que parecia um bote com um homem dentro dele, remando vagarosamente mas com firmeza na minha direção. No mesmo instante percebi que era o Anjo da Morte que vinha buscar-me. Minha vontade era voltar-me e correr, mas meus pés estavam colados no chão.

Quando meus olhos ficaram mais acostumados com as sombras, vi que havia milhões e milhões de pessoas naquele lago. Notei, especialmente, as cabeças das mulheres pairando abaixo da superfície, com os cabelos soltos e em torvelinho.

Você me pediu uma visão dos perdidos, falou uma Voz. Cada fio de cabelo nestes milhões de cabeças representa uma alma perdida na eternidade. Veja quantos milhões são elas! Ao olhar para aquele vasto lago e ver as muitas, muitas pessoas ali, caí de joelhos e comecei a chorar, não por mim, mas pelos milhões de almas perdidas que eu vi. "Oh, Deus", clamei, "não me deixes morrer ainda! Deixa-me voltar à terra dos vivos para que eu possa trabalhar por ti e trazer os pecadores a Cristo. Alguém precisa ajudá-los! Deixa-me voltar! Deixa-me voltar!"

Comecei, então, a recitar o Salmo 23: "O Senhor é o meu pastor: nada me faltará. . ."Enquanto eu tentava dizer essas palavras, minha respiração se tornava mais e mais difícil. Fiquei tonto e caí de costas, murmurando, ainda, as palavras do Salmo.
Por fim, cheguei às palavras "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo: a tua vara e o teu cajado me consolam."

Justamente nesse momento, senti um par de mãos invisíveis insinuando-se por baixo de meu corpo e levantando-me para fora daquele poço. Acabei o Salmo e comecei de novo. As mãos invisíveis me elevaram e gentilmente me depuseram sobre um declive gramado à margem de um ribeiro. Nesse exato momento eu estava dizendo: Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso. . ."De repente recuperei a consciência. Era noite avançada. Ouvi alguém orando baixinho ao lado da minha cama. Era o pastor Crompton. Estava dizendo: "Graças te dou, Jesus! Graças te dou, Senhor!"

Toquei-o no ombro. - Há quanto tempo está o senhor aqui?

Ele estava um tanto surpreso. - Duas horas e meia - respondeu ele sorrindo. -. Você está bem?

Foi então que notei quão facilmente eu estava respirando. Nenhum chiado. Nenhum esforço. Imagine só, até a minha voz soava diferente.

- Louvado seja o Senhor! - gritei, só para ouvir, de novo, a minha voz. Não havia dúvida, a estridência desaparecera. Pulei da cama e abracei o pastor Crompton e Jóyce.

- Deus curou-me! - gritei. - Vocês podem entender isso? Estou curado! Minha asma se foi! Não demorou muito e o menino estava de pé. - O que está acontecendo? - perguntou Drumond com ar sonolento.

- Papai está curado! - exclamou Joyce. Veja como ele está respirando com facilidade!

Todos eles correram e, ao redor de mim, me olhavam admirados.

- Menino! - exclamou Davi - agora posso ter meu travesseiro de volta!

Todos rimos e nos alegramos por bastante tempo. Mas, finalmente, o pastor se retirou e mandamos os meninos de volta para a cama. Pela primeira vez em meses eu dormi como um bebê.

Levantei-me no dia seguinte como se fosse o dono do mundo. Era formidável estar vivo. Meus primeiros pensamentos foram a respeito do ministério. Tudo indicava que Deus havia removido a última e grande barreira, por isso achei que agora era a ocasião de lançar-me ao meu trabalho.

Fui visitar o pastor Crompton.

- Pastor - comecei - o senhor sabe que me desliguei de tudo para dedicar-me à obra de Deus. Eu gostaria de candidatar-me ao ministério na Missão Apostólica da Fé.

- Ah, irmão Tommy - respondeu o pastor sinto-me tão feliz por ouvi-lo dizer isso! - Abriu uma gaveta e pegou um formulário de candidatura. - Preencha esta folha e a remeteremos ao escritório central da igreja.

Puxei uma cadeira e preenchi o extenso formulário. Durante todo o tempo em que estive escrevendo, o pastor Crompton ficou dizendo baixinho:

"Louvado seja o Senhor! Agradecemos-te Jesus!"

Quando terminei, o pastor me disse que enviaria a solicitação pelo correio, imediatamente, e, dentro de poucos dias, eu teria a resposta do escritório central.

Fui para casa, tranqüilo, certo de que tudo correria bem.

Poucos dias depois, no entanto, recebi uma carta de rejeição. A carta explicava que era contrário à orientação da igreja aceitar alguém com mais de cinco filhos para o serviço missionário. Eu tinha seis.

"Senhor, o que faço agora?" perguntei no meu desapontamento.

"Já não o disse a você?" pareceu falar-me o Senhor.

"Já me disseste?" perguntei perplexo. "Quando? Onde?"

Então Deus me trouxe à lembrança um culto do qual eu participara fazia alguns meses, onde duas ou três pessoas haviam profetizado que eu nunca me uniria a nenhuma

organização e que Deus me daria um ministério singular, através do qual eu seria portador do Evangelho não apenas a Cape, mas a muitas nações."Senhor, eras tu realmente que falavas?" perguntei. "Permiti a rejeição de sua solicitação de modo que você pudesse ver mais claramente meu plano", pareceu-me dizer ele. "Não cooperam todas as coisas para o bem daqueles que me amam, daqueles que são chamados segundo o meu propósito?"

Assim, alguns dias mais tarde, depois de muita oração, resolvi aventurar-me pela fé, pregando e ensinando onde quer que Deus me proporcionasse um lugar. Na ocasião eu não sabia, mas esta decisão de aventurar-me dessa forma resultou numa vida mais palpitante do que qualquer desafiador sonho possível.

Capítulo Doze

Adeus a Camas e Aparelhos Ortopédicos

Uma de minhas primeiras reuniões realizou-se numa casa de família, à rua Bromwell, 19, em Woodstock, subúrbio de Cape Town. Achei que as reuniões em casas eram boa maneira de ministrar às necessidades das pessoas e muitos foram salvos e curados.

À parte da multidão reunida na sala de estar, naquela noite, havia uma filha da família que estava acamada.

- Qual o problema dela? - perguntei aos pais. - Ela sofreu uma fratura na espinha.

- Oh? O que aconteceu?

- Ela se machucou na fábrica. Ela recebe uma verba como auxílio-doença e recebe alguma coisa do sindicato. Mas vai levar muito tempo até que ela possa sair daquela cama.

- Isso é muito ruim - falei. - Gostariam que eu orasse por ela?

- Oh, sim! - responderam. - Ore, por favor! Então, perto do fim do culto, aproximei-me daquela cama de hospital onde ela estava deitada, e fiz uma singela oração pedindo sua cura. Entretanto, nada aconteceu que eu pudesse ver, por isso a animei, bem como a seus pais, para que tivessem fé, e, pelas nove e meia, saí.

Onze e cinco meu telefone tocou:

- Alô! Aqui é o irmão Boetie - disse uma voz excitada.

- Sim, irmão Boetie - respondi. – Alguma coisa errada?

O irmão Boetie era um dos que haviam estado presentes à reunião.

- Pensei que você gostaria de ser informado disse ele.

- Depois que você saiu da reunião esta noite, o pastor daquela gente esteve lá e disse àquelas pessoas que você é do diabo, e que não deveriam, nunca mais, deixar que você entre lá outra vez.

- E o que eles disseram? - perguntei.

- Eles disseram que você orou por sua filha. E ele disse: "Bem, mas ela não sarou, não foi?" E eles disseram: "Não." Então ele disse: "Estão vendo? Isso prova que ele é do diabo; se assim não fosse Deus ouviria suas orações."
- E, então, o que aconteceu?
- Ah! Essa é a parte melhor - disse ele. Quando o pastor disse aquilo, a moça pulou da cama, (e você se lembra de como a cama era alta), pulou da cama e caminhou, segura, em frente daquele ministro; fazia dezenove meses que ela não ficava de pé!
Comecei a rir.

- Louvado seja Deus! Não é exatamente assim que o Senhor procede? E, aí, o que disse o ministro?

- Oh, irmão Thom ele ficou numa situação horrível. Tinha os olhos fixos na moça, sem poder acreditar; depois subiu e nos disse: "Oh, perdoem-me, perdoem-me!" A moça continuou andando diante dele, depois até desceu as escadas, indo ao banheiro do primeiro andar! Depois de haver pendurado o fone, ri a valer.

Então, procurei Jóyce e lhe contei tudo e, juntos, louvamos a Deus. Na manhã seguinte bateram à nossa porta. Quando atendi, dei com um homem que se apresentou como o pastor da família da Rua Bromwell. - Oh, irmão - disse ele - perdoe-me por favor! Estou tão envergonhado!

- Por quê? o que é está errado? - falei eu, dando a entender que nada sabia acerca do que ele falava. Então ele me contou a história inteira e, em prantos, me pediu perdão.

- Está tudo bem, tudo está perdoado - disse eu, sorrindo. - O senhor ainda não compreendeu o poder curador de Jesus. Em todas as minhas reuniões posteriores eu vim a saber o que deve ter acontecido quando Jesus andou na terra. Sua presença era tão real que parecia que nada seria impossível.

Dali em diante comecei a organizar grupos de testemunho para irem e pregarem e curarem os enfermos. Uma noite meu auxiliar e eu fomos a um lugar chamado Elsie's River, onde realizaríamos uma reunião na casa de uma família de sobrenome Groves. Era uma noite tempestuosa e tínhamos de vadear estradas lamacentas e alagadas para lá chegar. Ao chegarmos, minha atenção foi atraída por um menino de cerca de dez anos de idade, que jazia deitado no chão, ocupando, em todo seu comprimento, um aparelho ortopédico. O aparelho tinha uma parte de couro que sustentava a cabeça e o corpo do menino. Havia, também, extensões de ferro às quais, com correias, estavam amarradas as pernas do menino.
- Quem é ele? - perguntei a um dos homens.
- É Collin, filho do irmão e da irmã Groves disse o homem. - Está com doença nas juntas. Durante a reunião senti-me movido a orar por ele.

- Collin - falei - você crê no poder curador de Jesus?
- Sim, senhor.

- E você crê que ele pode curá-lo?
- Sim, senhor. Pus as mãos sobre ele, fiz uma breve oração e o declarei curado no nome de Jesus.

- E, agora - falei - você acha que pode andar?
- Sim, senhor.
- Quer que removamos esse velho aparelho? - Sim, senhor. Então, soltamos as correias e o ajudamos a ficar de pé. Imediatamente ele começou a andar sem auxílio e seu rosto se iluminou de alegria. Quando as pessoas viram o que estava acontecendo, começaram a gritar: "Graças a ti, Jesus!"

Outras pessoas caíram de joelhos e começaram a arrepender-se de seus pecados. Não foi preciso fazer nenhum apelo naquela noite. Assim que viram tal manifestação do poder de Deus, perceberam a necessidade que tinham de Jesus.

Alguns dias depois, convidei Peter Dreyer, um moço de uma de minhas equipes de testemunho, e fomos a um lugar chamado Grassy Park. Ali encontramos outro menino quase nas mesmas condições de Collin Groves, preso ao mesmo tipo de aparelho ortopédico. Dos quadris para baixo, estava ele envolto com faixas que o prendiam com firmeza a um suporte de ferro.

- Ele está com tuberculose nas juntas e na coluna - disse-nos sua mãe. - Faz já dezoito meses que não anda. Quer orar por ele?
- Sim - respondi - mas onde está o pai dele?
- Em casa - disse ela. - Ele não vê nenhum proveito neste tipo de religião. Ele diz que é crente, mas tudo o que ele faz é ficar sentado em casa bebendo.
- Está bem, orarei pelo menino - disse a ela. Então Peter e eu pusemos as mãos sobre ele e oramos, enquanto aquela mãe intercedia junto a Deus acompanhando-nos na oração.

Assim que terminei a oração, a mãe do menino começou a desenrolar as faixas. Enquanto ela fazia isso, eu continuava ministrando a outras pessoas que esperavam sua vez. Passados alguns minutos, ouvi um grito e voltei-me, para ver aquele menino dançando e louvando a Deus. Logo que os demais viram o que havia acontecido, também passaram a louvar a Deus.

- Vou lá em casa mostrar-me a meu pai! _disse o menino.

Então, todos o acompanhamos para ver o que ia acontecer. Jamais esquecerei a cena. Tivemos de andar cerca de 300 metros sobre areia, o que se constitui na pior forma de caminhar quando se sofre de algum problema nas pernas ou na espinha. Mas aquele menino andou conosco sem a menor hesitação. Os vizinhos, ouvindo-nos louvando a Deus, apontaram as cabeças fora das portas, para verem o que estava acontecendo.

Quando chegamos à casa do menino, entramos e lá estava o pai, sentado e com uma garrafa de cerveja na mão.

- Papai! - gritou o menino. - Olhe! Eu posso andar. Jesus curou-me!

Aquele pai deu uma olhadela no menino e exclamou: - Óh, meu Deus! É incrível!

Caminhei até àquele pai e pus o braço sobre seus ombros.

- Jesus ama você, companheiro - falei. – Não gostaria de conhecê-lo?

Ele se pôs de pé e chorou reais lágrimas de arrependimento.

Alguns dias depois, eu soube que dois enfermeiros do grande Hospital Vitória, de Wynberg, foram atender ao menino, como faziam, habitualmente, duas vezes por semana. Quando o viram, ficaram por demais perturbados.

- Nós recomendamos que este menino se mantivesse no aparelho! - disseram eles. - Por que está ele andando por aí desse jeito?

- Um homem de Deus orou por ele - explicou a mãe. - E, pelo poder de Deus, ele está andando, como vocês estão vendo.

- Alguma coisa está errada - disseram eles. - A senhora vai nos permitir examiná-lo.

Então puxaram suas fitas métricas e, cuidadosamente, mediram os quadris e as pernas do menino. Depois fizeram com que ele executasse uma série de movimentos, para ver se havia alguma dor em suas juntas. Por fim, um tanto perplexos, mediram-no de novo.

- Bem - perguntou a mãe - o que acham? Devo pô-lo de novo no aparelho?

- Não - disse um deles - acho que ele não vai precisar mais disso.

- Maravilhoso! Louvado seja Deus!

- A senhora tem certeza que não teve nenhum problema com ele desde que o aparelho foi retirado? - perguntou o outro.

- Problema? - perguntou ela. - Se tive! Ainda ontem tive de bater nele.

- Bater nele? Como a senhora bateu nele? - No traseiro. . .de que outro modo?

- Mas por quê?

- Por trepar naquela árvore enorme ali. Ambos se entreolharam atônitos. Eles sabiam que, para um menino com uma doença tão dolorosa , seria fisicamente impossível subir em árvores .

- Muito bem - falaram eles - só há um conselho que podemos dar à senhora: se isso não durar é melhor processar o curandeiro.O que eles ignoravam totalmente é que o Curandeiro, no caso, era o Senhor Jesus.

Capítulo Treze

Velho e Querido Bosworth

Um dia, no começo de 1952, eu disse a Jóyce: - Acho que chegou a hora de meu encontro com Bosworth.

- Que encontro? - perguntou ela, mostrando surpresa com um vinco na testa.

- Você não se lembra? - repliquei. - Eu contei a você, quando voltei de Johannesburg em outubro último, que Bosworth me havia convidado a visitá-lo nos Estados Unidos.

- Oh, sim, você mencionou isso, não foi? lembrou ela. - Acho que não prestei muita atenção na ocasião.

- Bem, acho que Deus quer que eu faça essa viagem.

- Mas, por quê? Você não tem bastante que fazer aqui?

- Sim - sorri - mas tenho a perfeita sensação de que Deus tem algo a ensinar-me por meio daquele velho, é isso.

Desde que Bosworth havia feito aquela sugestão quatro meses atrás, eu fora incapaz de afastar a idéia da minha mente. Embora Deus estivesse abençoando meu ministério na África do Sul, eu continuava sentindo que havia um mundo de experiências a alcançar. Meus anos no serviço militar me haviam tornado intensamente autoritário e as vezes ríspido. Eu sabia quão tremendamente precisava conviver com um cristão mais velho e mais bondoso, de modo a poder aprender mais acerca da expressão das graças cristãs em minha vida e em meu ministério. Então, me sentei e escrevi uma carta a Bosworth no endereço de sua residência em Coral Gables, Flórida, e a coloquei no correio naquela mesma tarde. Numa questão de dias recebi sua resposta. Dizia que logo estaria engajado numa cruzada em Hammond, Indiana, e que eu poderia fazer meus planos para encontrar-me com ele ali.

Algumas semanas depois, desembarquei no enorme aeroporto de Chicago e telefonei para o hotel onde Bosworth estava hospedado. Assim que ouviu a minha voz e o meu sotaque sul

-africano, ele ficou sabendo quem eu era.

_ Irmão Thom! - exclamou ele - Seja bem-vindo aos Estados Unidos!

_ Obrigado - respondi. - Como desejei esta vinda!

_ E quanto tempo pretende ficar por aqui? perguntou ele.

_ Algumas semanas - repliquei. - Será o suficiente?

_ Excelente! - disse ele. - Sugiro que você consiga um quarto no mesmo hotel em que estou, assim nosso relacionamento será muito melhor. Estaremos ocupados nas reuniões a maior parte do tempo, mas precisamos passar algum tempo juntos e a sós de modo a termos algumas conversas pessoais e momentos de oração. Você vem já para cá?

_ Sim - respondi. - Dentro de uma hora estarei aí.

_ Certo - respondeu ele. - Estarei esperando por você.

Naquela noite, depois de haver-me hospedado no hotel, sentia-me um tanto nervoso ao bater na porta do quarto de Bosworth. Mas, tão-logo ele atendeu e me deu as boas-vindas, o nervosismo desapareceu, ante o calor de sua recepção. Nunca me esquecerei daquela noite. Havia uma "fragrância" espiritual envolvendo aquele velho como eu raramente vira em qualquer crente em qualquer lugar.

No dia seguinte começamos a grande cruzada m Hammond, nos subúrbios de Chicago. Cooperei orando pelos enfermos e guiando as pessoas a Cristo por ocasião dos apelos. Era uma grande sensação ter uma pequena parte naquelas grandes reuniões, bem como ter a oportunidade de aprender tanto deste experimentado "guerreiro .. Depois de várias paradas no Estado de Indiana, voamos para Miami, na Flórida, para outra grande cruzada em uma enorme Igreja Cristã e Aliança Missionária, da qual era pastor o Dr.

Miller. Tinham um programa diário de rádio, transmitido do auditório da igreja; o Dr. Miller resolvera convidar Bosworth ou um de seus associados para falar na programação radiofônica . Esta, todos sentimos, seria uma excelente publicidade para a cruzada.

Mas, imaginem minha surpresa quando Bosworth me perguntou se eu estava disposto a assumir tal responsabilidade!

- Quem? Eu? - respondi. - Eu nunca preguei pelo rádio.

- Não? - disse Bosworth sorrindo - mas, amanhã de tarde, isso não mais será verdade.

Assim, na manhã seguinte, fui à igreja com Vosworth, que preferiu ficar na sala de controle e observar enquanto eu atuava no púlpito com o Dr.Miller.

Quando chegou o momento de falar, eu tremia como uma folha soprada pelo vento. "Senhor, tens de ajudar-me", orei baixinho. "Nada sei a respeito deste estilo de pregação.

O fato de ser esta a minha primeira experiência em rádio, já era bastante ruim; mas, assim que abri a boca para falar, constatei que tinha de pregar para uma igreja vazia, e isso era muito pior!

Mas, enquanto eu estava lutando com as minhas primeiras frases de abertura, de repente, uma visão extraordinária surgiu diante de mim. Tentei afastá-la. Eu estava tentando concentrar-me no meu sermão. Mas ela se recusava a desaparecer. Eu via um jovem soldado no calor da batalha na frente de guerra na Coréia. (Estávamos nos dias da guerra coreana.) Eu ouvia o troar da artilharia e via o rapaz em perigo. Então, de repente, a visão mudou, e passei a ver a mãe do rapaz pondo um pedaço de carne no forno para assar. Eu via a expressão ansiosa em seu rosto, e sabia quão aflita se sentia ela por seu filho.

Num lampejo, percebi o que Deus queria que eu dissesse.

- Há, ouvindo-me neste instante, uma mãe que está pondo um pedaço de carne no forno declarei. - A senhora tem um filho na frente de batalha na Coréia. A senhora está suportando pesado encargo de cuidados por aquele rapaz. A senhora já derramou muitas lágrimas. Mas, ouça-me; eu tenho uma palavra do Senhor para a senhora. "Mãe. Não se turbe o vosso coração: credes em Deus, crede também em mim. . ."

Durante os vinte e cinco minutos seguintes falei àquela mãe como se estivéssemos face a.face. Eu podia vê-la em minha visão, e Deus estava me dizendo o que eu devia dizer a ela. Quando terminei, o telefone começou a tocar. com chamadas procedentes de Miami inteira.

- Quem era esse pregador? - perguntavam._ :-nunca ouvimos nada como isso! - Até mesmo o repórter de um jornal telefonou. Bosworth desceu da sala de controle com lágrimas nos olhos. - Onde você aprendeu a pregar assim? - perguntou.

- Bem, não sei - respondi. - Eu realmente vi a visão de uma mãe aflita, e vi seu filho no

uniforme de um pracinha norte-americano, e não tive dúvida de que devia falar à àquela mãe.

- Essa é grande! - exclamou Bosworth. _

:-nunca vi uma demonstração mais pura da palavra do conhecimento.

Imediatamente minha memória voltou ao dia em que fui batizado no Espírito, na casa de McQuade. Lembrei-me de como havia visto o Senhor em visão e de como ele me disse "Eu te dou a palavra do conhecimento". Será que esta promessa começava a ser cumprida? Eu tinha lido muitas vezes 1 Coríntios 12, e sabia que um dos dons do Espírito Santo é "a palavra do conhecimento". Se eu compreendia corretamente esse dom, isso envolvia o "conhecer" certos fatos por divina revelação. Não tinha Pedro recebido uma palavra de conhecimento, quando Deus lhe revelou os fatos acerca do embuste de Ananias e Safira? E, se Deus havia revelado aquilo a Pedro, então, evidentemente, podia dar-me conhecimente acerca de uma mãe aflita. Por que não? Isso me parecia perfeitamente lógico.Daquele dia em diante, Bosworth passou a gastar mais e mais tempo comigo. Tratava-me como se eu fosse seu próprio filho. Algumas vezes levou-me à sua casa em Coral Gables e ficávamos, noite adentro, conversando a respeito das coisas de Deus. Em outras ocasiões orávamos juntos, pedindo a direção divina para o meu ministério quando eu regressasse à África. Várias vezes ele conseguiu convites para eu pregar e costumava ir ouvir-me. Era, sem dúvida, um grande privilégio, estar associado a este grande homem!

Uma noite ele trouxe à baila um assunto que, de certo modo, me surpreendeu.

- Robert - disse ele - creio que a mão de Deus está sobre você. Ele confiou a você um grande ministério. Mas você precisa ser ordenado.

- Ordenado? - repliquei. - O senhor está brincando, não está? Eu não tenho nenhuma preparação regular para o ministério; de que vai adiantar a ordenação?

- Vai adiantar muito, Robert - insistiu ele.Há algumas portas que permanecerão para sempre fechadas para você, se você não for um ministro do Evangelho devidamente reconhecido. Há muitos púlpitos onde você não será bem-vindo e muitas pessoas que não respeitarão seu ministério.

- O senhor está sugerindo que eu volte para a escola, então? - perguntei um tanto apreensivamente.

- De forma alguma - respondeu ele com um sorriso. - Fosse você mais moço e eu diria sim. Mas você está com trinta e sete anos e Deus já o encaminhou a um bom ministério.

- Mas o Senhor ainda pensa que eu deva ser ordenado?

- Sim - respondeu ele. - Penso que é muito importante.

- Mas eu ainda posso ser um ministro sem ordenação, não posso?

- De certo modo. É como um lançador no jogo de beisebol, com capacidade para ingressar nos grandes clubes, mas que não é reconhecido pelos grandes clubes. E um lançador como esse pode fazer sucesso em todos os clubes menores que quiser, mas

jamais conseguirá ser lançador de um grande clube a não ser que algum observador o descubra e o ajude a conseguir um contrato.
- Então que observador me descobrirá? falei, brincando.
- Este observador à sua frente.
- O senhor?
- Sim, irmão. Observei seu ministério e creio que você tem as qualificações necessárias. Estou pronto para recomendá-lo a um "clube".
- Mas que Gerente Geral me contrataria?
- Ah - disse ele com um sorriso afetuoso – eu conheço o homem certo. Escreveremos ao meu bom amigo Joseph Mattsson- Boze, em Chicago. É o pastor da Assembléia de Deus Independente ali. Ele ficará satisfeito em cuidar do que for necessário para sua ordenação, tenho certeza.

Assim, dentro de duas semanas, voamos até à igreja de Mattsson-Boze, onde uma cerimônia especial de ordenação foi marcada para mim. Henry Carlson, um dos diretores da Fraternidade dos Homens de Negócios do Evangelho Completo, lá estava, bem como uma Sra. Mary Uzelle, que tinha um ministério profético incomum naquela igreja.

Quando chegou o momento de imporem as mãos sobre mim, o irmão Carlson começou a orar em línguas. A Sra. Uzelle deu a interpretação e eu senti a poderosa unção de Deus vindo sobre mim à medida que ela assim falava:

Assim diz o Senhor. Meus olhos perscrutaram a nação e busquei entre o povo para achar um homem que fosse e se pusesse em pé diante da brecha. Não te levantei eu do nível mais baixo a que um homem pode cair? Não te livrei eu? Não te libertei eu? Sim, considera, eu te dei o dom da fé e ela será grande. . .Eis que eu sou o Senhor teu Deus, e eu te dei o dom de expulsar demônios. Tu imporás tuas mãos sobre os enfermos, e eles sararão. E eu, o Senhor, proverei tuas necessidades e grande será tua fé.

Quando a interpretação chegou ao fim, eu estava em lágrimas. O irmão Mattsson-Boze aproximou-se e pôs o braço ao redor de meus ombros.

- Vá com Deus, Robert - disse ele. - Isso é apenas o começo.

No dia seguinte, estava almoçando com Bosworth, quando ele me disse:

- Robert, gostaria de ir à África com você.

- Comigo? - perguntei surpreendido. - O que é que o senhor pretende?

- Poderíamos trabalhar juntos por algum tempo. Estou escalado para começar algumas campanhas na África do Sul no próximo mês. Por que você não vai comigo para ser meu "Sexta-feira"? ("Sexta-feira" - alcunha do criado de Robinson Crusoé, do célebre romance de Daniel Defoe). Isso pode ajudá-lo a projetar-se num ministério ainda maior...

- Isso parece muito convidativo - repliquei :nas vou orar a respeito durante alguns dias, antes de tomar uma decisão.

Algumas semanas passadas e eu estava a bordo de um navio em companhia de Bosworth com seus setenta e cinco anos, voltando a Cape Town. Após uns poucos dias alegres na companhia de jóyce e dos filhos, viajamos de carro a Carnarvom para dar início à nossa campanha. Durante o reavivamento, bem como nos dez meses seguintes, fui o companheiro constante de Bosworth. Aonde quer que fôssemos, partilhávamos o mesmo quarto. Pedia-me ele, toda noite, que colocasse seis lápis apontados e um bloco de papel na mesinha ao lado de sua cama.

- Para que é isso? - perguntei meio zombeteiramente na primeira noite.

- O Senhor me dá meus sermões durante a noite - explicou ele - e, assim, escrevo o que ele me dá. Eu jamais ouvira falar acerca desse método de preparação de sermão, por isso estava ansioso por vê-lo em ação. Efetivamente, cerca de meia hora depois que ele fora dormir, o Espírito Santo o despertou e ele se sentou e começou a escrever como doido. Depois de alguns minutos, apagou a luz e voltou a
dormir. Mas não por muito tempo. Passados cerca de vinte minutos, a luz estava acesa de novo e eu o ouvia escrevendo. Antes que chegasse o novo dia, ele deve ter sido despertado dez ou doze vezes.

Às sete horas da manhã ele já estava de pé. Aproximou-se de minha cama com seu bloco de papel na mão.

- Olhe aqui, Robert - falou ele. : Aqui está o sermão que o Espírito Santo me deu durante a noite.170

Peguei o bloco e ali estava: um sermão perfeito, completamente organizado e plenamente sustentado com muitas passagens das Escrituras.

- Que maneira de preparar um sermão! falei. - O senhor não está cansado?

- Cansado? - ele riu. - Quem jamais se sentiu cansado ouvindo o Espírito Santo?

Por dez meses observei aquele homem idoso obtendo seus sermões daquela maneira. E, quando chegava a ocasião dele pregar, a unção de Deus vinha sobre ele com tal poder, que grandes congregações se sentavam fascinadas por sua pregação e milhares chegaram a conhecer Jesus através de seu ministério.

Minha abreviada associação com Bosworth abriu-me as portas para uma fase nova no meu ministério. Logo comecei a viajar a lugares cada vez mais distantes para pregar o Evangelho, e, com isso, fiquei fora de casa por meses numa única viagem.

Não posso afirmar que isso foi fácil. Mas, durante os meses que convivi com Bosworth, aprendi muito acerca da consagração requerida para alguém tomar a cruz e seguir Jesus. Todas as noites eu ouvira aquele velho mencionando o nome da esposa em oração, e percebia a saudade que ele dela sentia, assim como eu sentia saudade de Jóyce. Ainda posso citar a boa disposição com que ele fazia todo esse sacrifício por amor a Jesus. Assim, logo verifiquei que Deus me queria à sua disposição, pronto a ser enviado aonde quer que quisesse enviar-me. Jóyce mostrou-se uma princesa real por todos aqueles primeiros anos de meu ministério. Eu sabia que muitas viagens eram

duras para ela, mas jamais se ouviu uma palavra de queixa. Ela estava sempre em casa orando por mim e tentando ser, a um só tempo, mãe e pai para as nossas crianças. Conversávamos e orávamos a respeito de cada viagem que eu fazia, e quando se tornava claro a nós ambos que era tempo de ir-me de novo, ela estava sempre de acordo.

Poucas pessoas compreendem os problemas particulares que um casal, vivendo esta espécie de vida, enfrenta. Era-me difícil manter a espécie de integração familiar que eu queria, mas Deus me mostrou algumas coisas que eu podia fazer para remediar. Embora saísse caro, estabeleci a prática de manter-me em contato com Jóyce pelo telefone, sempre que possível. Tínhamos vivido por fé desde que eu entrara no ministério, assim, eu estava confiante em que Deus supriria esta necessidade por causa de nossa família. E, como eu aguardava ansioso aquelas conversas com Jóyce! Mas eu achava certa graça quando ela, todo mês, me fazia a mesma pergunta: "Querido, como vamos pagar o aluguel este mês?"

Decidi, também, que uma vez de dois em dois anos, levaria a família toda comigo numa viagem missionária. Isso contribuiu muito para fortalecer nossos laços familiares e para proporcionar aos filhos melhor compreensão daquilo que eu estava fazendo. Ao longo dos anos fizemos muitas viagens juntos, pelos Estados Unidos e por toda a Europa.

Mas houve ocasiões de provas severas. O ministério entre o povo de Cape não foi tão difícil; era o lar. Mas as muitas viagens ao exterior eram, muitas vezes, cansativas.

Nunca me esquecerei da ocasião em que tive de voar depressa para casa. Jóyce me telefonara dizendo que Lionel, nosso segundo filho pela idade, tinha sofrido sério acidente e estava hospitalizado.

Quando cheguei ao Hospital Groot Schuur, Jóyce estava à beira da histeria. Lionel tinha estado brincando com bombinhas de estalo. Vinte e cinco, que estavam em seu bolso traseiro, haviam explodido. Havia extensas lesões internas. Os médicos diziam que somente uma operação de emergência podia salvar-lhe a vida. Imediatamente o diabo cochichou-me: "Se você tivesse estado em casa, como um pai cuidadoso para com aquele menino, isso não teria acontecido." Segurei a mão de Jóyce e juntos oramos fervorosamente para que Deus tocasse Lionel.

Ele estava tão gravemente ferido que não podia ser transferido de sua cama para a mesa de operações. Por isso haviam preparado, ao redor da cama, um teatro de operações de emergência, enquanto um dos médicos me apresentava um papel para assinar.

- Este formulário nos dá permissão para executar a cirurgia - explicou o médico. - Sendo ele menor, precisamos de sua autorização.

- Doutor - eu disse - não assinarei esse papel sem antes impor minhas mãos sobre meu filho e orar por ele.

- Não há tempo para isso! - advertiu o médico. - Não percebe que esse menino está morrendo?

- Eu sei disso - respondi. - Deixe-me pôr as mãos sobre ele.
- Assine o papel! - exigiu o médico.
- Não posso até que tenha orado.
Com isso, o médico retirou-se, zangado, para voltar com um dos médicos principais do hospital

- Sr. Thom - disse o que chegara - se o senhor não assinar este papel e o menino morrer, o senhor será preso!

- Mas eu pedi a este doutor que me permitisse pôr minhas mãos sobre meu filho e orar antes da operação - insisti. - Não vejo por que o senhor não pode conceder-me esse pequeno favor. Ele me lançou um olhar de pouco caso.
- Dou-lhe dois minutos para orar por ele falou ele bruscamente.

Quando me aproximei da cama de Lionel percebi a agonia em que ele estava.

- Filho - falei - vou fazer aquilo em que creio; vou pôr minhas mãos sobre você em nome do Senhor Jesus Cristo e, depois, vou assinar aquele papel que a lei exige
-. Então, simplesmente pus as mãos sobre aquele corpo tremente e fiz uma simples oração de fé, clamando pela cura de acordo com a Palavra de Deus. Ao sair de junto da cama "ouvi" Deus dizer-me: "Eu sou o Senhor teu Deus que cura todas as tuas enfermidades."

Assim que deixei o quarto, os médicos e enfermeiras se deram pressa em começar seu trabalho. Observei, por um momento, à medida que eles entravam. Logo que se fechou a porta, curvei a cabeça ali no corredor e comecei a louvar a Deus. Eu sabia que Deus tinha ouvido minha oração.

- Como está ele? - quis saber Jóyce, quando voltei à sala de espera.
- Ele está bem - respondi confiantemente.

Justamente nesse momento Jóyce olhou por cima de meu ombro e empalideceu. Voltei-me, para ver um grupo de médicos vindo em nossa direção. Eram os mesmos médicos que eu vira entrando apressadamente no quarto de Lionel alguns minutos antes. Apressei-me em ir ao seu encontro.
- Alguma coisa errada? - perguntei. O diabo cochichou: "Ele morreu!"
- Bem, Sr. Thom - falou o médico-chefe, com o rosto cor de cinza:

- Não sei exatamente como explicar o que aconteceu, mas quando levantamos a coberta de cima de seu filho, não havia sinal de ferimento, a não ser uma pequena cicatriz. . . Não pude evitar de sorrir abertamente.

- Eu posso explicar isso, doutor. Os senhores são muito vagarosos! O doutor Jesus realizou a operação enquanto os senhores esperavam no corredor! Posteriormente eu disse a Jóyce:

- Eu queria que o querido e velho Bosworth pudesse ter estado aqui para ver a expressão nos rostos daqueles médicos!
- Sim - respondeu Jóyce - ele teria morrido de rir!

Capítulo Quatorze

Um Gerador Com Mostarda e Maionese

Em 1956 fiz outra viagem aos Estados Unidos, mas, desta vez, sozinho. Eu tinha recebido convites para falar a muitas igrejas e a algumas convenções da Fraternidade do Evangelho Completo. Comecei a sentir a consciência pesada por causa do nosso trabalho entre o povo pobre de Cape, na África. Vínhamos acrescentando mais e mais equipes de testemunho ao nosso grupo e distribuindo milhares de livros. Mesmo assim ainda havia multidões não atingidas pelo Evangelho. Ocorreu-me, enquanto estava orando, que eu poderia realizar melhor trabalho de evangelização se tivesse outro gerador de eletricidade. Eu sabia, por experiências anteriores, que multidões acorreriam a uma área iluminada onde o Evangelho estivesse sendo pregado.

Enquanto orava, tive uma visão. Era como um "filme" passando diante de meus olhos, um filme de um gerador Holman. Era verde, com capacidade de 110-115 volts, 1500 watts e pelo preço de 300 dólares.

Meu primeiro pensamento foi pegar o telefone imediatamente e tentar localizar aquele gerador.mas, assim que peguei a lista telefônica e comecei a virar as páginas amarelas, tive a impressão de que Deus me falava: "Não, você não precisa sair à procura desse gerador. Confie em mim, eu o conduzirei a ele." Diante disso, pus de lado a lista telefônica e deixei o assunto nas mãos de Deus. Entretanto, com o pressentimento. de que, não demoraria muito, eu precisaria da informação que eu tivera na visão, anotei os detalhes numa pequena caderneta e guardei no bolso do paletó.

Dias depois, deixei Minneapolis e voei para Fort Worth, no Texas, para falar noutra convenção. Depois de um dos cultos, alguns senhores crentes estavam assentados ao redor de uma mesa, conversando comigo a respeito do nosso trabalho na África.

- Nós gostaríamos muito de ajudá-lo - falou um dos homens. - Há alguma coisa de que você esteja precisando?

- Há, sim -- admiti. - Preciso de um gerador elétrico.

- Sabe qual o tipo?

- Sim. Eu preciso de um gerador Holman, de 110-115 volts, 1500 watts. Deus mostrou-me esse gerador numa visão.

- Mostrou? Quando?

- Há poucos dias atrás. Sei exatamente como ele é; até sei quanto me custará.

- Escutem! - atalhou um dos homens. – Há um cidadão, no centro da cidade, que dirige uma loja de excedentes do exército. Por que não vamos vê-lo? Quem sabe se ele tem um bom gerador à venda?

Concordaram todos que devíamos ir imediatamente e, desde que a idéia não era minha, aceitei em ir junto porque bem podia ser que essa fosse a orientação de Deus. Quando

chegamos à loja, um de meus amigos disse ao proprietário que estávamos à procura de um gerador elétrico portátil.

- Sim, senhor! - disse ele. - De que tamanho precisam?

- De um pequeno - respondi, sem pretender divulgar os detalhes a esse ponto. Por que o senhor não nos mostra o que tem em estoque?

- Certo - concordou o negociante. Acho que tenho exatamente o que procuram aqui deste lado -. E nos levou a outra sala e nos mostrou um grande gerador pintado de vermelho brilhante.

- Não é uma beleza? - perguntou, sorrindo. - Sim, é bonito, sem dúvida - respondi - mas não é o que eu quero.

- Mas espere até ouvir o preço! - disse ele.Este gerador poderá ser seu por 375 dólares, e esse é o melhor portátil que eu tenho.

- Não - falei - essa não é a cor certa.

Acho que ele pensou que eu estava brincando porque ele ignorou completamente o que eu disse e me propôs um preço mais baixo.

- Trezentos e cinqüenta?

- Não, não posso comprá-lo.

- Trezentos e quarenta e cinco?

- Não, o senhor não compreende. Não é a cor certa. O senhor só tem esse?

- Oh, não - replicou ele. - Tenho mais. Olhe aqui, que tal este? Estava pintado de cinzento.

- Não - insisti - essa também não é a cor certa. O senhor não tem outro? Ele olhou para mim como se eu fosse algum maluco.

- Bem, tenho aqui este cor de laranja e aqui outro vermelho, e este azul. O senhor gosta de alguma destas cores?

- Não - respondi - nenhuma dessas cores satisfaz. Há um mais que o senhor não me mostrou.

- Não - disse ele - o senhor viu todos os meus portáteis.

- O senhor tem certeza? Foi aí que um dos companheiros que tinha vindo conosco gritou:

Ei, camaradas, eis um escondido aqui atrás!

- Oh, sim - falou o proprietário - tinha-me esquecido deste! Afastou-se e puxou o gerador para onde pudéssemos todos vê-lo. Imediatamente meti a mão no bolso do paletó e tirei minha caderneta.

- Prestem atenção, agora - falei. - Aqui está minha caderneta de anotações e aqui está escrito o de que eu preciso. De que marca é esse gerador?

- Holman.

- Certo. Qual é a cor?

- Verde.

- Qual é a voltagem?

- 110-115 volts.
- Quantos watts?
- 1,5 quilowatt.
- Quanto dá isso em watts?
- Mil e quinhentos watts.
- Muito bem. Qual é o preço?
- Diga-me.
- Não, diga-me o senhor.
- Certo. 300 dólares.

Com um largo sorriso no rosto, caminhei até perto do homem e passei às suas mãos minha caderneta.

- Amigo - falei - quer ter a bondade de ler o que está escrito aí? Foi isso que Deus me disse faz poucos dias.

Ele passou os olhos pela minha lista de especificações e balançou a cabeça em sinal de admiração. Tive, por fim, aquele gerador embarcado para a África e ciente de quão valioso ele viria a ser nas muitas reuniões ao ar livre que eu promoveria quando voltasse a Capetown. Entretanto, ainda havia um grande problema a enfrentar. Como ia eu transportar aquele gerador de lugar para lugar lá na África? Eu não possuía automóvel. Era muito difícil entrarem carros na África. Enquanto estava no serviço militar haviam-me permitido usar veículos do Exército. Mas agora, vivendo por minha própria conta, eu tinha de andar ou pedir carona para onde quer que fosse. Quanto mais eu pensava, mais certeza tinha da inutilidade daquele gerador sem um carro. À vista disso resolvi requerer ao governo uma licença especial de importação, assim que voltasse à África, de modo que eu pudesse comprar um carro de fabricação norte-americana.

Muitos de meus amigos me disseram quão difícil era obter tais licenças. Somente as pessoas muito importantes conseguiam importar carros, disseram-me e, a menos que pudesse contar com algum alto funcionário do governo para usar influência pessoal em meu favor, seria inútil qualquer tentativa.

Um de meus amigos forneceu-me o nome de um senador crente que seria capaz de ajudar-me. Mas, quando orei acerca de como proceder, pareceu-me que Deus me disse: "Tudo o que você precisa fazer é pedir-me; você não precisa entrar em nenhum conchavo; se você apenas pedir em meu nome, eu o farei." Por isso, decidi não falar com o senador e, em vez disso, fui diretamente ao escritório de importação do governo e solicitei um formulário para requerer uma licença de importação. Escrevi no formulário que queria um automóvel Chevrolet, modelo 1956, com as cores ouro e amarelo. Fui, então, para casa e contei a Jóyce o que havia feito.

- Ouro e amarelo? - gracejou ela. - Por quê essas cores tão malucas?

- O que é que há? - retruquei. - Você não gosta de mostarda e maionese?

- Bob - disse ela rindo - onde você já ouviu falar de um pregador guiando uma coisa assim? Sou capaz de apostar como nem mesmo fabricam um carro pintado desse jeito.

- Fabricam sim - repliquei. - Eu vi um em minha última viagem aos Estados Unidos e, então, decidi, naquele dia e hora, que assim seria o carro que eu queria!

Ela se deixou cair pesadamente na grande cadeira da sala e riu até às lágrimas.

- Oh, Bob - falou ela entre gargalhadas você é demais!

Bem, não parecia muito fácil que eu viesse a obter a licença de importação, mas eu tinha a promessa de Deus e, por isso, continuava firme na fé. Enquanto estava esperando, encontrei-me, certo dia, com um missionário que estava tentando obter uma licença para importar um caminhão.

- Você sabe - falou ele - essas licenças valem seu peso em ouro nestes dias.

- Sim, eu sei - respondi. - Você espera obter a sua?

- Bem, será difícil - replicou ele - mas consegui que um senador me ajudasse, por isso continuo esperançoso. mais tarde, conversando com ele, verifiquei que o senador era o mesmo que me fora recomendado por meu amigo - Bem - falei - também preenchi um requerimento, mas encaminhei diretamente ao escritório de importação .

- Você fez isso? - caçoou o missionário. -você sabe aonde vai chegar seu requerimento?

- Não. Onde?

- Na cesta de lixo!

Embora isso parecesse desencorajador, eu continuava louvando a Deus por aquela licença. Cerca de duas semanas após haver eu dado entrada no requerimento, recebi uma carta do escritório de importação. Quando abri o envelope, lá estava a licença.

- Aqui está ela! - gritei para Jóyce.

- Isso é realmente a licença? - perguntou ela

- Sim. Deus vai dar-nos um carro!

- O lá lá - exclamou ela. - Aí vem mostarda e maionese!

- Seria melhor que você acreditasse - princesa, - Deus dá o que eu peço!

Agora, que estava de posse da licença, eu estava pronto para enfrentar o grande obstáculo seguinte. E quão grande era ele! Eu tinha uma licença, mas não tinha dinheiro "Como pode você pensar em conseguir um carro sem dinheiro?" zombou o diabo. Não tendo uma resposta satisfatória para dar a tal pergunta, resolvi ignorar o pensamento e entregar a Deus o cuidar dos detalhes. Posteriormente, naquele mesmo ano de 1956, fiz outra viagem aos Estados Unidos. Dessa vez encontrei um bom crente - Alberto Seitz – que se ofereceu para transportar-me aonde eu quisesse ir em sua camioneta. Assim, durante dois meses e meio, viajei largamente pelo país naquela camioneta. Toda vez que cruzávamos com um Chevrolet pintado de ouro e amarelo, eu falava claro e alto; "Agradeço-te, Senhor, essa é a pintura do carro que eu quero." Alberto ria e dizia: - Você realmente acredita que vai consegui-lo?

- É claro que acredito - replicava eu. – Deus me disse!

Finalmente chegamos a Hampton, no lowa, e Alberto tinha de voltar para casa. Deixou-me na casa de um irmão em Cristo chamado Floyd Methfessel, que devia levar-me a Minneapolis, onde eu ia pregar numa convenção dos Homens de Negócios do Evangelho Completo, no dia seguinte. Em uma hora, Floyd estava pronto para viajarmos. Assim que passamos a correr na estrada principal, quis ele saber tudo acerca do trabalho que eu estava fazendo para o Senhor lá na África.

Expliquei a ele tudo acerca das nossas equipes de testemunho e das nossas reuniões ao ar livre e como, muitas vezes, viajávamos de carona de um lugar para outro.

- Irmão Thom - disse ele - você precisa de um carro na África, não é verdade?

_ Oh, sim - respondi - mas o Senhor vai cuidar disso. Eu já lhe pedi um Chevrolet novo.

- Ah, é isso? - comentou ele. - E de que cor você gostaria que fosse o novo Chevrolet?

- Ouro e amarelo - respondi. - Mostarda e maionese.

Ele se desmanchou em tremendas gargalhadas.

- Por aqui, a maior parte dos pregadores guia carros pretos - disse ele.

- Eu sei - respondi - mas eu gosto mais de um ouro e amarelo.

- Está bem, cada um com seu gosto pessoal :zçoou ele. Quando chegamos ao meu hotel em Minneapo, Floyd me disse:

-Irmão Thom, quero que venha visitar-me dentro de dois meses. Pode ser?

- Bem, acho que sim - respondi - puxando minha agenda do bolso. Deixe-me ver; sim, posso te visitar aqui dentro de dez semanas.

- Ótimo! - exclamou ele. - Esperarei ansioso
! sua visita! - Com isso, partiu. No dia seguinte, a convenção dos Homens de negócio do Evangelho Completo começou no mesmo hotel em que eu estava hospedado. Havia pregadores notáveis que ministraram durante a semana, e o Espírito Santo foi derramado sobre muitas pessoas. Jamais esquecerei uma reunião em particular. Demos Shakarian, presidente da Fraternidade Internacional dos Homens de Negócio do Evangelho Completo, ali estava naquela noite. Também estava presente o Dr. Mordecai Ham, o evangelista batista que tinha levado Billy Graham a Cristo.

No fim do culto foi feito o convite aos interessados que quisessem ir a uma sala designada como .sala de oração. Logo que o convite foi feito, dirigi-me rapidamente para a sala de oração para ajudar da maneira que eu pudesse. Mas, para surpresa minha, a sala estava tão cheia que apenas pude ficar na entrada e orar em silêncio pelos que estavam lá dentro. Depois de haver orado por algum tempo, levantei a cabeça e fiquei um tanto surpreendido ao deparar-me com Mordecai Ham de pé, ao meu
lado, observando tudo o que acontecia!

Inúmeras pessoas naquela sala de oração receberam o batismo no Espírito naquela noite e falaram em línguas. Entre elas estava um bom número de ministros luteranos; e

isso, em 1956, era praticamente inaceitável. Enquanto o Espírito Santo descia sobre essas pessoas, Mordecai Ram voltou-se para mim, chorando.

- Em pensar - falou ele - que eu tenho combatido a manifestação de línguas por quase sessenta anos!

Voltei para meu quarto, naquela noite, rejubilando-me no Espírito. "Senhor", disse dentro de mim mesmo, "isto é maravilhoso! Todas as classes de pessoas estão se submetendo ao Espírito Santo! "

Daquela convenção fui a muitas outras reuniões e testemunhei centenas de milagres de salvação e cura. Mas, finalmente, as dez semanas se escoaram e eu sabia que devia voltar à casa de Floyd Methfessel no Iowa, como previamente prometera.

Na verdade, eu não tinha idéia do por que desta viagem de volta à casa de Floyd, mas Deus parecia assegurar-me que essa era sua vontade. E essa impressão foi confirmada quando, de novo, meu caminho se cruzou com o de Albert Seitz e sua camioneta, e ele se ofereceu para levar-me à casa de Floyd uma vez mais!

Era aproximadamente meia-noite quando chegamos à casa de Floyd; tudo estava às escuras. Como Albert já estava fora do carro, disse:

- Espere aqui, vou ver se consigo despertar alguém.

Deixou a camioneta com o motor funcionando e desapareceu na escuridão.

Sentindo o cansaço da longa estirada, resolvi descer para espichar o corpo. Os faróis da camioneta estavam acesos e iluminavam a grande garagem dupla de Floyd. Despreocupadamente, através da vidraça das portas daquela garagem, vi lá dentro, iluminado pelos faróis, um chevrolet ouro e amarelo. . .

Em poucos minutos, Albert estava de volta, buscando minha bagagem e levando-a para a casa. Logo que isso terminou e que nos encontramos dentro de casa e nos tínhamos cumprimentado, Floyd me perguntou:

- Você espiou na garagem, não espiou?

- Espiei - admiti, sorrindo.

- E o que foi que você viu?

- Vi um Chevrolet, um Chevrolet ouro e amarelo.

- É isso mesmo - disse ele. - Aquele carro é seu! O carro que o Senhor me disse para comprar para você!

Meus olhos se enchiam de lágrimas à medida que descíamos as escadas rumo à garagem e ele me entregava as chaves.

- Aí está. - disse ele. - Tome conta dele. É todo seu.

Quando me sentei atrás do volante daquele carro novo em folha, tudo o que eu pude fazer foi curvar a cabeça e dizer chorando: "Agradeço-te, Jesus! Agradeço-te, Agradeço-te!"

Quando voltei à África, pus imediatamente meu 'mostarda e maionese" em atividade. Encaixei meu gerador e viajei a muitas aldeias para pregar o Evangelho ao ar livre.

Multidões compareceram, tanto para ver o carro e a luz elétrica, como para ouvir o Evangelho. E Deus honrou sua palavra e milhares foram salvos e curados.

Uma noite, realizamos uma reunião em Athlone, subúrbio de Cape Town. Sem que eu soubesse, estava presente na reunião uma Sra. Beades, que antes fora crente, e que sofria de uma rotura na bexiga. Havia seis anos, um bandido invadira seu apartamento no segundo andar; ela entrou às pressas no banheiro e trancou a porta. Em pânico, tentou sair pela janela, mas caiu e se feriu gravemente. Levaram-na às pressas ao hospital onde foram imediatamente batidas chapas de raios-X. As chapas mostraram uma ruptura na bexiga e vários ossos fraturados. Mas, não tendo dinheiro suficiente para a cirurgia na ocasião, ela pediu que a levassem para casa onde tentaria recuperar-se no que fosse possível.

O resultado doloroso do acidente foi que ela apenas podia reter pequena quantidade de líquido na bexiga, dali por diante. Durante seis anos ela não ousara beber
uma xícara de café ou de chá antes de ir para a cama. Nem mesmo tinha condições de freqüentar a igreja, ou outro lugar qualquer, por causa disso. Era um milagre que ela tivesse sobrevivido; mas, evidentemente, Deus a estava poupando e dando-lhe tempo para que ela se recuperasse de sua frieza espiritual. Chegou, então, aquela noite quando a Sra. Beades compareceu à nossa reunião em Athlone. Sentada ali, ela me ouviu dizer:

- Se há alguém que deseja reconciliar-se com o Senhor esta noite, fique de pé; eu vou orar por você.

Ela se pôs de pé, com muitos outros, e voltou para o Senhor. Após a oração eu disse:

- Agora, se há alguém que está doente, venha aqui à frente; daqui a uns minutos vou orar pelos enfermos.

Mas ela apenas continuou de pé onde estava, ao chão. Era difícil para ela crer "nesse : negócio de cura". Sua igreja lhe ensinara que os dias dos milagres pertencem ao passado, e que a cura não é para hoje. Por isso ela achou melhor ficar onde estava e observar.

Na noite seguinte ela voltou. Quando eu fiz o convite para a cura, ela estava entre os primeiros a virem à frente. Quando chegou o momento de orar por ela, perguntei:

- Senhora, de quê deseja ser curada?

- Senhor - respondeu ela - eu não vim aqui pedir para o senhor orar por mim, para curar-me; eu vim aqui para dizer ao senhor e a todas essas pessoas aqui presentes, que, na última noite, se operou em mim uma cura maravilhosa.

- Na última noite?

Eu não podia me lembrar de ter orado por ela. - Sim - disse ela. - Quero dizer-lhe que na ;última noite vim aqui com uma ruptura na bexiga. Eu só conseguia reter muito pouco líquido em meu corpo, e venho assim há já seis anos. Mas, na última noite, enquanto o

senhor estava orando pelos outros, algo estranho aconteceu. Senti uma mão invisível massageando minha bexiga. . .

Nesse momento ela começou a chorar.Eu nunca ouvi, antes, algo semelhante.

- Diga-nos exatamente como parecia - falei,? revocando mais informações.

- Oh - disse ela, sorrindo através das lágrimas - era realmente embaraçoso! Era como se dedos quentes massageassem minha bexiga. Não posso dar melhor explicação do que essa. Tudo o que eu sei é que fui para casa e tomei uma xícara de café com meu marido antes de ir para a cama, o que é uma coisa que não faço há seis anos.

- E isso não lhe trouxe nenhuma perturbação?

- Não. Não precisei levantar-me a noite inteira. Por isso, quando acordei esta manhã, percebi que tinha sido curada.

- E a senhora tinha ruptura na bexiga?

- Sim - respondeu ela - minha ficha está no Hospital Groot Schuur. Estou com uma nova radiografia marcada para terça-feira, para uma provável cirurgia.

Enquanto conversava com ela, Deus me mostrou que, embora a bexiga estivesse curada, ela ainda estava sofrendo o efeito das fraturas que não haviam sido curadas por completo. Então, simplesmente pus minhas mãos sobre ela e a declarei inteiramente curada em nome de Jesus. Ela tremia sob a ação do poder de Deus.

- E, agora - perguntei - o que aconteceu?

- Oh! - exclamou ela. - Senti, de novo, aquela mão massageando meus ossos! Ouvi-os estalarem no momento em que se ajustavam aos seus lugares!

Na terça-feira, como depois me contou a Sra. Beades, ela foi ao hospital para ser radiografada. Enquanto estava na sala de espera, ela contou aos outros doentes não hospitalizados o que tinha acontecido. Não demorou muito, dois médicos entreouviram a conversa e disseram a ela:

- Senhora, sua conversa está perturbando os outros pacientes. Venha conosco.

Levaram-na a um quarto e lhe ofereceram uma cadeira.

- Agora, então, - disseram eles - conte-nos a história que estava contando àquelas pessoas lá fora.

Então, enquanto eles ouviam sem acreditar, ela repetiu tudo. Finalmente, o mais velho dos dois disse ao mais moço:

- Traga a ficha dela.

Quando a pasta foi trazida, encontraram as .chapas de raios-X que mostravam as fraturas e a ruptura da bexiga.

- Mas nós não sabemos se houve qualquer alteração enquanto não batermos novas radiografias - falou o médico mais idoso. Foram, então, para a sala de raios- X e, em seguida, ficaram à espera num consultório, para saber do resultado. Depois de cerca de uma hora, o médico entrou e, em silêncio, olhou para a Sra. Beades por um momento. Por fim, um tanto abruptamente, falou:

- Pode ir para casa, Sra. Beades; a senhora está curada.

- Louvado seja o Senhor! - falou ela, rindo. O que foi que eu disse aos senhores?

O médico sorria tolamente enquanto ela saía do quarto.

Quando a Sra. Beades me contou esta história vários dias depois, eu disse baixinho: "Agradeço-te, Senhor!

Capítulo Quinze

Safári a Tonetti

Em 1959 comprei uma grande tenda verde medindo vinte metros por quarenta, que mostrou ser um lugar ideal para realizarmos nossas reuniões. Depois de termos armado a tenda em vários lugares em Cape Town e nos seus arredores, parecia que Deus me estava dizendo para levar minha família numa longa viagem pela África do Sul. Meu objetivo era alcançar um lugar chamado Tonetti, a cerca de 2000 quilômetros de distância, num canto no nordeste longínquo da África do Sul. Era uma área de densas trevas espirituais, onde o povo se consultava com feiticeiros e adorava demônios.

Quando, casualmente, sugeri a Jóyce que ela e as crianças também iam, os rostos de todos se iluminaram de satisfação.

- Que idéia excelente! - exclamou Jóyce. – A que distância iremos?

- Dois mil a dois mil e cem quilômetros. Um lugar chamado Tonetti, nas proximidades do Parque Nacional Kruger.

- Mas esse é o país dos leões, não é? – Ela parecia assustada.

- Sim. País das cobras, também.

- Eu pensaria em lugares melhores para ir acampar.

- Mas nenhum seria tão emocionante, querida- provoquei-a. Os meninos começaram a tagarelar ao mesmo tempo. Leões e cobras pareciam emocionantes para eles. Mas Jóyce não estava tão calma.

- Vai sair tudo bem - garanti a ela. - Não viajaremos através do parque e assim haverá perfeita segurança.

- Está bem - disse ela resignadamente. - Se Deus quer que vamos até lá. . .

Assim, na semana seguinte, Jóyce e eu e nossas seis crianças mais novas (tínhamos oito na ocasião) nos comprimimos dentro do nosso Chevrolet amarelo e ouro e rumamos para o norte, levando, a reboque, nossa tenda e nosso gerador.

Foi uma viagem longa e cansativa que levou vários dias. À noite, parávamos na estrada e armávamos uma pequena barraca que trouxéramos para acampar. Ao clarear do dia tínhamos de estar todos de pé para a primeira refeição preparada ao calor duma fogueira, prontos para nova etapa.

Quando, finalmente, adentramos a aldeia nativa de Tonetti, isso no quarto dia de viagem, pessoas negras vieram correndo de todo lado para ver a "maravilha de ouro".

Gostavam especialmente das partes cromadas e passavam os dedos com deleite, papagueando entre si numa linguagem que eu não compreendia.

Haviam-me dito que existia uma mulher missionária trabalhando em Tonetti - Srta. Stacey, que servia sob a direção da Junta de Missões das Assembléias de Deus Britânicas. Eu e Jóyce estávamos ambos ansiosos por encontrar a Srta. Stacey e ver o que podíamos fazer para ajudar. Tivemos alguma dificuldade em fazer os nativos compreenderem o que desejávamos, mas quando mencionamos o nome "Stacey" três ou quatro vezes seus rostos se iluminaram e se movimentaram para que os seguíssemos.

A Srta. Stacey era uma mulher pequena mas cheia de energia, com grande compaixão pelas necessidades do povo de Tonetti. Logo que soube quem éramos, bem como por que tínhamos vindo, e que possuíamos uma tenda e um gerador elétrico, ela ficou muito contente.

- Isso é uma resposta às minhas orações disse ela com o rosto resplandecente. - A obra aqui cresce devagar; apenas um convertido de vez em quando. Mas, o de que precisamos é uma maneira de alcançar muitos de uma só vez.

- Bem - disse eu - vamos armar a tenda e ver o que acontece. Predigo que estaremos lotados em todos os cultos.

- Assim eu creio! - disse ela. - Deus vai dar-nos um reavivamento!

- A propósito - falei - pode fornecer-nos um intérprete?

- Sim - respondeu ela - temos um moço. Chama-se Danielli. Vou pedir-lhe para ajudar.

Oramos juntos por alguns minutos, dando graças a Deus por nos reunir e pelo reavivamento que ele ia mandar. Então saímos à procura de uma clareira grande bastante para nela armarmos a grande tenda.

Não foi difícil. Até os meninos trabalharam com afinco para ajudar, e à tardinha já tínhamos a tenda armada e os fios elétricos estendidos. Grandes grupos de nativos rondavam pelas imediações movidos pela curiosidade, vendo-nos trabalhar. Pedi à Srta. Stacey que lhes falasse acerca dos cultos que seriam realizados.

Naquela noite havia uma enchente de povo, dentro e fora da tenda, muito antes do começo do culto. Quando pus em movimento o gerador e a
luz brilhou, todos gritavam de alegria.

Quando chegou o momento de eu pregar, Danielli estava ali ao meu lado. Assim que começamos, senti que a Srta. Stacey havia feito uma sábia escolha. Cada pronunciamento que eu fazia era interpretado com grande poder e unção. Às vezes, as lágrimas rolavam pelas suas faces enquanto ele falava. Quando fizemos o apelo, muitos dos nativos atenderam, aceitando Jesus Cristo como seu Salvador.

Também oramos pelos enfermos durante aquelas reuniões. Danielli orava comigo e, oh! o amor e a compaixão que de seu coração fluíam! Depois do culto falei à Srta.
Stacey:

- Esse rapaz, Danielli, jamais vi algo como ele. Nasceu ele num lar missionário ou conseguiu ele aquele poder de outra fonte?

- Não, irmão Thom - respondeu a Srta. Stacey - Danielli nasceu aqui mesmo no sertão. Seu irmão é missionário a cerca de dez quilômetros daqui, mas Danielli teve muito mau começo.

- Sim? O que a Srta. quer dizer?

- Ele estudou durante cinco anos para ser feiticeiro.

- Feiticeiro? É incrível! Como se tornou crente?

- Bem, essa é uma história interessante. Na noite em que, terminado o preparo, devia receber o título de feiticeiro, seria à meia-noite de um sábado, os instrutores disseram a Danielli que Satani entraria nele vinte e quatro horas depois.

- Quem é Satani? - interrompi.

- Esse é o nome nativo para Satanás. Eles lhe disseram que Satani viria como uma chama de fogo e tomaria posse dele. Ele devia estar fora de sua choça, à meia-noite, e, quando visse o fogo vindo, devia abrir a boca e Satani entraria nele.

- E isso lhe daria poderes sobrenaturais, suponho?

- Sim, eles lhe disseram que ele receberia o poder de vida e de morte.

- E o que aconteceu, então?

- Bem, na noite seguinte ele fez como lhe foi determinado. Pouco antes da meia-noite saiu e ficou de pé na escuridão, diante da choça, esperando o fogo aparecer. Enquanto esperava, começou a sentir medo. Pensava em seu irmão missionário que o tinha advertido repetidas vezes acerca do poder de Satani. Quanto mais esperava, maior era o medo.

- Sou capaz de apostar que o irmão estava orando por ele - comentei.

- E estava; ele contou-nos depois. Bem, de qualquer maneira, como o momento da meia-noite se aproximava, de repente Danielli falou consigo mesmo: "Aqui vem o fogo!" Isso o apavorou tanto que seu único pensamento foi chegar até ao irmão tão depressa quanto suas pernas fossem capazes de levá-lo. Enquanto corria, disse ele, pensava que podia ouvir o diabo correndo atrás dele.

- Eu não ficaria surpreso que assim fosse falei. - O poder desses feiticeiros é mais real do que muita gente pode pensar.

- Eu sei. Também já vi. Bem, Danielli correu dez quilômetros, por montanhas e vales, através de uma região infestada de leões e cobras, e, quando chegou à choça do irmão, quase desmaiou ao gritar: "Ajude-me!" Seu irmão saiu para socorrê-lo e, depois, nos disse que sentia o poder de Satani por toda parte. Então gritou: "Satani, eu te repreendo no nome de Jesus Cristo! Ordeno-te que deixes meu irmão em paz! Vai e não voltes nunca mais!"

- E o que aconteceu, então?

- Danielli disse que no mesmo instante sentiu que o poder do mal o deixava, e começou a chorar de alegria. E, a seguir, em poucos momentos, seu irmão o guiou a Cristo e ele recebeu, também, o batismo do Espírito Santo.

- Louvado seja o Senhor! - clamei, batendo palmas. - Não é maravilhoso?

- Sim - replicou a Srta. Stacey. - Deus foi bom para com Danielli. Ele será uma grande bênção neste reavivamento.

Mais tarde naquela noite, Jóyce, eu e os filhos nos acomodamos, para uma noite de descanso em nossa pequena barraca que media 5 por 3 e por 2 metros. Dormimos naquela barraca todas as noites. Os meninos levaram a coisa na brincadeira, achando engraçado estarmos ali acondicionados como sardinhas em lata. Mas havia tantas mudanças e viravoltas que, de manhã, a gente se perguntava de quem era o pé que estava entrando em nossa boca.

Divertimo-nos a valer. Na realidade, vivíamos como reis. Podíamos comprar um grande pedaço de carne por quinze centavos, e ganhávamos verduras dos lavradores que viviam nas proximidades. Cozinhávamos numa fogueira e os nativos se mostravam muito solícitos para conosco, presenteando-nos com vários tipos de alimento. Por tudo isso nos sentíamos muito abençoados, apesar dos desconfortos comuns nos acampamentos.

Noite após noite as bênçãos de Deus eram derramadas durante nossos cultos. Danielli estava sempre ao meu lado quando ministrávamos ao povo, e muitas, muitas pessoas experimentaram o milagre da salvação. O grande número de conversões resultou, não apenas da pregação da Palavra, mas, também, dos sinais e milagres, que impressionaram profundamente as pessoas com o poder de Jesus.

Certa noite uma mulher veio à tenda. Ela era tão encurvada que sua testa quase tocava o chão. Ela coxeava amparada a um velho cajado nodoso e. a cada passo, sua cabeça oscilava para cima levemente. Seus olhos encovados e sua boca emurchecida, mas determinada, eram sinais indicativos da vida difícil que ela tinha levado.

Fosse como fosse, quando chegou a hora de orar pelos enfermos, esta pobre mulher estava na primeira fila.

- Danielli - falei - pergunte-lhe há quanto tempo ela está nessas condições.

Houve uma breve conversa entre eles.

- Nove anos - replicou ele.

Imediatamente, Danielli e eu pusemos nossas mãos sobre ela, no nome de Jesus, e dissemos: "Não devia esta mulher, dominada estes nove anos por Satanás, ser libertada em nome de Jesus?"

Falei assim lembrando-me de como Jesus, em situação semelhante, disse: "Por que motivo não se devia livrar deste cativeiro esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?" (Lucas 13: 16). Mas, então, me ocorreu que o sofrimento da mulher tinha sido causado por um "espírito" de enfermidade, como se vê de um versículo anterior no mesmo capítulo. Tomando aquilo como um indício da causa do

estado desta mulher, que ali estava diante de nós, ordenei: "No nome de Jesus Cristo, ordeno-te, tu perverso espírito de aflição, que saias dela e a deixes livre imediatamente!"

De imediato, lançou ela seu bastão ao chão, endireitou o corpo e começou a dançar de alegria, perfeitamente curada em nome de Jesus! Muitos dos que ali estavam choravam e, antes do fim do culto, muitos nativos receberam Jesus como seu Salvador.

- Oh, irmão Thom! - exclamou a Srta. Stacey em prantos. - O reavivamento pelo qual orei chegou! Durante o reavivamento o Senhor libertou muitas pessoas que estavam possuídas pelo demônio. Algumas dessas pessoas atormentadas tentaram interromper os cultos, agindo como animais e produzindo barulhos estranhos. Mas, quando repreendemos estes maus espíritos no nome de Jesus, tais pessoas foram totalmente libertadas.

Bem depressa, porém, chegou a oportunidade em que eu sabia devíamos começar a longa viagem de volta. Jóyce estava muito cansada e as crianças começavam a sentir-se entediadas, também. Assim, dominados por diferentes emoções, desarmamos a tenda e nos despedimos de todos.

- Jamais esquecerei estes dias maravilhosos
- falou a Srta. Stacey com lábios trêmulos. Tudo isto, na verdade, foi obra do Espírito Santo!

- Sim, e isto é apenas o começo - respondi. Assim que a irmã consiga mais moços como Danielli, o trabalho aqui prosperará. Depois, abracei Danielli como se fosse meu próprio filho, entrei no carro e arranquei, enquanto milhares de nativos agitavam as mãos dando-nos adeus.

Capítulo Dezesseis

"Retire Este Homem da Cidade! "

Deixando Tonetti, planejáramos rodar para casa seguindo o rumo da costa Leste. Esta parte da África era habitada por muitos hindus, e eu sentia que seria um verdadeiro desafio trabalhar entre pessoas conhecidas como por demais resistentes aos esforços missionários cristãos. Tendo mantido contato antecipadamente com um pastor em Melville, cujo nome era Bobby Mannikim, e que era hindu convertido, estávamos ansiosos por aceitar seu convite para pregar o Evangelho nessa difícil comunidade.

Melville era uma cidade dedicada à fabricação de açúcar. A maior parte dos agricultores, junto às áreas mais distantes, plantava cana-de-açúcar e a vendia à grande usina para a industrialização. Logo ao entrarmos na cidade percebemos tratar-se de território hindu. Quase todas as mulheres usavam o sati indiano e muitos animais vagueavam nas ruas. Grupos de homens olhavam com interesse nosso automóvel ouro e amarelo ao passarmos. Foi um momento de grande alegria quando encontramos Bobby

Mannikim. Embora nunca nos tivéssemos encontrado antes, sentimos um laço de fraternidade cristã no momento em que pusemos os olhos um no outro.

- Bem-vindo a Melville, irmão Thom! – gritou ele. - Que alegria tê-lo aqui.

Agradeci-lhe a calorosa recepção e apresentei todo o resto de minha família. Ficamos um pouco por ali conversando alegremente a respeito do reavivamento que, tínhamos certeza, Deus ia enviar-nos. Após o derramamento do Espírito de Deus em Tonetti, nossa fé estava bastante elevada para Melville.

No dia seguinte, Bobby ajudou-nos a encontrar uma área livre onde pudéssemos fincar as estacas e estender a lona. Enquanto trabalhávamos, notei muitos hindus rondando pelas imediações procurando adivinhar o que estávamos fazendo.

Pela tardinha a cidade estava cheia da notícia de que íamos ter um reavivamento. Muitos dos crentes locais compareceram ao primeiro culto, mas, para nosso desapontamento, apenas um punhado de hindus esteve presente. Alguns dias depois, no entanto, milagres de cura começaram a acontecer, e mais e mais hindus afluíam à tenda para ver o que estava acontecendo.

Quando alguns hindus se converteram eu sabia que íamos ter problemas. Vínhamos sendo atentamente observados pelos sacerdotes hindus, e eles, com toda certeza, se sentiam ameaçados por nossa presença.

As multidões cresciam mais e mais. Certa manhã, após havermos tido um culto excepcionalmente bom na noite anterior, Bobby recebeu um chamado telefônico de um dos sacerdotes.

- Retire esse homem da cidade - advertiu o sacerdote hindu. - Se não o fizer, vamos matá-lo esta noite.

E sem esperar resposta, desligou. A cor desapareceu do rosto de Bobby. Percebi que alguma coisa estava errada.

- O que está acontecendo? - perguntei.

- Estão ameaçando matá-lo.

- Quem?

- Os sacerdotes hindus.

- Mas por quê?

- É que você está conseguindo muitos convertidos. Eles estão muito zangados. Ou você deixa a cidade imediatamente, ou eles vão matar você.

- Esta noite?

- Foi o que o sacerdote disse. Ele estava furioso.

- O que é que você acha que eu deveria fazer? _ Talvez seja melhor desarmar a tenda e você arrumar as malas. Afinal, você tem de pensar em sua família.

Sentei-me em silêncio por alguns momentos, apenas pensando.

- Bobby - falei, por fim - dê-me uma hora para orar. Sinto-me como se precisasse de alguma orientação.

Achando um lugar onde podia ficar só, coloquei o assunto diante de Deus. "Senhor, tu me enviaste aqui nesta missão e, agora, tu vês, estou sendo ameaçado. Que queres que eu faça?"

Assim que orei, Deus, de forma evidente, me apresentou duas passagens das Escrituras: Não te tenho eu dito em minha Palavra que "vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus?" E não te disse "regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós"?

Uma hora mais tarde fui procurar Bobby, mostrando um alegre sorriso.

- Está tudo bem, Bobby - falei. – Deus enviou-me aqui para que houvesse um reavivamento, e se isso custar minha vida, nós o teremos.

Naquela noite entramos na tenda como de costume; a multidão estava transbordando. Perto da hora de falar, senti poderosa unção do Espírito Santo descendo sobre mim. Inspecionando a multidão, notei um sacerdote hindu me fitando da entrada traseira da tenda. Supus ser ele o sacerdote que telefonara a Bobby naquela manhã. Notei, então, um homem hindu, grande e musculoso, de pé na porta à minha esquerda. Notei que ele e o sacerdote trocavam olhares.

- Bem - pensei - se é esse o homem que eles escolheram para desincumbir-se da tarefa, fizeram excelente escolha!

Levantei-me para pregar, sem saber se seria alvejado a tiros ou se aquele homem enorme atiraria uma faca em mim depois do culto. Eu só sabia que ele estava ali para algo que não era bom.

"Senhor", orei em silêncio, "estou em tuas mãos. Cuida de mim e glorifica teu Filho Jesus."

Naquela noite verifiquei quão desejoso está o Senhor de honrar a fé e confirmar sua Palavra. A pregação foi, mais do que nunca, clara e poderosa, e, quando fiz o apelo, muitos hindus vieram à frente desejosos de receber a Cristo. O sacerdote estava sobremodo irritado.

A seguir, comecei a orar pelos enfermos. "Senhor", orei, "em nome de Jesus, ordeno que todo sofrimento deixe toda pessoa doente nesta tenda!" Imediatamente, o poder de Deus se manifestou e muitas pessoas se levantaram e começaram a louvar a Deus pela cura de seus corpos. Alguns voltaram a ouvir. Outros, que tinham sido aleijados, começaram a pular de alegria. Enquanto o poder de Deus empolgava toda a tenda, vi, de repente, o homenzarrão que estava à minha esquerda, voltar-se como se tivesse ficado aterrorizado com alguma coisa. Abrindo caminho freneticamente através
da multidão, fugiu para a escuridão da noite. Logo depois que ele sumiu, também vi o sacerdote afastar-se.

"Senhor! O que está acontecendo aqui?" falei dentro de mim mesmo.

"Provavelmente foram em busca de seus revólveres," assoprou uma outra voz. "Não!" pensei, "aquele homem estava aterrorizado. Algo estranho aconteceu por aqui. Ele não vai voltar."

Quando conversei com Bobby mais tarde naquela noite, ele estava tão confuso quanto eu mesmo acerca do que tinha acontecido. Até bem tarde, naquela noite, conversamos a respeito daquilo.

- Eles não vão desistir facilmente - advertiu Bobby. - Nós estamos sendo permanentemente observados.

Na noite seguinte a multidão era ainda maior que na noite anterior. Eu esperava ver o sacerdote de novo (com um novo "assistente"); mas, se ele estava por ali, não consegui localizá-lo.

Para meu desalento, entretanto, ali estava o mesmo homenzarrão hindu que tinha estado na porta esquerda na noite anterior; só que, desta vez, ele estava dentro da tenda.

"Senhor", orei em silêncio, "por que permitiste que ele voltasse?" Cheguei a pensar em dirigir-me ao homem e pedir-lhe que se retirasse, mas, no caso de estar ele armado, seria perigoso. Então, resolvi que era mais sábio realizar normalmente o culto como fizera na noite anterior. Depois de cantarmos um pouco, pedi testemunhos pessoais da congregação. O enorme hindu, de um salto, ficou em pé.

- Fuja! É uma armadilha! - Bobby sussurrou.

Preparei-me, pronto para deixar-me cair atrás do púlpito no momento em que ele empunhasse o revólver. Por um fugaz momento, o tempo parou. Então o homem falou. - Louvado seja o Senhor! - gritou ele. - Estou curado!

Meu coração virou água. Quase desmaiei ali mesmo. Sem ter o que dizer, pus-me de pé e adorei o Senhor em línguas.

- Estou completamente curado - prosseguiu o homem. - Ontem eu vim à reunião com más intenções. Mas, quando o senhor estava orando pelos enfermos, o poder de Deus veio sobre mim, e, agora, me sinto perfeitamente bem!

Olhei para aquele homem com assombro. - Qual era seu problema, companheiro?

- Eu tive terríveis abscessos por muito tempo

- respondeu ele. - E muito doloridos. Mas, ontem à noite, de pé na porta de trás desta tenda, senti o poder do seu Jesus, e senti os abscessos se romperem. - Venha para cá - falei. - Quero que todos ouçam este testemunho. - Rapidamente, veio ele e se pôs diante de todos.

- Conte-nos o que aconteceu quando os abscessos se romperam - pedi, com grande interesse.

- Fui para casa - respondeu ele. - Eu fiquei assustado quando senti os abscessos se rompendo.

- E o que foi que você descobriu ao chegar a casa?

- Encontrei grande quantidade de sangue e de pus. Toda a minha roupa de baixo estava suja. Mas a dor sumira por completo. Por isso hoje fui ao médico da companhia, na

fábrica de açúcar onde trabalho, e pedi que me examinassem. E, milagre dos milagres, ele me disse que os abscessos estão inteiramente curados!

É difícil para mim descrever o que aconteceu daí em diante. As pessoas começaram a chorar e a louvar a Deus, por toda a tenda. Bobby e eu pusemos nossos braços enlaçando aquele enorme hindu e o guiamos a Cristo ali mesmo e na mesma hora. E, antes de terminar o culto naquela noite, setenta famílias hindus foram salvas. Fiquei muito tempo sob a impressão daquele culto! De fato, mesmo depois de, finalmente, havermos regressado a Cape Town, Jóyce e eu continuamos falando e comentando, e, por algum tempo, ainda sentíamos uma estranha ternura dominando nossos espíritos.

Capítulo Dezessete

"Mas, Senhor, Isso é irracional!

Em 1960 recebi muitos convites para voltar aos Estados Unidos para falar em várias convenções e igrejas. Deduzindo que essa era a vontade de Deus, preparei-me para, uma vez mais, com natural tristeza, deixar minha família.

- Não se esqueça de telefonar para nós - falou Jóyce no aeroporto. - Preciso ouvir a voz de um homem por aqui de vez em quando.

- Eu jamais esqueceria - garanti-lhe. Virando-me, então, para os meninos, falei: - Sejam bem comportados e obedeçam à mamãe e orem por mim todos os dias, certo?

- Nós o faremos! - responderam em coro. Dei-lhes um grande abraço, um beijo, e corri para meu avião.

Chegando aos Estados Unidos, entrei numa constante corrida de atividades, indo de uma para outra cidade, falando em todo lugar, em grandes convenções em enormes salas ou reuniões de oração em pequenas salas de estar.

Uma de minhas paradas foi em Lebanon, Óhio. Ali, fui hóspede na casa de Blaine Amburgy, cerca de doze quilômetros longe da cidade. Blaine é um dos diretores internacionais da Fraternidade Internacional dos Homens de Negócio do Evangelho Completo, e me competia falar na igreja por ele freqüentada, no dia seguinte.

Sendo sábado, Blaine e sua esposa, Helen, pensaram que eu gostaria de um breve repouso.

- Vamos à cidade resolver alguns negócios - falou Blaine. - Voltaremos logo. Aproveite e descanse um pouco até nossa volta.

- Há bastante comida na geladeira, se tiver fome - acrescentou Helen.

- Certo - respondi. - Isso me parece bom.

Depois que eles saíram, acomodei-me com a intenção de estudar a Bíblia e orar, tratando de preparar-me para minhas atividades ministeriais do domingo. Meu método de preparação é sempre o mesmo. Simplesmente peço a Deus que me guie à passagem das Escrituras acerca da qual devo falar. Então, leio e releio aquela passagem até ter a

certeza de compreendê-la profundamente. Isso, mais oração fervorosa pedindo a unção de Deus no ministério dessa passagem, costuma produzir resultados.

Assim gastei a manhã daquele modo: lendo, orando pela compreensão, relendo, orando por mais profunda compreensão, tornando a reler. Evidentemente Blaine e sua esposa ficaram retidos nalgum ponto; ao meio-dia ainda não haviam voltado e eu estava começando a sentir fome. Apanhei um pedaço de carne e preparei um sanduíche para mim. Pelo meio da tarde o tempo estava demorando a passar. Li o jornal e fiquei atento à janela, desejando que voltassem logo. "Eles não podem demorar muito mais", pensei. "Eles disseram que logo voltariam."

Nesse momento o telefone tocou. Levantei-me para atender; o chamado não era para Blaine. Quando tocou a segunda vez, eu apenas ignorei.

Mas, no terceiro toque, recebi uma forte impressão de que devia pegar o fone. Pulei da cadeira e tirei o receptor do gancho, levando-o ao ouvido. No outro extremo da linha ouvi uma mulher em prantos.

- Betty - dizia ela - recebi notícias terríveis a respeito do querido irmão George!

- Óh, por Deus! - disse a outra mulher.

Qual é o problema?

- Ele está no Hospital Geral Dayton -- foi a resposta. - Acharam um tumor no seu cérebro.

- Óh, não! -lamentou a outra. - É maligno?

- Sim. Dizem que não há nada que possam fazer por ele!

Nessa altura sua voz falhou e ela começou a soluçar.

Fiquei sabendo, imediatamente, porque Deus quis que eu atendesse aquele telefonema. Continuei segurando o fone em minhas mãos trêmulas, sabendo que devia socorrer aquela mulher esmagada pela dor.

- Senhora - interrompi - desculpe-me. Eu sei que não devia estar ouvindo sua conversa, mas o fato é que eu tive a impressão de que devia levantar este receptor.

Posso orar pelo irmão George?

- Mas, quem é você? - perguntou a mulher algo perplexa e acalmando seu choro.

- Meu nome é Robert Thom - respondi. – Sou amigo de Blaine Amburgy.

- Óh! - ela exclamou. - Você é aquele homem da África do Sul que ora pelos enfermos?

- Sim, senhora, eu sou o homem.

- Betty - disse ela - não é maravilhoso? Por que não podemos nós três unir-nos em oração, agora mesmo, em favor do irmão George?

Assim fizemos. Fiz uma oração simples de fé por esse homem que eu nem mesmo conhecia, pedindo a Deus que removesse aquele tumor em nome de Jesus, enquanto elas me acompanhavam com muitos Amém e Louvado seja o Senhor!

Quando pendurei o fone, ri para mim mesmo. "Essa foi uma reunião de oração bem estranha!" pensei. "Eu me pergunto: o que pode resultar daí?" Uma outra voz falou: "Às vezes você faz coisas bem estúpidas. . ."

Quando Blaine e Helen voltaram para casa aquela tarde, contei-lhes o sucedido. Acharam muito engraçado, mas prometeram que me informariam se recebessem alguma notícia acerca do irmão George. Passada três semanas, estava em outra cidade quando recebi um chamado interurbano de Blaine. .

- Você se lembra daquela mulher com quem você orou no telefone há algumas semanas?

- Sim. Alguma novidade?

- Ela foi à igreja esta tarde e testificou a respeito de sua oração pelo irmão George. Eu logo pensei que você gostaria de saber que, quando os médicos o reexaminaram, não conseguiram encontrar o menor sinal do tumor.

- Louvado seja o Senhor! - falei. - Não é fantástico?

Quando desliguei o telefone, sentia-me feliz por ter obedecido à gentil inspiração do Espírito Santo. Eu via, mais e mais claramente, a importância de caminhar com fé e fazer tudo que Deus ordene a mim, não importa quão absurdo venha a parecer.

Pelos meados de setembro, cheguei ao fim de minha excursão de conferências e viajei para Nova Iorque, esperando viajar dali para Londres e, então, rumo ao sul, para Cape Town.

Eu estava hospedado no Hotel New Yorker no qual, esperava, passaria meu derradeiro dia em Nova Iorque. Ali recebi um chamado telefônico de uma senhora, líder do grupo feminino de oração em uma igreja presbiteriana no bairro de Jamaica, em Nova Iorque. Ela me consultava acerca da possibilidade de comparecer eu a uma reunião no dia seguinte e falar ao seu grupo.

"Bem Senhor", pensei, "meus planos para sair daqui amanhã já estavam prontos, mas se é isso que tu queres, retardarei meu vôo por um dia."

Agradeci à senhora o convite e lhe prometi comparecer.

Quando cheguei à igreja no dia seguinte, encontrei um grupo de cerca de trinta senhoras que queria saber tudo a respeito do batismo no Espírito Santo. Poucas vezes já encontrei um grupo assim ansioso por ouvir a Palavra de Deus! Por bem mais de uma hora, ensinei àquelas senhoras com a simplicidade e a clareza com que podia fazê-lo. Então me ofereci para orar por aquelas que desejassem experimentar esse relacionamento mais profundo com Jesus. Para meu espanto, quase todas aquelas senhoras receberam o batismo naquele dia e falaram em outras línguas!

Quando eu estava saindo da igreja, uma senhora me disse:

- Reverendo Thom. Gostaria o senhor de encontrar-se com um cavalheiro, amanhã? Ele quer saber mais acerca do Espírito Santo.

"Mas; Senhor", queixei-me intimamente, já adiei minha viagem uma vez! Com certeza não pretendes que eu espere mais um dia!"

Eu estava ansioso por voltar para casa, e, na realidade, não percebia nenhuma razão maior para continuar adiando minha viagem.

Mas, então, de repente, me lembrei, de pronto, da lição que Deus tinha me ensinado tantas vezes: que a vida de fé envolve, muitas vezes, o fazer coisas que parecem inteiramente irracionais. Depois de prolongada pausa, perguntei à senhora:

- Como ele se chama?

- John Sherril. O senhor o conhece?

- Acho que não. Quem é ele?

_ É o redator-chefe da revista Guideposts. Já falei a ele a seu respeito e ele quer muito conversar com o senhor.

_ Muito bem - respondi. - Transferirei meu vôo para outro dia. Isto parece interessante. _ De manhã ele confirmará o encontro com o senhor. - Continuou ela. - Onde o senhor está hospedado e qual é o número de seu quarto?

_ Estou no Hotel New Yorker - repliquei, dando-lhe o número pedido.

_ Agradecida - falou ela. - O senhor terá notícias do Sr. Sherrilllogo de manhã.

Voltei para o hotel curioso acerca da nova aventura a que Deus me estava conduzindo.

Na manhã seguinte o telefone tocou. Atendi um tanto ansioso.

- Alô! Fala Robert Thom.

- Sr. Thom. Aqui é John Sherril, da revista Guideposts.

_ Sim, Sr. Sherrill, estava esperando seu chamado. Em que lhe posso ser útil?

_ Robert. Tenho andado fazendo cuidadosa pesquisa acerca do Espírito Santo e acerca do batismo do Espírito, em especial. Apenas quero perguntar-lhe: é conveniente para você vir hoje ao meu escritório?

- Sentir-me-ei honrado - respondi. - A que hora devo chegar?

- Que tal ao meio-dia? Estou trabalhando hoje dentro dum programa muito apertado, mas o fato é que eu preciso falar com você.

- Está certo. Aonde devo ir?

- Rua 29, três oeste. E, Robert, em vista de minha posição de redator-chefe, mantenha o assunto em sigilo por enquanto. Não faço idéia de como o pessoal aqui na Guideposts vai reagir diante do meu interesse pelo assunto. Mais tarde explicarei a eles.

- Eu compreendo - respondi. - Aí estarei ao meio-dia.

Exatamente às doze horas entrei no escritório de John Sherrill. Ele me apresentou calorosas boas-vindas, fechou a porta e começou, imediatamente, a inquirir-me acerca do batismo no Espírito Santo. Há quanto tempo havia eu tido a experiência? Com quê se parece? O que fez em meu benefício? E a respeito de falar línguas estranhas? Você pode, à sua vontade, "ligar" e "desligar"? E acerca dos dons do Espírito Santo?

À uma hora da tarde ele continuava firme.Dando uma olhadela no relógio, falou:

- Reverendo Thom. Não quero encerrar já esta conversa; quer sair e almoçar comigo?

- Por certo - respondi. - Gostarei muito.

Saímos e fomos a um restaurante, ali continuando nosso debate.

- Quer saber? - falou ele - Tenho conversado com muitas pessoas interessantes acerca deste assunto. De fato, não faz muito tempo que entrevistei David Du Plessis. Conhece David?

- Oh, sim, e muito bem.

- Ele tem uma linda história, não é verdade? - Sim, Deus o tem usado poderosamente.

Voltou ele, então, às perguntas, de novo. Está subentendido que todos falem em línguas? E acerca da interpretação, como funciona? Havia eu já interpretado? Terminamos o almoço, mas ele continuava grandemente interessado. - Por que você não volta ao escritório comigo? - sugeriu ele. Você dispõe de tempo? '

- Certo - respondi. - E assim voltamos ao escritório e conversamos até às três horas daquela tarde. Antes de sair do escritório, com uma simplicidade infantil, ele me pediu:

- Reverendo Thom. Quer orar por mim antes de retirar-se?

Curvamos a cabeça e senti a presença poderosa do Espírito Santo naquele escritório enquanto orávamos juntos. Eu sabia que Deus ia fazer algo fora do comum na vida deste homem, mas não imaginava que este era o mesmo John Sherrill que viria a receber o batismo no Espírito dois meses e meio depois, e que iria escrever o belo livro They Speak With Other Tongues (Eles Falam em Outras Línguas), que tem sido o meio de tantas pessoas estarem recebendo a plenitude do Espírito Santo.

Quando regressei a Cape Town, gozei de alegre reunião com a família e, por várias horas, conversamos acerca dos pontos salientes de minha viagem. Naquela tarde Jóyce me disse:

- Bob, sua mãe tem estado perguntando por você. Penso que seria bom você ir vê-la amanhã.

- Está bem - respondi. - É provável que ela goste de ouvir tudo a respeito da viagem.

Assim, no dia seguinte, corri para Brooklyn, para onde minha mãe se havia mudado. "Senhor", orei em silêncio, "concede que eu seja uma bênção para ela."

Tão-logo nos encontramos, dei-lhe um grande abraço e comecei a falar-lhe a respeito dos muitos lugares onde eu tinha pregado durante minha viagem através dos Estados Unidos e os milagres que eu tinha visto. Ela ouviu em silêncio por um longo tempo. Por fim, ela disse:

- Bob, Deus tem sido muito bom para com você. Eu gostaria muito de ouvir mais do que você tem para contar.

- Bem, mamãe - falei - não quer ir comigo à Missão amanhã à noite, para ouvir-me pregar? Vou contar tudo acerca de minha viagem.

De fato, lá estava ela no culto na noite seguinte. O Espírito de Deus veio poderosamente sobre mim na hora em que eu falava dos milagres que presenciara; e naquela noite minha mãe concluiu que ainda não estava salva e deu seu passo à frente, na idade de setenta e dois anos, para receber Jesus como seu Salvador pessoal. Fiquei

maravilhado com a operação do Espírito Santo em sua vida.

Dali em diante eu a vi desabrochar em fé e obediência. Ao contrário do tempo em que ela pensava que Jóyce e eu éramos completamente loucos por crermos da forma em que o fazíamos, ela, agora, começava a arriscar-se em pequenos atos de fé "irracionais", sendo que, agora, tudo tinha bastante sentido para ela.

- Afinal de contas - observou ela - os caminhos de Deus são mais altos que os nossos caminhos, e suas idéias fazem muito mais sentido do que as nossas, não fazem?

Capítulo Dezoito

Vivendo e Morrendo Pela Fé

Na década de sessenta eu estava constantemente em movimento, tal como as vindas e idas das marés oceânicas. Freqüentemente eu era "arrebatado" através do mar aos Estados Unidos, onde podia levantar fundos suficientes para financiar nossa operação na África. Depois voltava para comprar os livros e as fitas gravadas, material tão necessário ao nosso trabalho de evangelização.

Alguns de meus amigos achavam minhas viagens um pouco estranhas, visto que eram, quase sempre, aventuras improvisadas com limitado planejamento prévio. Mas eu tinha aprendido a não esperar que as pessoas compreendessem esta vida de fé imprevisível à qual eu me havia lançado..

Muitas vezes Deus me dizia para fazer uma viagem de pregações, chegando mesmo a indicar-me onde parar, mas, muitas vezes, sua ordem vinha em cima da hora não dando tempo de avisar, com antecedência, os meus amigos, de minha chegada! Assim tinha de prender minha respiração e cair sobre eles de surpresa, tendo fé em que Deus me havia dirigido. É interessante observar que, de modo geral Deus tinha assim feito!

Mas, dentro da ordem natural, tudo era incerto. Algumas vezes eu tinha bom transporte; em outras, eu tinha de viajar de carona ou de ônibus. Algumas vezes meu auditório se compunha de milhares de pessoas; em outras, não passava de um punhado de gente.

Mas, em todas estas idas e vindas ao acaso, o que poderia parecer rematada loucura, Deus me levava a pessoas que necessitavam do meu ministério bem como de pessoas que queriam cooperar comigo em meu trabalho na África. . .

Quanto mais conservava Deus e sua obra em primeiro lugar em minha vida, mais me maravilhava de como abria ele as janelas do céu e provia o dinheiro para este ministério desprovido de outras fontes de recursos financeiros. Não tínhamos o amparo de nenhuma denominação ou organização evangélica, nem contribuintes por meio de listas através do correio, nem programas de propaganda; e, contudo, Deus estava atento, de modo que recebíamos cada centavo necessário à nossa expansão africana.

Algumas vezes Deus me proporcionava as maiores ofertas nas reuniões menores. Eu acabava com dinheiro atulhado na minha sacola, nos meus bolsos e até mesmo nos pequenos bolsos da parte da frente do meu blusão!

Quando voltava ao meu quarto após os cultos, eu dizia: "Agradeço-te, Senhor, estes dólares americanos! Faze-me sábio no investimento deste dinheiro em tua obra!"

Quero confessar, no entanto, que, algumas vezes, parecia terrivelmente estranho trazer comigo tanto dinheiro e ainda ter de pedir carona para viajar de uma para outra parte. Mas eu tinha resolvido que dinheiro, ofertado especificamente para nosso ministério na África, jamais deveria ser usado para outros fins. Deus cuidaria de minhas necessidades pessoais de outra maneira.

Várias vezes o diabo me atormentou acerca do risco de viver pela fé. "Louco!" dizia ele. "Quando você morrer não haverá dinheiro suficiente para seu enterro!" E admito que houve ocasiões em que me surpreendi preocupado com essas coisas. Eu não tinha seguro de vida, nem de hospitalização, nem fundo de aposentadoria, nem dinheiro no banco. Algumas vezes cheguei a dizer a mim mesmo: "Está muito certo viver pela fé, mas imagino como será morrer pela fé?"

Com seu modo peculiar, Deus logo me deu a conhecer a resposta a essa pergunta . . . Eu estava impaciente por descer do avião em Cape Town, depois de mais uma frutífera viagem aos Estados Unidos. Mal entrei no carro, comecei a contar a Jóyce o que fora minha viagem, e a falar acerca da excelente excursão, das muitas pessoas que tinham sido salvas e cheias do Espírito e, ainda, acerca das generosas ofertas que recebi para o nosso ministério. Eu falava e falava, e acho que evidenciei tanta alegria que deve ter sido difícil para Jóyce ter de dar-me algumas notícias más.- Bob - disse ela por fim - enquanto fora, você perdeu um bom amigo . . .

- Sim? Quem?

- Bosworth.

- Bosworth? Meu velho companheiro?

- Sim. Recebi uma carta da irmã Bosworth.

Ele estava com seus oitenta e poucos.

- Mas quando aconteceu?

- Faz mais ou menos um mês. Ela tentou entrar em contato com você, mas não conseguiu.

- Custa-me acreditar - suspirei. - Bosworth, morto!

- A irmã Bosworth quer que você, na próxima viagem aos Estados Unidos, vá visitá-la.

- Dentro de poucos meses terei de viajar de novo - respondi. - É impossível esquecer Bosworth! O deão do ministério da cura divina! Partiu para a glória!

- É uma grande perda para nós - comentou Jóyce, lançando um olhar para o céu - mas eu apostaria que ele está muito feliz lá em cima!

- Sim - suspirei - felicidade maior do que qualquer de nós poderá ter sonhado.

Na viagem seguinte aos Estados Unidos, fui a Coral Gables para conversar com a Sra. Bosworth. Por toda a viagem, eu vinha imaginando como se teria ele sentido em suas horas finais. Este homem que havia ganho um milhão de almas para Cristo e tinha ministrado cura a milhares de milhares; de que maneira morre um tal homem?

Se eu pensava encontrar a irmã Bosworth prostrada pela dor e se lamentando, não poderia estar mais enganado.

- Tommy - falou ela - você precisava estar aqui; foi glorioso!

- Conte-me o que aconteceu.

- Bem, como você sabe, fazia mais ou menos um ano que ele estava preso à cama. Não que estivesse doente. Ele estava velho e alquebrado.

-- Eu sei - respondi. - Era raro ficar ele doente.

- É isso mesmo - concordou ela. - E nem no dia em que ele morreu ele estava doente. Mas aconteceu a coisa mais estranha. Entrei no seu quarto e ali estava ele deitado, com ambas as mãos levantadas para o céu. E ele acenou com uma das mãos e disse: "Olá! Alôôôô, irmã Katherine!" Suponho que você o ouviu falar a respeito de Katherine.

- Sim, é a senhora que faleceu há muitos anos.

- Vinte anos. E então ele acenou com a outra mão e disse: "Alô, irmão Jim Wilson! Como vai?" Você não conheceu Jim, conheceu?

-Não.

- Faz quinze anos que morreu. E ele continuou a acenar para pessoas que foram nossos amigos queridos, chamando-os pelos nomes.

- Ele deve ter tido uma visão ligeira do céu falei.

- Deve, sim. E ele estava tão feliz e emocionado que nem mesmo percebeu que eu estava ali de pé. Ele parecia estar inteiramente absorvido por alguma coisa que não podia ser vista com os olhos naturais.

- A senhora contou esses fatos a alguém mais?

- A poucas pessoas. Alguns acharam que podiam ter sido alucinações, mas eu não aceito isso de modo algum. Ora, ele estava tão lúcido e vivaz como sempre.

- Bem, algumas pessoas não entendem essas coisas.

- Sim, como isso é verdadeiro. Não é uma pena? Mas ainda não lhe contei a melhor parte. Por fim, assentou-se na cama e endireitou os ombros como um soldado e, com forte voz, disse: "Combati o bom combate da fé! Acabei a carreira! Guardei a fé!" E então, aspirando um grande hausto de ar, gritou: "Aleluia!" E, no instante imediato, caiu sobre os travesseiros, deixou de respirar e partiu!

Após dizer essas palavras, ela cobriu os olhos com o lenço e chorou de alegria.

Eu saltei de minha cadeira e levantei minhas mãos para o céu. Aleluia - solucei. - Não é maravilhoso? Que maneira de morrer!

Naquela tarde, ao pôr-do-sol, fui de carona até ao oceano e me pus a observar as ondas que davam saltos mortais na praia. À medida que o sol ia baixando, não pude deixar de louvar a Deus pela vida e pelo ministério de F. F. Bosworth.

Cheguei a pensar que podia vê-lo, ao longe, na vaga linha do horizonte, acenando-me com ar vitorioso. Quase podia ouvi-lo dizer: "Deus nunca falhará com você, Robert. Jamais abandone a vida de fé. Viver pela fé é belo, e morrer pela fé é, oh, tão fácil!"

Então me lembrei dele como o vi pela primeira vez no reavivamento de Johannesburg. O ruído do bater das ondas refluiu assim que me vi sentado, de novo, no Auditório do Parque Marana La, ouvindo o velho e bondoso evangelista pregando a Palavra de Deus.

"Senhor", orei, depois de um longo silêncio, "quando a hora chegar de passar eu para o teu Reino, ajuda-me a partir tão vitoriosamente como ele o fez." Enxuguei algumas lágrimas e me lembrei de uma estrofe da poesia de Tennyson, Crossing the Bar (Transpondo a Barreira):

" O pôr-do-sol e a estrela vespertina, e, bem audível, o chamar por mim! É sem lamento o instante da partida, singrando vou por esse mar sem fim . . ."

Capítulo Dezenove

Não Desprezeis Profecias

Por vários anos eu vinha notando a crescente freqüência de um fenômeno novo em meu ministério. Cada vez mais me via dizendo, a indivíduos e grupos, coisas que pareciam absurdas e, todavia, miraculosamente, vinham a tornar-se realidade.

A princípio, isso me deixou alarmado. Acontecia de estar sentado à mesa de um restaurante conversando com um amigo e, de repente, eu "via" alguma coisa relacionada com aquele amigo, algo de que eu não tivera conhecimento antes. A coisa parecia tão clara que era como se estivesse olhando para uma imagem na televisão. Eu "via" que meu amigo estava para encetar certa espécie de negócio ou comprar um pedaço de terra. E eu me sentia impelido a dizer-lhe o que tinha visto.

Depois de ter-me mostrado bastante afoito em "profetizar" deste modo várias vezes, comecei a matutar: "Thom, você precisa ser mais cuidadoso. Isto é um negócio perigoso, você sabe. Como será se acontecer de você estar errado? Alguém pode processá-lo."

Contudo, minha memória voltava ao dia em que fui batizado no Espírito Santo na casa de McQuade e me lembrava tão claramente de como ouvira Jesus dizer: "Eu te dou o dom de profecia." Assim, de vez em quando, eu recebia revelações incomuns acerca de certas pessoas, e sentia que precisava ser obediente e ter fé bastante para dizer-lhes o que Deus queria. que elas soubessem.

Quanto mais eu consentia que Deus operasse através de mim deste modo, tanto mais eu aprendia a respeito de profecia. Antes de mais nada, constatei a absoluta necessidade

da unção de Deus. Havia ocasiões em que eu sentia uma"implosão" do Espírito Santo e me sentia autorizado a falar profeticamente. As palavras fluíam facilmente de minha boca sempre que me submetia à ação do Espírito. Era isso que era falar com unção.

Mas havia ocasiões outras em que as pessoas vinham a mim, pedindo uma palavra do Senhor.

Não compreendiam a importância da unção. Eu tinha de recordar-lhes que "nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens (santos) falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:21).

Lembro-me de uma ocasião em que estava hospedado no mesmo quarto com um homen crente na Suécia; ele vivia me perguntando se eu não tinha uma mensagem de Deus para ele.

_ Não _ falei. - Deus nada me disse a respeito do senhor.

Mas ele continuava me importunando. Chegou a oferecer-me um cheque de dois mil dólares se eu profetizasse a respeito dele, e aquele cheque parecia fortemente tentador, porque eu estava sem dinheiro! Mas eu sabia que não ia ousar falar sem a unção de Deus, por isso continuei me negando a atendê-lo.

Então, uma noite, Deus me mostrou por que aquele homem se mostrava tão insistente. Ele tinha problemas conjugais. Queria que eu lhe dissesse para divorciar-se de sua esposa. Quando percebi sua intenção perversa, resolvi continuar a resistir-lhe.

Certa ocasião ele me acordou alta noite e perguntou:

- Deus já lhe disse algo a meu respeito?

- Não, senhor - repliquei. - Volte para cama.

Na noite seguinte ele me acordou outra vez.

- Não lhe disse Deus alguma coisa acerca de minha esposa?

- Não, senhor - disse eu com firmeza. – Por que o senhor não desiste desse negócio maluco? Eu sei o que o senhor quer - mas o senhor não pode me subornar. Eu só falo quando Deus me diz para falar.

Assim, ele, finalmente, desistiu, para minha tranqüilidade; e louvei a Deus por permitir-me ver a importância da unção.

Outra coisa que aprendi acerca da profecia foi a importância de testá-la. Sempre que eu falava a alguém profeticamente, orientava-o a agir com cautela. Ainda continuo a não acreditar que uma pessoa deva lançar-se afoitamente em alguma forma de ação, só porque alguém tenha profetizado que devia fazê-lo. A Bíblia claramente nos diz: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito: antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora" (1 João 4:1). Esperando pacientemente em Deus em oração e observando calmamente as circunstâncias, podemos discernir quando uma profecia particular é para ser cumprida, se é para ser cumprida realmente.

Na década de sessenta, voltei aos Estados Unidos e fiz uma parada em Lebanon, Ohio, hospedando-me de novo na casa de Blaine Amburgy. Enquanto ali estava, tive

uma experiência que me ensinou outra lição acerca do ministério profético; a importância de consideração cuidadosa e obediência controlada por parte do ouvinte.

Blaine e eu estávamos jantando, certa noite, no Hotel Golden Lamb. Enquanto conversávamos, Blaine falou-me acerca de uma área de terra que ele estava interessado em comprar. A propriedade parecia-lhe um bom investimento, mas ele não estava muito certo disso.

Enquanto ele falava, eu "vi" no Espírito que Deus queria derramar uma grande bênção financeira sobre Blaine, e percebi, também, como esta bênção havia de vir: ele devia comprar essa propriedade por preço baixo. Posteriormente, a propriedade valorizaria muito e poderia ser vendida com grande lucro.

Como sempre, tremi por dentro ao pensar em transmitir esta mensagem a Blaine. Estava certo de que era uma revelação de Deus, mas uma pergunta atravessava minha mente: "E se você estiver errado? E se você estiver errado?"

Mas, por fim, concluí que devia arriscar-me com fé e obedecer.

_ Blaine - falei, respirando fundo - o Senhor quer que você compre aquele terreno. Ele quer abençoá-lo ricamente, por isso você comprará aquela propriedade, e seja paciente que você verá o valor daquele terreno subir vertiginosamente

_ Mas, como é que você sabe disso?

_ Não posso dizer a você como eu sei respondi. - Tão-somente o "vejo" em meu espírito e me sinto convencido de que é verdade. Você perderá uma grande bênção se não efetuar esta compra.

_ Bem - disse ele afinal - o que você acha que devo fazer?

- Deus me disse que você deve oferecer ao proprietário uma opção no valor de"mil dólares _ respondi.

- E, então, o que mais?

- Isso foi tudo o que Deus me disse - falei. Ore a respeito do assunto e, se lhe parecer acertado, faça o negócio.

Foi isso que Blaine fez. Ele sabia que não devia arriscar-se a fazer alguma coisa precipitada ou leviana só porque tinha ouvido uma profecia. Ele já havia ouvido mais do que o suficiente das assim chamadas "profecias" e tinha visto os tristes resultados quando pessoas crédulas tinham agido levianamente, terminando em tremenda confusão. Todavia, ele também sabia que não podia negar o valor de um ministério profético genuíno, visto que a Bíblia diz claramente em 1 Tessalonicenses 5:20 que não devemos desprezar profecias. Assim, o que cabia fazer era orar. Além do mais, ele vinha pensando em, de qualquer modo, comprar aquela terra; assim, podia ser que as palavras proféticas fossem a confirmação de Deus de que esta era a sua vontade.

Ele orou fervorosamente pedindo sabedoria. Na realidade, durante algumas semanas continuou ele pedindo a direção de Deus. Examinou as Escrituras e jejuou, buscando uma decisão.

Algumas semanas depois fui ver Blaine de novo.

- Vamos descer e dar uma espiada naquela propriedade - sugeri. - Gostaria de vê-la.

Rodamos um pouco e lá estava ela com seus trinta e dois hectares. Eu podia ver, aqui e ali, sinais de construção acompanhando os lados da propriedade.

_ O que está sendo construído por ali? perguntei a Blaine.

_ Duas novas rodovias vão passar por aqui explicou ele. - A Interestadual 71 e a Rodovia Estadual 48. Elas passarão junto a esta área.

Sorri para mim mesmo. Pode ser essa a razão por que Deus disse que a propriedade tornar-se-ia valorizada!

Enquanto olhava em volta, vi", de novo, alguma coisa no Espírito. Adjacente à propriedade uma fábrica ia ser construída, e Deus me disse que devia ser um projeto de muitos milhões de dólares.

"Uma fábrica no valor de muitos milhões de dólares!" exclamei dentro de mim mesmo.

Sim, falou o Senhor, esta é uma razão por que esta propriedade proporcionará grande prosperidade a quem a comprar.

Então eu disse a Blaine: - É melhor você preparar o dinheiro para a opção. Uma fábrica no valor de muitos milhões de dólares vai ser construída aqui e esta propriedade vai valorizar-se muito.

_ Como é que você sabe disso?

_ Deus me disse - repliquei com um sorriso.

Ele apenas olhou para mim com ar interrogativo, como a dizer: "Eu gostaria de estar tão certo disso como você está."

Quando voltamos para a casa de Blaine, ele, sua esposa e eu continuamos a orar juntos pedindo direção. Finalmente Blaine falou:

_ Bem, acho que vou oferecer ao proprietário mil dólares como você disse, e vamos ver o que acontece.

No dia seguinte, de acordo com o planejado, foi discutir a compra da propriedade com o fazendeiro, dono dela.

- Eu gostaria de depositar mil dólares como opção para a compra desta propriedade - disse Blaine a ele - desde que, claro, o preço seja bom. Quanto está pedindo por ela?

- Noventa mil- replicou o homem. - E é uma pechincha!

- Concordo! - exclamou Blaine.

Três dias depois Blaine apresentou uma opção que estituía que ele compraria aquela terra se pudesse conseguir o financiamento necessário, e se todos os demais detalhes fossem adequadamente atendidos.

A transação definitiva foi efetuada a 15 de abril de 1965. Eu não fazia idéia do que iria acontecer dali em diante, além daquela informação vaga que eu tinha "visto" no Espírito. Mas, à medida que o tempo foi correndo e eu parava para ver Blaine, de ano

para ano, comecei a maravilhar-me ao verificar que a profecia começava a criar carne e osso.

Em primeiro lugar, a construção da nova rodovia Interestadual 71 e da Rodovia Estadual 48 devia estar concluída em poucos meses, criando importante tráfego. Isso, automaticamente, tornava a propriedade mais valiosa.

Então Blaine negociou um arrendamento para a Texaco Oil Company, para instalação de um posto de serviço, a ser construí do numa área de aproximadamente 3000 metros quadrados. Era excelente local para esse negócio. Blaine construiu o posto e, então, o arrendou à Texaco por quinze anos, o que lhe proporcionou um belo rendimento.

Dois ou três anos depois, a Cincinati Milling Machine Company anunciou sua intenção de construir uma fábrica de muitos milhões de dólares, situando-se em três lados da propriedade de Blaine. Quando a fábrica estava sendo construída, entretanto, os construtores verificaram que, no terreno, não havia suprimento de água satisfatório. Quando constataram que havia água na propriedade de Blaine, fizeram um acordo com ele pela cessão de vinte mil metros quadrados de suas terras e lhe pagaram três vezes e meia, por metro quadrado, o que ele pagara ao comprar, num total de 17.500 dólares.

Vários anos depois, os proprietários do Coney Island Park anunciaram planos de construir um novo parque de diversões, chamado King's Island Park, no cruzamento ao sul da propriedade de Blaine, na direção de Cincinati. Isto foi feito e, outra vez, elevou o valor da propriedade de Blaine!

Além disso, o Soil Bank pagou 6.000 dólares a Blaine por não ter feito nenhuma plantação desde que comprara a propriedade.

E só recentemente Blaine pediu a um avaliador independente que fizesse uma avaliação da área. Ficou, então, sabendo que a propriedade vale cinco vezes mais do que o que ele pagou por ela! (A propriedade ainda não foi vendida, por isso, quem sabe quanto maior será o valor antes que chegue o "momento áureo" da venda?)

Quando ouvi isso, disse dentro de mim mesmo: "Senhor, tu fizeste isso. De minha parte, apenas dei a Blaine a mensagem que me confiaste para transmitir a ele, e estou certo de que, qualquer pessoa, mesmo com uma fé pequena, podia ter feito aquilo. Mas agradeço-te, Senhor a boa vontade de Blaine em aceitar tua vontade neste assunto, e de obedecer à direção do teu Espírito. Disseste que a propriedade aumentaria de valor; e agradeço-te, Senhor - tu cumpriste tua Palavra!"

Capítulo Vinte

Viagem Fantástica

Era bom estar em Londres outra vez. Eu havia terminado outra viagem de pregações e estava ansioso por chegar a casa. Tinha combinado conversar rapidamente com um amigo e pegar um avião para Cape Town no dia seguinte. Como estava sem dinheiro, resolvi, mais uma vez, mencionar este fato ao Senhor.

Fechando-me em meu quarto, falei ao Senhor da difícil situação que estava enfrentando e de como eu estava dependendo dele para abrir-me um caminho. Todas as ofertas recebidas pelo meu trabalho nas pregações já haviam sido depositadas no banco e, assim, enviadas para a África do Sul, e as ofertas feitas para meu uso pessoal já se haviam esgotado.

Enquanto estava orando, senti uma forte impressão de que devia modificar meus planos. Em vez de tomar um avião pela manhã, eu devia viajar para casa, na tarde seguinte, em um Navio Union Castle.

"Senhor", objetei, "isso vai demorar mais duas semanas! "

Mas os meus caminhos não são os seus caminhos, replicou ele. Tenho um serviço para você naquele navio, como você logo verá.

"Está bem, Senhor", respondi. "Tu conheces melhor." E me larguei na cama para relaxar um pouco.

Por longo tempo ali fiquei imaginando que tarefa tinha Deus para mim naquele navio. Era muito natural que meus pensamentos se voltassem para Smith Wigglesworth, o grande pregador-bombeiro- que Deus usou certa vez para, entre outras coisas, provocar um reavivamento.num navio de passageiros. Lembrei-me claramente do incidente, pois me fora relatado pouco depois de minha conversão, por Jimmy Salter, genro de Smith Wigglesworth.

Smith estava em um grande navio viajando de Southampton para Cape Town. E, o que não deixa de ser interessante, segundo me disse Jimmy, era um navio de propriedade da Union Castle Steamship Company e por ela operado. Quando algumas pessoas souberam que tinham o famoso evangelista a bordo, convidaram-no a participar em um concerto no navio. Bem, uma das coisas mais indecentes do mundo naqueles dias era um concerto num navio. Além do limite de cinco quilômetros, tudo era permitido.

Smith suspeitou que eles estavam tramando alguma gozação, pois todo o mundo sabia que ele não podia cantar uma nota e nem mesmo era capaz de pronunciar seus agás. Mas, como já havia sido ridicularizado antes, resolveu aproveitar a oportunidade para dar um pequeno testemunho.

- Está certo - disse ele - tomarei parte com duas condições: primeira, apresentarei o primeiro número do programa, e, segunda, vocês me permitirão cantar.

- Eu me pergunto: o que irá ele cantar? disse uma senhora.

- Que tal 'oly! 'oly! 'oly? - sugeriu um camarada fazendo piada. (Trata-se da palavra "holy", "santo", sem o "h" inicial que o pregador não conseguia pronunciar, já que o "h" é aspirado.)

- Isso mesmo! Em todos os tons - acrescentou outro, provocando a maior hilaridade.

Mas, enfim, a noite do concerto chegou e o grande Smith Wigglesworth cantou" conta-me a história de Cristo" para um auditório de 1.500 pessoas. A unção do Espírito Santo veio sobre ele e ele cantou como jamais cantara antes. Quando terminou o hino, o silêncio daquela multidão era total, e ele começou a pregar. O poder do Espírito caiu

sobre o povo e Smith Wigglesworth conseguiu um reavivamento a bordo daquele navio que durou pelo resto da viagem.

Deitado ali, pensando acerca desse incidente, orei: "Senhor, podes usar-me dessa maneira?"

E Deus disse: "Amanhã de tarde viajarás naquele navio e eu darei a você um reavivamento como o que dei a Smith Wigglesworth."

Olhei para o relógio. Era uma hora da tarde. Desci rapidamente as escadas, falei ao meu amigo acerca da mudança de planos e me dirigi ao escritório da Union Castle Steamship Company para tentar conseguir uma passagem.

Caminhei para aquele escritório sem dinheiro algum no bolso. Tive de esperar na fila para falar ao Sr. Osborne, o agente de viagem.

- Sr. Osborne - falei quando chegou minha vez - desejo embarcar no navio que zarpa amanhã de tarde de Southampton para Cape Town, The Sterling Castle.

- Senhor - respondeu ele - tenho 300 pessoas na lista de espera para aquele navio. Receio que não haja esperança.

- Mas, apenas acrescente meu nome à lista, sim? - insisti. - Deus me disse que eu devo viajar naquele paquete.

- Mas eu já lhe disse, não tenha vã esperança. - Sr. Osborne - disse eu com um sorriso estarei naquele navio!

- Nunca! - retrucou ele. - Não há jeito!

Apesar disso, relutantemente, ele acrescentou meu nome à lista e resmungou algo não muito lisonjeiro.

Justamente nesse instante ouvi uma voz apregoando: "Chamando o Reverendo Robert Thom. Chamando o Reverendo Robert Thom."

Voltei-me e vi um rapazinho que tinha menos de metro e meio de altura, vestido com o uniforme da British Overseas Cable.Puxando-o pelo cotovelo, falei:

- Eu sou o Reverendo Robert Thom.

- Um telegrama para o senhor - disse ele,entregando-me um envelope.

- Obrigado - respondi um tanto encabulado, pois eu não tinha dinheiro bastante para lhe dar uma gorjeta.

Quando abri o envelope, dentro dele, para meu espanto, estava um cabograma com uma ordem de pagamento no valor de 200 dólares. Fora enviado por alguns amigos de Spencerville, Ohio.

Voltei-me rapidamente para o agente de viagem e perguntei:

- Sr. Osborne, qual é o preço da passagem para África do Sul?

Sem piscar um olho ele respondeu:

- Na classe turista custam 200 dólares.

- Bem, não é espantoso? - exclamei, empurrando o cabograma por cima do balcão. - Acabo de receber este cabograma garantindo o pagamento dessa quantia!

Ele o pegou e o examinou olhando por cima dos

- Hum, sim - duzentos dólares – resmungou ele.

- Não é maravilhoso? - falei, exultante. _ Aquele pessoal não fazia idéia do quanto eu preciso deste dinheiro.

- Mas o dinheiro não é seu - replicou ele, ainda examinando o cabograma.

- Não se faça de tolo - repliquei. - Certamente que é.

- Desculpe-me, senhor; se olhar mais atentamente, verá que esta ordem é pagável à Union Castle Steamship Company.

De fato, quando examinei novamente, verifiquei que tinha havido um engano no endereçamento. A autorização era para pagar 200 dólares ao destinatário: Union Castle Steamship Company, ao cuidado do Reverendo Robert Thom, Bond Street, Londres, W.C.1, Inglaterra.

- Como o senhor está vendo - observou o agente - legalmente este dinheiro pertence à Union Castle Steamship Company.

- Sim, estou vendo isso - falei - mas o que é que o senhor está tentando dizer-me?

- Ora, simplesmente que este dinheiro tem de ser lançado em nossos livros e ser depositado em nosso banco. Não posso pagar-lhe esse dinheiro enquanto não for autorizado a fazê-lo.

- E, nesse tempo, que faço eu?

- Isso não sei, senhor, mas este dinheiro terá de seguir pelos canais competentes, o que vai levar um dia ou dois.

Eu estava aturdido. O que ia fazer agora? Detive-me ali em silêncio por uns instantes. Por fim falei:

- Bem, Sr. Osborne, vá em frente e encaminhe o cabograma. Enquanto isso eu vou a Southamptono E, amanhã à tarde, estarei a bordo desse navio.

- Óh, não! O senhor não estará! - bufou ele em resposta.

- Óh, sim! Estarei! - respondi sorrindo. Deus me disse que estarei naquele navio.

- O senhor está perdendo seu tempo, Sr. Thom - replicou ele enfadado. - E o meu também. Passe bem, senhor!

Naquela tarde, voltei à casa do meu amigo, com a certeza de que Deus ia desfazer aquela embrulhada e pôr em ação o seu propósito. Já à noite meu amigo me disse o quanto apreciava meu ministério e me deu alguns dólares num envelope. Ao ver a quanto somavam, constatei que era justamente o suficiente para pagar minha passagem de trem a Southampton.

Assim, no dia seguinte, viajava rumo ao sul com destino a Southampton, cerca de 250 quilômetros de distância. O navio devia zarpar às 4 horas naquela tarde. À duas horas dirigi-me aos postos da alfândega e pus minhas malas sob a inicial "T". Pelo certo, eu sabia que a viagem era impossível. Não havia nenhum indício de que eu conseguiria embarcar naquele navio. Mas, "a fé é . . . a convicção de fatos que se não vêem", por isso foi em frente e me movimentei como um passageiro. Dirigindo-me a uma mesa

comecei a preparar todos os documentos necessários para a fiscalização das autoridades da Imigração. Estava ali escrevendo quando um guarda de segurança se dirigiu a mim.
- Seu nome, senhor?
- Reverendo Robert Thom - respondi.
- Robert Thom? Meu velho, estiveram apregoando seu nome por toda a última hora!
- Estiveram?
- Sim. Pegue toda a sua bagagem e suba para bordo, dirigindo-se à sala de descanso dos turistas. Era de lá que o estavam chamando.
- Obrigado, senhor! - respondi, juntando todos os meus papéis e malas e me encaminhando para a prancha de embarque tão depressa quanto podia. Quando saí do cais rumo ao navio, havia mais de 300 pessoas esperando para entrar abordo, embora faltasse ainda uma hora para que fosse permitida a entrada de alguém no convés.
- Com licença - fui falando, enquanto, com os cotovelos, abria caminho através da multidão. _ Com licença, por favor . . . Sinto muito, senhora
. . . Com licença, senhor . . .
Tenho certeza de que deviam estar admirados acerca de quem era eu e com que direito embarcava naquele navio antes de algum outro! Quando entrei na sala de descanso dos turistas, lá estava o Comissário de bordo assentado a uma mesa, enchendo alguns formulários.
- Reverendo Robert Thom, senhor - falei. - Reverendo - disse ele - nós o estivemos chamando. Onde o senhor estava?
- Bem - confiadamente, falei - levei um bocado de tempo para chegar aqui - mas aqui estou; de que se trata?
- Senhor, tivemos um cancelamento, e, por alguma razão desconhecida, embora o senhor estivesse no fim da lista de espera e eu nada soubesse a seu respeito, senti que devia dar-lhe obeliche.
- Muito bem; quanto custa? - perguntei. - Duzentos dólares.
- Senhor - falei - já depositei esse dinheiro em seu escritório em Londres. Quer ter a bondade de telefonar ao seu agente, o Sr. Osborne?
_ Vou telefonar - disse ele - mas por que o senhor pagou adiantadamente quando ainda não tinha a reserva do beliche?
_ O Sr. Osborne explicará isso - respondi. Então, enquanto ele completava o chamado para Londres, eu disse baixinho: "Senhor, isto é maravilhoso! Mas há algo mais: não tenho dinheiro para pequenas despesas. Ficarei no mar durante duas semanas e, no trajeto, terei de atravessar o equador; no entanto, não tenho dinheiro nem para uma garrafa de refrigerante. Se não é amolação, Senhor, podes conceder-me mais um milagre?
Nesse momento o Comissário pendurou o fone. _ Tudo em ordem - disse ele. - Dê-me apenas mais um instante para preparar seu recibo e, então, o senhor pode seguir seu caminho. Tendo ele começado a escrever, parou de repente e me perguntou:

_ O senhor é um Reverendo autêntico?
- Sim, senhor - respondi.
_ Ótimo - continuou ele - o senhor tem direito a um desconto de dez por cento. Vou devolver-lhe vinte dólares agora mesmo. Está tudo em ordem?

_ Louvado seja o Senhor! - falei bem alto. Ele sorriu e acabou de fazer o recibo. Duas horas depois o grande transatlântico fazia-se ao mar e lá ia eu a caminho de casa. Depois de um dia ou dois sulcando o Atlântico, comecei a pensar na promessa de Deus de conceder-me um reavivamento no mar como o de Smith Wigglesworth. Orei fervorosamente pedindo orientação; e no 'nosso primeiro domingo no mar fui pressionado a pedir permissão para realizar um culto naquela noite. O Capitão era muito bondoso e me deu permissão para usar o salão onde os passageiros muitas vezes jogavam e bebiam. Ele mesmo providenciou para que o culto fosse anunciado pelos alto-falantes de bordo.

Quando chegou a hora do culto, o salão estava tão cheio que não tínhamos condições para acomodar todos os presentes. Obtivemos permissão para abrir as janelas do salão e instalar alto-falantes de modo que os que ficassem no convés pudessem ouvir. Havia 1.500 pessoas a bordo e fui informado de que pelo menos 1.200 participaram da reunião.

Um dos oficiais do navio dirigiu o culto. Depois de algum cântico e de se haver levantado uma coleta, fui apresentado. Preguei acerca da salvação por meio do sangue de Jesus. Senti uma grande unção naquela noite e quando fiz o apelo a homens e mulheres para que recebessem a Cristo, muitas pessoas vieram à frente e fizeram a oração do pecador.

Depois do culto, o oficial me entregou o dinheiro arrecadado na coleta.

- Obrigado, senhor - falei - mas eu não preciso disso. - Precisava tomar cuidado para não dar a impressão de que o dinheiro era o motivo para a pregação.

- Mas este é o privilégio do orador, senhor - replicou ele. - Sempre damos a oferta arrecadada ao orador.

- Aprecio isso - respondi - mas o que eu vi esta noite, homens e mulheres recebendo a Cristo em pleno Oceano Atlântico, é a minha melhor recompensa pelo esforço feito.
- Isso é muito bonito - insistiu ele - mas, diante da ordem do Comissário do navio, devo insistir em que o senhor receba o dinheiro.

- Está certo, dê-me isso aqui - falei. –Vou falar com o Comissário a respeito disso.

Um minuto após, caminhei até à mesa do Comissário e depus o dinheiro diante dele.
- O que é isso? - inquiriu ele.
- Isso é a oferta do culto desta noite.
- Então ela é sua - replicou ele. - Todas as ofertas são encaminhadas ao orador.

- Sr. Comissário - respondi - aprecio muito isso, mas, veja, eu sou ex-marinheiro e . . .

- Não me diga! - ele interrompeu. - O senhor foi marinheiro?

- Sim, senhor - disse eu sorrindo - e, também, muito bêbado. Agora o senhor poderia encaminhar esta oferta de oitenta e seis libras inglesas ao Fundo de Órfãos e Viúvas de Marinheiros?

- O senhor não pretende fazer isso - falou ele, incrédulo.

- Pretendo sim, senhor.

- Fale-me a seu respeito.

Comecei, então, a testificar ante aquele Comissário. Contei-lhe tudo a respeito dos anos de bebedeira na Marinha, e de como Jesus tinha transformado a minha vida. Falei-lhe dos muitos milagres que eu tinha visto ao redor do mundo. Ele sorveu cada palavra, piscando forte algumas vezes, no esforço de reter uma lágrima.

- Reverendo - falou ele depois que terminei.

- Quero fazer alguma coisa pelo senhor. Conhece aquele salão onde o senhor falou esta noite? Eu lho cedo pelo resto da viagem; pode realizar cultos ali todas as noites se o senhor quiser.

Foi exatamente o que fiz. Ao chegarmos a Cape Town eu me sentia como Smith Wigglesworth II!

Capítulo Vinte e Um

Henley Manor, 205

O ministério na África continuava a expandir-se. Deus me mostrara que os nativos da terra podiam ser preparados para se tornarem missionários, com menos despesas do que trazer missionários norte-americanos. Enquanto um missionário norte-americano requereria várias centenas de dólares por mês para manter-se, um nativo, que já conhecia a língua e os costumes locais, podia alcançar seu povo por apenas 3 dólares por mês. Assim, começamos a acrescentar mais e mais evangelistas nativos ao nosso quadro de obreiros e a enviá-los para dirigirem cruzadas em muitas partes da África.

Confesso que achava difícil repousar na cama à noite, quando pensava nos 344.000.000 de habitantes da África, cuja maior parte estava sem Cristo. Agentes comunistas e missionários maometanos, aos milhares, estavam em franca atividade por todo o continente, espalhando sua literatura e proclamando sua mensagem. Que direito tinha eu de descansar tranqüilamente, enquanto eles estavam agindo tão afanosamente, noite e dia?

Meu filho Drummond, que tinha ido para os Estados Unidos e decidira consagrar sua vida ao ministério, criou uma organização em Louisville, Kentucky, para o fim específico de sustentar evangelistas nativos, bem como supri-los com Bíblias, bicicletas e aparelhos amplificadores de som. Este era um grande auxílio para nós, e, apesar disso, havia ainda muito mais a ser feito.

Sentia-me fortemente preocupado com o crescimento espiritual de nossos jovens convertidos. Deus pôs em meu coração a importância de colocar literatura edificante em suas mãos; então, escrevi livros e panfletos e os imprimi aos milhares em nossa própria tipografia. Em quatro meses imprimimos mais de 80.000 livros na língua africâner e elaborei planos para publicar literatura em uma centena de línguas e dialetos africanos.

No meio de toda esta atividade, no entanto, Deus nunca deixou que me esquecesse de que também tinha jovens cristãos dependendo de minha atenção em meu próprio lar. Embora Jóyce fosse uma cooperadora maravilhosa na educação das crianças nos princípios cristãos (e eu nada teria conseguido sem ela), eu também tinha minha obrigação de compartilhar. Deus esperava que eu fosse o líder espiritual de meu lar. Assim, eu sentia, constantemente, o desafio a respeito de dar eu o bastante do meu tempo e de minha atenção a Jóyce e às poucas crianças que ainda estavam em casa, isso sem deixar de, ao mesmo tempo, continuar fazendo a obra de Deus.

Acho que foi a percepção da responsabilidade que me dispôs a aceitar a sugestão do Senhor, em 1968, para levar minha família numa viagem evangelística através da Europa. Já havíamos feito algumas viagens antes, e eu tinha certeza de que isso novamente nos faria bem. Entretanto, eu não tinha a menor idéia de onde viria o dinheiro necessário a tão dispendioso empreendimento.

Mas, devia haver uma saída. Jóyce mostrava-se cada vez mais impaciente e vivia falando em mudar de casa.

- Bob - disse ela - penso que Deus quer que nos mudemos daqui. Agora que a maior parte das crianças está crescida, não precisamos de uma casa tão grande.

- Mas, para onde nos mudaríamos?

- Eu gostaria de morar em Henley Manor.

- Henley Manor? O edifício de apartamentos de luxo junto ao mar?

- Sim. Você não gostaria?

- Acho que sim, mas como conseguiremos recursos para pagar o aluguel?

Ela olhou para mim com um ar divertido. Será o homem de fé da África que está falando?

- caçoou ela. - Ou será que Deus morreu ontem e ninguém me contou?

- Mas você precisa usar de bom senso contradisse eu fracamente.

- Eu estou usando de bom senso - insistiu ela. - Acho que Henley Manor seria um escritório central muito melhor para nosso ministério do que este lugar. E, além do mais, não disse Jesus ". . .e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis"?

- Sim, foi isso que ele disse - concordei.

- Bem, então, eu digo que logo estaremos morando em Henley Manor.

- Você deve estar maluca! - repliquei.

Nunca moraremos ali.

- Mas eu digo que moraremos - insistiu ela.

- Deus me disse.

Antes de dormir, naquela noite, ponderei mais profundamente acerca do assunto. Eu tinha de levar Jóyce e os meninos naquela viagem à Europa. Nada mais seria capaz de curar aquela impaciência, bem como as idéias malucas de mudança. "Senhor", orei, "tu e eu sabemos que esta viagem é financeiramente impossível, mas tu disseste'. . .e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis', e. . ." De repente me lembrei que era exatamente essa a mesma promessa que Jóyce tinha citado na conversa comigo aquela tarde! Sorri no escuro e dormi.

No dia seguinte, falei aos garotos acerca da viagem à Europa. Todos "explodiram" a um só tempo, e já queriam saber quando íamos, a que distância iríamos, se acamparíamos numa barraca e quando podíamos começar a arrumar as coisas.

- Esperem! - falei. - Como vocês sabem, esta viagem vai custar muito dinheiro - e nós só poderemos realizá-la se Deus suprir o necessário. Assim, antes de começar a arrumação, sugiro que oremos ao Senhor!

E assim fizemos. Oramos fervorosamente a respeito do assunto durante duas semanas. Por fim, Deus nos mostrou que a viagem devia ser uma aventura de fé. Em vez de esperarmos até que tivéssemos bastante dinheiro, usaríamos o dinheiro que tínhamos e iríamos tão longe quanto ele nos permitisse. Tínhamos, então, de depender de Deus para suprir o necessário para a parte seguinte da jornada - e a seguinte - até que chegasse a hora de voltarmos para casa. Senti que esta seria excelente maneira de ensinar aos meninos um pouco mais acerca das alegrias de viver pela fé.

Fizemos os arranjos para ir primeiro a Londres, daí passaríamos à França. Planejamos visitar muitos países, terminando nossa viagem em Genebra, Suíça, daí voltando a Cape Town.

- É inverno no norte - adverti Jóyce – por isso é possível que tenhamos de ficar em Londres por algum tempo.

- Mas, onde? - perguntou Jóyce. - Precisamos alugar uma casa, não acha?

- Acho que sim - respondi. - Tive uma idéia. Eu ajudo você a arrumar todas as coisas necessárias caso tenhamos de alugar casa. Em seguida vôo para Londres, antes de você, e procuro uma casa mobiliada. Você e os meninos irão de navio.

A idéia pareceu boa a Jóyce e, assim, gastamos os dois ou três dias seguintes acondicionando as coisas necessárias à viagem.

- Trate de levar boa quantidade de cobertores - falei a Jóyce. - Não queremos ninguém apanhando resfriado.

Enchemos dezessete caixas de papelão com roupa de cama, pratos, talheres, etc., e fizemos planos para que seguissem no mesmo navio em que Jóyce e os meninos viajariam. Daí a poucos dias tomei um avião para Londres, enquanto a família embarcava num navio que chegaria a Londres duas semanas depois.

Eu tinha entrado em contato com alguns amigos crentes em Londres e comunicado a eles nossos planos. Eles haviam prometido esperar-me no aeroporto. E, de fato, quando

desci do avião no ar frio e invernoso do Aeroporto Heathrow, lá estava um bom irmão com uma camioneta.

- Irmão Thom - disse ele - espero que goste desta camioneta. Nossa igreja a está doando a você e à sua família para a usarem em sua viagem através da Europa -.

Sua respiração lançava pequenos jatos de vapor enquanto ele falava.

Agradeci-lhe efusivamente e, então, fui levado à sua casa para ficar ali alguns dias, até que os arranjos definitivos fossem feitos.

Nas duas semanas seguintes orei por direção e andei à procura de casas. Mas, por mais que procurasse, não consegui localizar uma casa adequada. "Bem", pensei,

"o inverno não está assim tão rigoroso. Talvez seja melhor esquecer a casa e começar a viagem." Assim, guiei a camioneta rumo a Southampton com tempo de esperar Jóyce e os garotos. Quando os meninos me viram, antes que eu os visse, vinham descendo a prancha e, juntos, deram um grito e desandaram a falar freneticamente.

Não demorou muito e os levei ao lugar onde a camioneta estava estacionada.

- Olhe aqui - falei a Jóyce. - Já conseguimos transporte!

- Onde a conseguiu? - perguntou Jóyce.

- Esse é o milagre número um! - respondi, tocando-a gentilmente com o cotovelo, enquanto ela tremia. - É uma dádiva a nós enquanto estivermos na Europa.

- Louvado seja o Senhor! - exclamou ela. Não é espantoso como Deus continua cuidando de nós?

- Claro que é! - sorri.

- Nada há impossível, há?

- Absolutamente nada! - gritei.

- Então nem mesmo Henley Manor é impossível, é? Fiz como se não a tivesse ouvido e tratei de abrir as portas da camioneta.

Pulamos todos para a camioneta e saímos à procura do agente do navio para providenciar a armazenagem de nossas dezessete caixas de roupas e utensílios, até à hora em que viéssemos a precisar. Expliquei a Jóyce que eu tinha encontrado dificuldades para alugar casa.

- Talvez o Senhor não queira que aluguemos casa - replicou Jóyce. - Não será melhor viajarmos logo?

- Era isso que eu estava pensando - respondi.

Nossos amigos de Londres, porém, quando souberam de nossos planos, acharam que devíamos esperar até que a primavera chegasse. Mas nós oramos fervorosamente e, por fim, ajudados pelas ofertas de alguns cultos que realizamos, conseguimos o dinheiro para pagar nossa passagem e o transporte marítimo da camioneta até à França. Deixamos nossas dezessete caixas armazenadas e seguimos viagem.

Uma vez na França, prosseguimos viagem e, por vários meses, aquela camioneta se transformou em nossa casa ambulante. Quando nos defrontávamos com um frio mais forte, não faltavam amigos de coração quente nos oferecendo acomodação confortável

para passarmos a noite. Dirigi cultos em muitas igrejas, salas e casas, e muitas pessoas espiritualmente famintas foram salvas, curadas e batizadas no Espírito. Tanto Jóyce como os meninos se sentiram plenamente felizes por participarem dos cultos e ajudarem de todos os modos que podiam.

O velocímetro ia marcando o número de quilômetros, cada vez maior, à medida que, com segurança, avançávamos através do maravilhoso inverno da Bélgica, da Holanda, da Alemanha sem parar, por quilômetros aparentemente intermináveis. Sempre recebíamos ajuda financeira suficiente para alcançarmos o ponto seguinte.

Para o fim do inverno tínhamos completado o círculo e estávamos rumando, de volta já, para o oeste, através dos majestosos Alpes Suíços. Com a chegada a Genebra nossa viagem estaria terminada. Eu ia levar a camioneta à Inglaterra e a família voaria de volta à África do Sul. Quando nos registramos no Hotel Pascal em Genebra, falei a Jóyce:

- Vamos ficar aqui para o fim de semana. A viagem foi cansativa e será boa oportunidade para você e os pequenos saírem e se divertirem na neve -. Assim fizemos.

Na segunda-feira de manhã, todos descansados e refeitos, preparávamo-nos para deixar o hotel e seguir para o aeroporto.

Pouco depois, enquanto esperávamos a hora de partida do avião, Jóyce me disse:

- Não se esqueça de retirar nossas caixas da armazenagem e embarcá-las para Cape Town. Os talheres e pratos vão me fazer falta.

- E o que fará você até que eles cheguem? perguntei.

- Pedir emprestado, acho. Quanto tempo vai demorar?

- Duas ou três semanas depois que forem embarcados. Já deviam ter sido despachados há duas semanas. Ainda por cima é preciso pagar a conta da armazenagem antes de ter o material a bordo.

- Oh, querido, esqueci-me disso. Será muito caro?

Dezessete caixas a trinta e cinco centavos por dia cada uma, deve chegar a várias centenas de dólares, penso. Junte a isso o frete para a África.

- E onde vai você conseguir todo esse dinheiro?

- Não faço a menor idéia - admiti – mas Deus sempre chega na hora certa, não chega?

- Está bem - disse ela, dando-me um beijo de despedida. - Daqui a poucas semanas o verei em Henley Manor.

- Henley Manor! - respondi com uma gargalhada. - Pensei que você se esquecera disso! Não temos recursos para morar lá; nós somos gente pobre, lembra-se?

- Mas nós temos um Deus rico! - replicou ela com um piscar de olhos. - Venham meninos, está na hora de embarcar!

Beijei-os todos às pressas e em poucos minutos lá estavam, no ar, sobre Genebra, rumando para Cape Town.

Quando, alguns dias depois, cheguei a Londres, fui imediatamente à companhia de navegação para cuidar da remessa das minhas dezessete caixas. Eu não fazia a menor

idéia de como ia pagar a conta, mas Deus sabia quão importante era para mim e senti que ele mostraria uma saída.

Quando me dirigi ao escritório do agente de viagem e perguntei acerca dos volumes armazenados, o jovem funcionário atrás da mesa começou a encher um formulário.

- Seu nome, senhor?

Assim que mencionei meu nome, ele parou de escrever e seu rosto empalideceu.

- Alguma coisa errada?

- Senhor - respondeu ele hesitantemente

lamento ter de dizer-lhe, mas cometemos um terrível engano. Há duas semanas despachamos suas caixas para Cape Town. Elas chegam lá amanhã.

- Mas, por que fizeram isso sem minha ordem?

- perguntei.

- Não sei - o pobre rapaz só faltava chorar. Foi um engano. Sinto muito, mas não sei explicar.

- Bem, e quem vai ser responsável financeiramente por tudo isso? - perguntei. - Quem vai pagar a armazenagem e o frete?

- Creia-me, senhor - replicou ele - nossa companhia responderá por tudo. Eu só não compreendo como engano estúpido como esse pode ter acontecido, mas eu lhe garanto, não lhe vai custar um centavo. Espero que o senhor compreenda.

De repente compreendi! "Senhor!" falei baixinho, "que milagre!"

Então falei ao funcionário:

_ Moço, quer fazer o favor de me dar essa declaração por escrito, que a companhia assume a responsabilidade da conta? Dê-me apenas uma quitação assinada e avise o pessoal do navio para deixar minhas caixas em Cape Town.

_ Sim, senhor! - replicou ele, obviamente aliviado porque eu não me mostrava zangado.

Assim que ele me entregou a quitação, corri para um telefone e liguei para Jóyce, que já estava em Cape Town. Ela se mostrou surpreendida ao ouvir a minha voz!

_ Bob, há alguma coisa errada? - perguntou ela.

_ Não! Está tudo bem! - exclamei. E expliquei a ela o que havia acontecido. - Assim, tudo o que temos de fazer é ir à companhia de navegação amanhã apanhar nossas caixas! - concluí. - Não é maravilhoso? _ Louvado seja o Senhor! - gritou ela. - Isto é um milagre!

- Claro que é! - concordei.

_ Bob - falou ela, baixando a voz – posso fazer uma pergunta?

- Pode. O que é?

- Posso autorizar que aquelas caixas sejam enviadas para Henley Manor?

A oportunidade não poderia ter sido melhor. Eu ri entre dentes e repliquei:

- Doçura, se você tem fé à altura do aluguel em Henley Manor, então autorize!

- Viva! - gritou ela. - Até que enfim o homem de fé da África reaparece! - Rimos até nossas faces doerem.

Quando pendurei o receptor decidi que era melhor voltar para casa o quanto antes possível. Depois de alguns dias recebi várias ofertas em alguns cultos que somaram o suficiente para comprar minha passagem aérea de volta para casa.

Assim que desci do avião em Cape Town, telefonei a Jóyce e ela veio me buscar no aeroporto. Em questão de minutos ela chegou e me levou para a nossa nova casa e, agora, também, nossos novos escritórios centrais, em Henley Manor, 205.

Capítulo Vinte e Dois

A Resposta

Em 1970, estava sentado em nosso apartamento, lendo o jornal, quando dei com uma notícia acerca de um ex-capelão que ia dar seu testemunho em uma igreja em Durban.
O artigo contava como este capelão servira na II Grande Guerra com uma unidade do Exército Sul-africano, no Egito - em um lugar chamado EI Kantara. "EI Kantara!" falei comigo mesmo. "Esse é o lugar onde eu estava acantonado." Olhando de novo o nome do homem e o reconhecendo, quase saltei da cadeira.
- Jóyce! - gritei. - Olhe aqui!
- O que é? - perguntou ela, entrando na sala.
- Veja esta notícia no jornal. Lembra-se do que contei a você acerca de um capelão que se recusou a me ajudar no Egito, quando eu estava enfrentando meu problema com a bebida?
- Você se refere a um com quem você tentou conversar após sua volta da Terra Santa?
- Sim, esse mesmo.
- Essa notícia é a respeito dele?
- Exatamente. Parece que foi salvo. Ele vai dar seu testemunho em uma igreja em Durban.
- Bem, isso não é importante? Você vai até lá para ouvi-lo?
- Bem que gostaria, mas é uma viagem muito longa. Acho que vou escrever ao velho maroto. Duvido que ele se lembre de mim!
- Então, peguei pena e papel e comecei a escrever. "Capelão", comecei, "quero que se lembre de 1942, quando você estava aquartelado no deserto, em um lugar chamado EI Kantara. Se você se lembra, um jovem soldado o procurou. Eram cinco horas e a cantina tinha acabado de abrir, e ele queria falar a você acerca de sua alma. Você disse que não tinha tempo e entrou na cantina para ingerir seus drinques. "Capelão", prossegui, "eu sou aquele jovem soldado. Acabo de ler, no jornal, as notícias acerca de sua reunião em Durban, e apenas desejo que você saiba que fui salvo; eu me converti pelo poder de Jesus Cristo. E, então, alonguei-me contando-lhe algumas das coisas

emocionantes que tinham acontecido comigo desde minha conversão. Juntamente com a carta enviei-lhe um de meus livros.

Alguns dias depois recebi uma bela carta: "Óh, quanto agradeço a Deus por sua salvação!" dizia ele. "Você jamais saberá como aquele incidente me perturbou estes anos todos. Estava sempre e sempre me lembrando de como falhei com você na hora de sua necessidade, e minha consciência me perturbava terrivelmente. Cheguei a pensar que jamais teria alívio do terrível peso de culpa, mas, então, chegou sua carta! Oh, como sua carta foi doce para a minha alma! Afinal, o peso foi retirado. "Quando mostrei a carta a Jóyce, ela disse: - Você sabe, Bob, não existe um só momento sombrio quando você realmente confia em Jesus,

- Eu diria que não - repliquei. - É pena que muitas pessoas não compreendam isso. O mundo está cheio de gente que anda à procura de emoção e aventura - e eis que nós tivemos mais emoção em tão poucos anos seguindo a Cristo do que muitas pessoas tiveram em sua vida inteira.

- Bem, as pessoas ficam confusas – continuou Jóyce calmamente. - As luzes brilhantes do mundo e a música barulhenta e os copos de vinho os fazem pensar que tais coisas são tremendamente emocionantes.

- Mas nós sabemos que o vinho novo é melhor, não sabemos?

- Claro que sim! - exclamou ela. - Eu não voltaria àquela velha vida nem por todo o ouro do mundo!

- E, não obstante, tivemos nossos problemas, criamos nove filhos sem termos uma renda fixa e nunca sabendo como vamos pagar o aluguel do mês corrente. Você está ciente de que, na última semana, pela 236 vez, você me fez a pergunta: "Como vamos pagar o aluguel?"

- Aí vai você de novo, controlando a conta . riu ela. - Mas a coisa admirável é que nunca nos atrasamos uma só vez em todos estes vinte e um anos.

- Bem, é isso que torna excitante a vida cristã - disse eu. - É ter grandes problemas e observar Deus resolvê-los a seu modo.

- Naturalmente, muitos crentes não vêem os milagres que nós vimos - observou ela. – As igrejas estão cheias de pessoas que vivem vidas monótonas, enfadonhas e dificilmente chegam a ver um milagre. Eu gostaria de saber por quê.

- Existe apenas uma resposta para essa pergunta - repliquei. -Não acontecerão grandes coisas enquanto a pessoa não se dispuser a correr um risco com Deus.

- Eu acho que o risco pode parecer grande demais para certas pessoas – comentou ela.

- Concordo – falei. – Mas, depois que a pessoa constata que a Palavra de Deus é inteiramente digna de confiança, já não parece um risco.